

Territórios de Criação

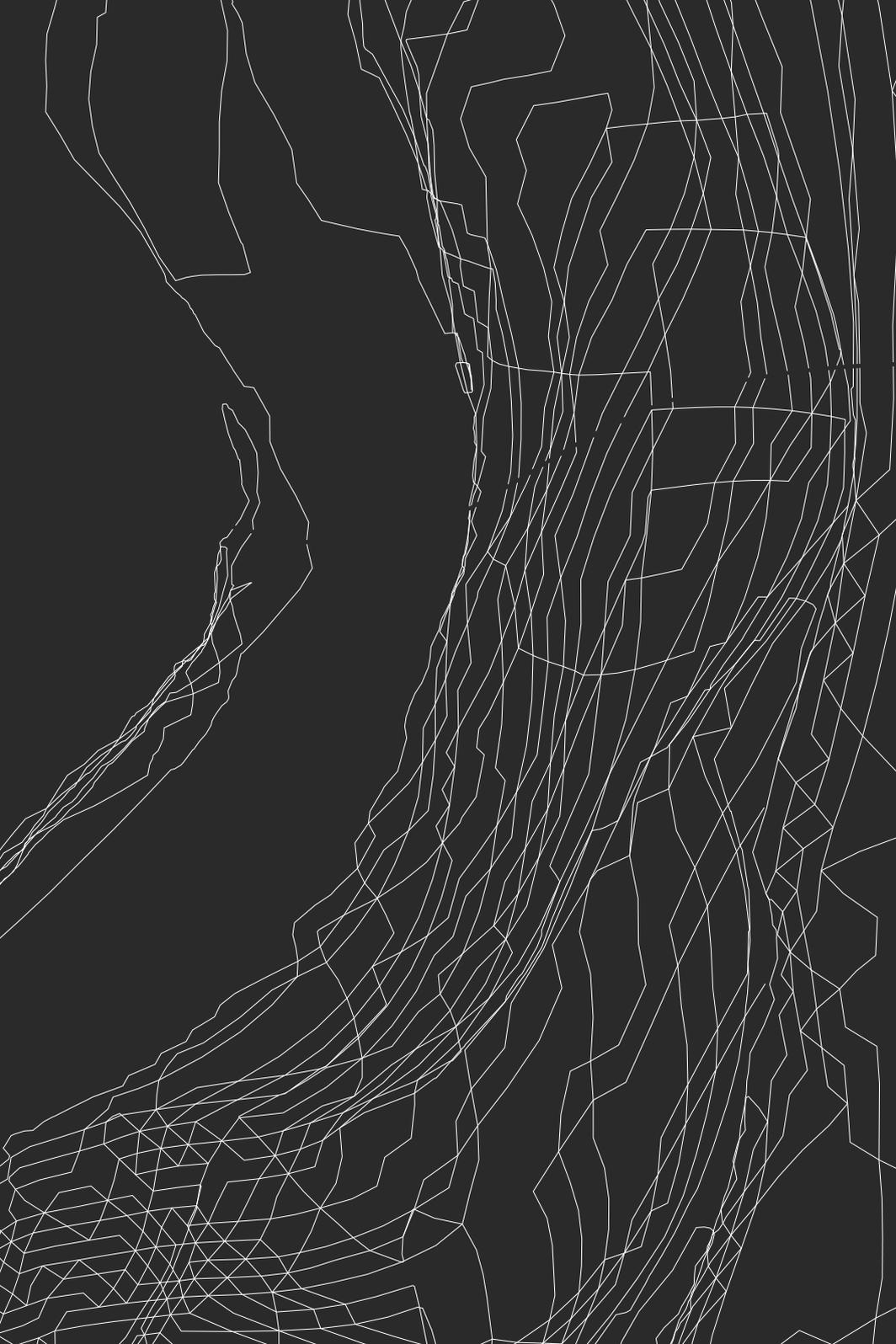
Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

OS TRAJES DE QUADRILHAS JUNINAS

Das sedas e veludos
às chitas e cristais

Ricardo André Santana Bessa





Territórios de Criação
Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

OS TRAJES DE QUADRILHAS JUNINAS

Das sedas e veludos
às chitas e cristais

Ricardo André Santana Bessa

1ª edição | Fortaleza - CE | 2025



Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 155/2022)



Universidade Estadual do Ceará (Uece)

REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira

Ana Cristina de Moraes

André Lima Sousa

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior

Daniele Alves Ferreira

Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão

Heraldo Simões Ferreira

Jamili Silva Fialho

Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro

Paula Bittencourt Vago

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

Sarah Maria Forte Diogo

Vicente Thiago Freire Brazil



Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult CE)

GOVERNADOR DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa

VICE-GOVERNADORA DO CEARÁ

Jade Afonso Romero

SECRETÁRIA DA CULTURA

Luisa Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA

Rafael Cordeiro Felismino

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA DA CULTURA

Geciola Fonseca Torres

COORDENADORIA DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA

Ernesto de Sousa Gadelha Costa

EQUIPE DA COORDENADORIA DE CONHECIMENTO E FORMAÇÃO

Adson Rodrigo Silva Pinheiro

Francisca Maura Isidório

Indira Marcondes Arruda

Jessé Albino Santana

Keila Giullianna Braga Reis

Kilviany Pereira de Sousa

Maria Janete Venâncio Pinheiro

Nílbio Thé

Raquel Lopes da Silva

Tainá Oliveira Silva Santos



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do
Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo
(Lei Complementar n. 195/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIAO E SEGURANCA

Gestão do Programa Territórios de Criação

Mercúrio – Gestão, Produção e Ações Colaborativas e Casa das POC Produções Criativas

COORDENAÇÃO DAS AÇÕES

Camila Guerra
Nádia Sousa
Thyago Ribeiro

PRODUÇÃO

Ana Vieira
Gabriel de Sousa
Lorena Soares
Victor Hugo Leite

COMUNICAÇÃO

Angélica Maia
Carlos Weiber
Cris Maciel
Lucas Benedecti



© Copyright das(es) autoras(es).
1ª edição. 2025.
Direitos reservados desta edição:
Mercúrio Gestão, Produção e Ações Colaborativas

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

Coordenação editorial EdUECE

Cleudene Aragão
Nayana Pessoa

Curadoria da coleção

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho
Profª. Dra. Francimara Nogueira Teixeira
Prof. Dr. Márcio Mattos Aragão Madeira
Profª. Dra. Renata Aparecida Felinto dos Santos
Profª. Dra. Tércia Montenegro Lemos

Coordenação executiva Territórios de Criação

Camila Guerra, Nádia Sousa e Thyago Ribeiro

Preparação e revisão

Narayana Teles

Projeto gráfico e diagramação

Carlos Weiber

Diagramação

Faruk

Bibliotecária: Meirilane Santos de Moraes Bastos CRB-3/785

B557t Bessa, Ricardo André Santana

Os trajes de quadrilhas juninas [livro eletrônico]: das sedas e veludos às chitas e cristais / Ricardo André Santana Bessa.-- 1 ed -- Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2025.
(Coleção Territórios de Criação; 4)
PDF.

Inclui referências
ISBN: 978-65-83910-17-2

1. Trajes - Festas juninas. I. Título.

CDD: 394.30981

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi Reitoria
- Fortaleza - Ceará. Cep 60714-903
Tel: (085) 3101-9893 www.uece.br/eduece eduece@uece.br

Territórios de Criação: pesquisa e produção de conhecimento no campo das artes

Com grande diversidade de temas e propostas, a Coleção Territórios de Criação evidencia uma rica pluralidade de perspectivas epistêmicas. Essa produção é atravessada pela experiência dos agentes culturais e enriquecida pela troca de vivências no campo cultural. Tanto a produção acadêmica, como as diversas formulações aqui elaboradas ressignificam as práticas culturais e artísticas, em processo de mútua transformação.

Abrangendo pesquisas em áreas como fotografia, cinema contemporâneo, *performance*, patrimônio, dança, dramaturgia, arte urbana, artes gráficas, carnaval, o movimento junino e literatura marginal, a coleção reflete a profusão do pensamento e conhecimento formulados a partir dessas expressões culturais. Todos esses campos são atravessados por diálogos com o pensamento feminista, questões de ancestralidade e interseccionalidades, como gênero, sexualidade, raça e etnia. As contribuições vêm de diferentes municípios cearenses, como Crato, Juazeiro, Barbalha, Iguatu, Senador Pompeu, Itapipoca e Fortaleza.

O resultado é este panorama rico e multifacetado de perspectivas e sensibilidades, de olhares e sensibilidades que inundam o nosso campo cultural com o conhecimento produzido pelos pesquisadores selecionados no edital Territórios de Criação,

aos quais agradecemos desde já o interesse nessa partilha, que aqui se materializa em parceria com a Universidade Estadual do Ceará, por meio da EdUece.

Financiado com recursos federais oriundos da Lei Paulo Gustavo, este projeto integra uma série de importantes iniciativas de fomento realizadas pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Esta ação fortalece a pesquisa e a produção cultural no Ceará, conectando o estado ao restante do Brasil e do mundo.

A intenção é transformar essas iniciativas em uma ação contínua para que, periodicamente, um grupo diversificado de pesquisadores e pesquisadoras dos municípios cearenses tenha suas publicações financiadas e disponibilizadas nas bibliotecas. Além disso, esta política, ao estimular a visibilidade dessa produção local, contribui para a inserção de nossos agentes culturais em circuitos acadêmico-científicos, oportunizando momentos de troca de experiências e difusão de saberes gestados a partir de dinâmicas da cultura cearense.

Viabilizar e implementar estas ações e estratégias é uma grande satisfação para a Secult Ceará. Isso só é possível graças à confiança e ao engajamento dos pesquisadores e pesquisadoras que apostam nos projetos e parcerias, comprometidos com a execução e sucesso desta política de publicações. Com isso, estamos valorizando cada vez mais a cultura cearense e o trabalho destes atores, destacando a importância da pesquisa, da reflexão e de novas ideias para o setor cultural.

Valorizar a pesquisa e a reflexão sobre o campo da cultura no Ceará é reconhecer a relevância da qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras da cultura. Esses profissionais desempe-

nham um papel crucial para a reverberação das políticas públicas e, conseqüentemente, para o fortalecimento dos territórios, promovendo suas respectivas identidades e singularidades.

Ao investir nessas políticas, o Governo do Ceará não apenas impulsiona a cultura e as artes, mas também contribui para posicionar o estado como referência nacional na produção de conhecimento e assegurando um acesso mais democrático ao conhecimento acadêmico em torno da cultura e das políticas culturais.

Luisa Cela de Arruda Coelho
Secretária da Cultura do Ceará

Difundindo conhecimento no campo das artes e da cultura

A formação em arte e cultura tem se revelado como um pilar de crescente relevância na política cultural do Ceará, estabelecendo-se, ao longo do tempo, como um dos eixos fundamentais dessa estratégia. A criação de programas governamentais direcionados nos planos plurianuais 2020-2023 e 2024-2027, com enfoque no desenvolvimento do conhecimento, na formação, no livro e na leitura, constitui um testemunho eloquente deste fenômeno. Em paralelo, a expansão e descentralização de programas e ações formativas, impulsionadas pela Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais do Estado do Ceará (RECE) e por editais específicos destinados a tal finalidade, conferem uma materialidade palpável a esse processo em curso.

À medida que a política de formação artística e cultural adquiriu relevância e maior escala, vislumbrou-se a necessidade de multiplicar ações e estratégias que ampliassem sua abrangência, entre as quais se destaca a promoção do acesso ao conhecimento produzido no âmbito do campo cultural. Com esse intuito, a Secult e a EdUece uniram esforços para propor a criação do selo Arte, Cultura e Conhecimento, uma linha editorial destinada a difundir saberes e práticas gerados em torno das artes e da cultura. Essa iniciativa valoriza a pesquisa e a construção do conhecimento sobre as dinâmicas que perpassam e constituem esse campo, com especial atenção ao contexto do nosso estado.

A presente coleção se alinha a um dos propósitos fundamentais do selo Arte, Cultura e Conhecimento, que visa disseminar, para além dos muros e repositórios acadêmicos, a produção intelectual que se configura em torno de temas e questões pertinentes ao setor artístico-cultural. De um lado, essa iniciativa busca contribuir para a democratização do acesso a tais conteúdos, favorecendo sua apropriação e instrumentalização por agentes culturais. De outro lado, almeja que essa produção epistêmica infiltre-se nas dinâmicas culturais, concorrendo para qualificar ainda mais os diversos agenciamentos estéticos, poéticos, produtivos e formativos, bem como as esferas políticas que os permeiam.

Marcada, simultaneamente, pela multiplicidade temática e singularidade das propostas autorais, a coleção Territórios de Criação apresenta um rico panorama de investigações realizadas por agentes que tornam suas práticas artístico-culturais porosas a formulações acadêmicas e vice-versa. Evidencia, dessa forma, a potência de pesquisas nutridas pelas vivências pessoais e experiências construídas em distintos contextos, apontando para um processo de retroalimentação entre fazeres do campo cultural e da academia. Nessa tessitura, expressões e linguagens culturais emergem, imbuídas de um pensamento que, de modo entrecruzado, contemporâneo e ancestral, entrelaça-se às problematizações que dialogam com elementos interseccionais como gênero, sexualidade, raça e etnia.

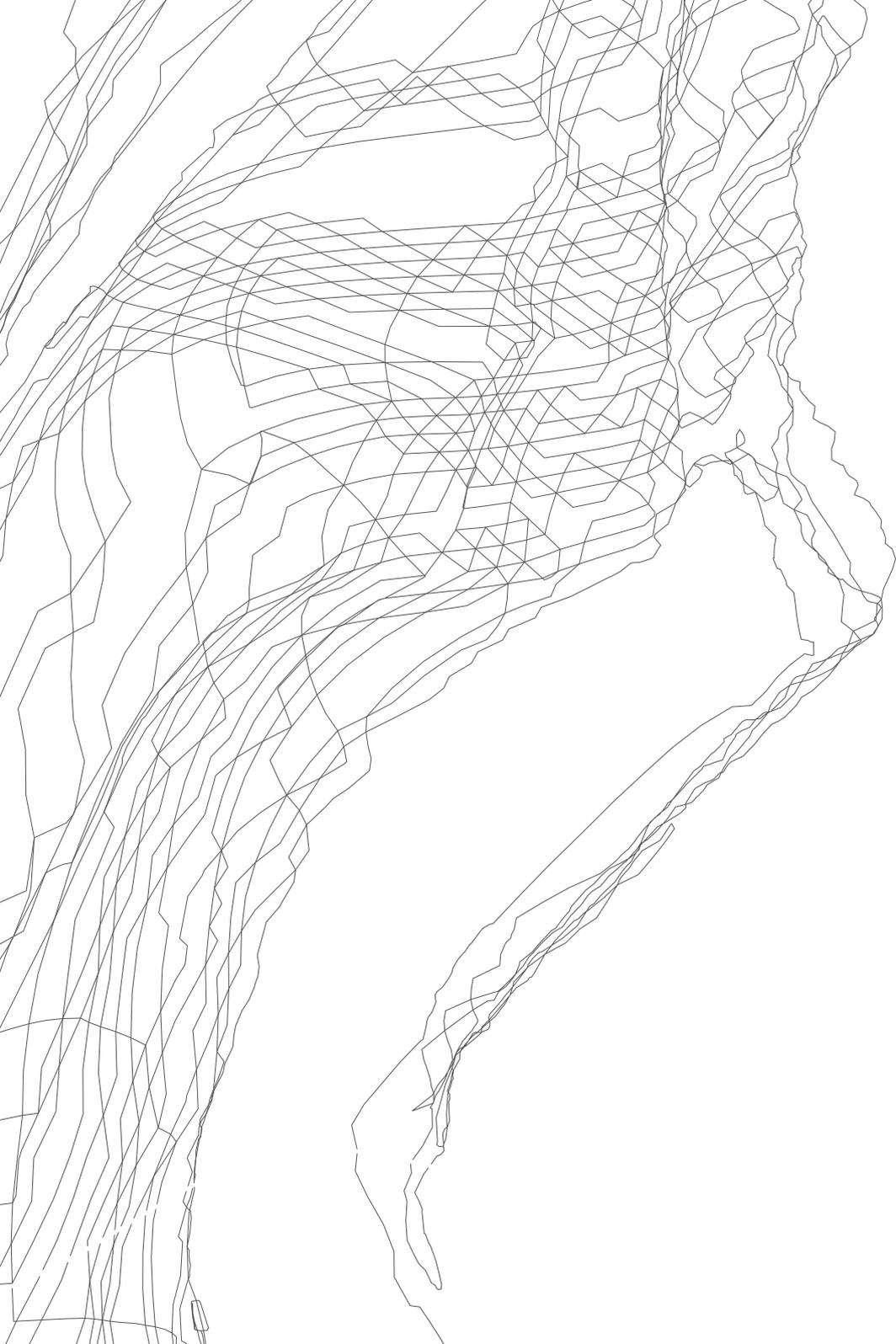
Esperamos, com a publicação da Coleção Territórios de Criação, estar dando mais um importante passo na direção do fortalecimento, ampliação e descentralização das ações voltadas

para a promoção do conhecimento e da formação em arte e cultura. Ao mesmo tempo, desejamos que a riqueza da produção epistêmica presente em seus volumes possa derramar-se sobre o campo cultural como a água que irriga e o adubo que fertiliza, reverberando nos agentes, em seus saberes, fazeres e agenciamentos. Em última instância, trata-se de uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento, compartilhar sentidos, provocar o pensamento, movimentar a cultura.

Desejo a todas e todos uma excelente leitura!

Ernesto Gadelha

*Coordenador da Coordenadoria de Formação,
Livro e Leitura da Secult Ceará*



Sumário

- 19 Prefácio
- 23 Introdução
- 29 Signos, festas e quadrilhas no Brasil
- 127 Trajes de quadrilhas
- 283 Considerações finais
- 291 Referências
- 303 Sites consultados
- 307 Agradecimentos

PREFÁCIO

De quando Ricardo Bessa levou um susto e descobriu que seu trabalho era uma pesquisa mais do que séria

Tudo o que não se desejava naqueles dias do Colóquio de Moda, em 2018, em Curitiba, era... “olhar para o céu e ver como ele está lindo”. Estava um frio de arrepiar.

No entanto, na sala de apresentações do Grupo de Trabalho Traje de Cena (GT Traje de Cena), excelentes trabalhos eram apresentados, como tradicionalmente ocorre desde 2009. Estávamos lá: eu mesmo, Carolina Bassi de Moura, Graziela Baena, Lea Schmitt, Maria Celina Gil, Nélia Finotti, Nívea Faria de Souza, Renata Cardoso da Silva, San Pestana, Sérgio Ricardo Lessa Ortiz, Surama Sulamita, Tainá Vasconcelos, diversos outros e ele: Ricardo André Santana Bessa.

Bessa não era um iniciante no GT Traje de Cena. No Colóquio de Fortaleza, em 2013, foi o responsável por receber na capital cearense, Beth Filipecki e Samuel Abrantes, dois figurinistas de grande importância no cenário nacional. Por isso, estranhamos quando ele, de personalidade destacada, falante, opinativo, irônico até a morte, estava quieto e controlado ao apresentar sua pesquisa *O figurinista de quadrilhas*, trabalho que, naquele ano de 2018, receberia o prêmio de melhor apresentação do nosso GT.

Devo confessar que não costumo mediar apresentações ou comunicações em colóquios e congressos apenas pelo prazer de fazê-lo. Gosto de encontrar novas pesquisas, pesquisadores sérios

e de ajudar a indicar ou perceber caminhos que possam elevar o trabalho a um nível cada vez mais refinado. Foi assim com o trabalho de Ricardo Bessa: percebi ali o potencial de uma pesquisa inédita, capaz de expandir um campo que já existia, notadamente na região nordeste do país, mas que poderia ser aprofundado.

Quando Bessa terminou sua apresentação, comentei sobre esses atributos de sua pesquisa. Incrédulo, ele titubeou, talvez desconfiado de que o tema fosse inusitado demais para uma pesquisa acadêmica. Ressaltei que era uma temática popular, de apelo histórico, significativa como pesquisa e que, atualmente, gerava muito dinheiro para diversas comunidades e agremiações que se dedicam, e sempre se dedicaram, às quadrilhas e festividades juninas — destacando assim a importância dos trajes nesses eventos.

Foi dessa maneira que começou uma parceria acadêmica que só terminaria em 2023, quando Ricardo Bessa finalmente concluiu sua tese de doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que tive o grato prazer de orientar — e que se tornou este livro que agora chega ao leitor, em mãos e/ou virtualmente.

Seu trabalho mapeia as primeiras festas e toda a cultura junina que permitiu que, hoje em dia, as quadrilhas nordestinas se apresentassem com tanta força e garbo. Ele passa pela importância das heranças portuguesa, indígena e negra, e apresenta os festivais (e suas regras...) nos quais atua como jurado. Ricardo Bessa diseca, então, em minúcias, os trajes dos participantes da festa, em um trabalho de caráter pioneiro na pesquisa sobre trajes de folguedo no país. Examina as diferenças

entre trajes tradicionais e estilizados e apresenta os trajes masculinos e femininos das quadrilhas, usando farto material visual e entrevistas com as pessoas que realmente fazem os trajes – e a festa, por que não? – acontecerem.

O leitor poderá perceber que uma quadrilha hoje é uma combinação intrincada de valores sociais, políticos e econômicos, muito distante do que foi um dia aquela quadrilha tradicional (acalme-se, leitor: essa ainda existe). O que Bessa nos revela é o caminho traçado pelo folguedo, hoje bastante performático, e que garantiu sua sobrevivência ao se transformar em um evento de destaque.

É para celebrar com alegria que Ricardo Bessa nos convida a entrar neste universo, que ele nos apresenta tão bem porque é parte dele, e que acaba de se tornar um material de referência para os pesquisadores da área.

Boa leitura.

Fausto Viana

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre quadrilhas juninas tiveram grande impulso nas últimas décadas, enriquecendo bastante a compreensão sobre o movimento junino no Brasil, apesar de os maiores detentores dos saberes da história – que são os brincantes – ainda pouco registrem seu legado, fazendo com que pesquisadores ávidos por conhecimento encontrem registros deficitários, principalmente, na região nordestina brasileira.

O Nordeste tem a herança de culturas europeias, indígenas e negras, como o restante do país, mas mantém manifestações culturais únicas. Dentre elas, destacam-se as quadrilhas, herança lusitana, que talvez sejam a maior expressão cultural nordestina: repletas de tradição, movimentam a economia e geram milhares de empregos, principalmente, no setor de criação e confecção de trajés.

As quadrilhas fazem parte das tradições folclóricas nordestinas e são patrimônio cultural e imaterial dos brasileiros. A quadrilha é um espetáculo construído em diversas etapas e que requer um alto investimento por parte dos quadrilheiros, realizando um grande trabalho de pesquisa nos bastidores no qual é desconhecido pela maior parte do público e que levanta uma discussão entre a tradição e a modernidade.

Há alguns anos, comecei a acompanhar os festivais de quadrilhas e a constatar que as festas juninas no Nordeste têm uma grandiosidade maior que o Carnaval, pois não se resumem a um período de poucos dias, como nos festejos carnavalescos, e duram meses, movimentando milhares de pessoas.

O interesse, ainda tímido, pelo universo das quadrilhas juninas, surgiu em 2011, quando fui convidado para ser jurado em um festival de quadrilhas em Sobral, interior do Ceará. Em 2015, ao pesquisar pela primeira vez sobre o universo das quadrilhas e sobre os figurinos, iniciei um aprofundamento maior sobre o tema.

Nos últimos anos, tenho acompanhado as transformações que as agremiações juninas passaram e a discussão sobre a mudança das quadrilhas, antes caipiras (matutas ou sertanejas) e que conservavam as características originais quando as quadrilhas migraram dos salões da corte portuguesa no século XIX e foram para o interior do Brasil.

A partir da década de 1980, com o surgimento dos festivais competitivos de quadrilhas nas periferias das capitais, os trajes das quadrilhas estilizadas tornaram-se os símbolos das mudanças e distanciamentos das formas tradicionais. Houve também a espetacularização das apresentações, na qual a principal personagem da quadrilha passa a ser a rainha e não mais o casal de noivos. Nessa década, iniciaram as mais expressivas mudanças nas quadrilhas em que os trajes simples de chita começaram a ser abandonados e retornou-se ao uso de materiais nobres como veludos e sedas, com destaque aos bordados.

Em 2007, a rede social *Facebook* chegou ao Brasil, e as quadrilhas começaram a divulgar seus trabalhos nas redes sociais. O processo de midiaticização em massa das quadrilhas cresceu na última década e as redes sociais desempenharam um papel importante na divulgação das quadrilhas.

O trabalho também gerou uma reflexão não só sobre a transformação das festas desde a sua chegada no país, em 1808, mas também revelou a existência de outras festas juninas por outros países, como em Portugal, Espanha e México. Foi possível observar, principalmente, as diferenças entre os trajes nessas regiões e nossas quadrilhas brasileiras – e estas têm diversas características distintas, dependendo do estado em que acontecem.

A pesquisa nasceu num processo de confinamento e reclusão provocado pela pandemia de covid-19. Teve como objetivo inicial estudar os trajes das quadrilhas e identificar sua importância no contexto das festas juninas no Nordeste brasileiro. Na adversidade do período pandêmico, foi possível conhecer mais a fundo a cadeia produtiva que gira em torno dos movimentos quadrilheiros, através do contato com dezenas de brincantes, de maneira *on-line*, em cursos, “*lives*”¹ e encontros que se multiplicaram nos últimos anos. Com a pandemia, todo movimento junino parou, em parte, e tornaram-se virtuais os encontros e concursos, eventos que movimentaram esses tempos difíceis.

1 *Live* é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na *Internet*, geralmente feita por meio das redes sociais. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghnm>. Acesso em: 22 dez. 2022.

É importante considerar uma série de elementos que fazem parte desse debate, entre os quais a lógica da sociedade de consumo e como as práticas culturais regionais foram aderindo à dinâmica da indústria cultural. As quadrilhas atuais, denominadas ricas e luxuosas, são frutos de nosso tempo, pois acompanham uma tendência que destacou as quadrilhas tradicionais ditas matutas, em que seus brincantes vestiam-se de maneira simples. Quanto à composição dos trajes atuais, caminha cada vez mais para a renovação de seus elementos originais simplórios e para a construção de trajes luxuosos.

No decorrer deste trabalho foram feitas dezenas de entrevistas (muitas informais) com figurinistas, brincantes, componentes de quadrilhas cearenses, público presente em festivais na capital e no interior do Ceará, buscando entender os processos criativos e a cadeia criativa que gira em torno dos trajes de quadrilhas, além de buscar nos acervos e memórias de profissionais que trabalham e/ou trabalharam com trajes de quadrilhas. Houve um levantamento de trabalhos escritos sobre grupos e figurinos de quadrilhas no Ceará.

É importante ressaltar no processo de pesquisa o papel de outros pesquisadores que fazem parte da RNP – Rede Nacional de Pesquisa em Quadrilhas Juninas, grupo formado nas redes sociais, que surgiu com o intuito de trocar ideias e conhecimentos sobre tudo que envolvesse quadrilhas juninas. Nas conversas informais foram tiradas muitas dúvidas e conhecidos tópicos importantes que deveriam fazer parte deste trabalho, tornando-o inovador na pesquisa sobre quadrilhas juninas no Nordeste.

Ao realizar este trabalho, pretendo trazer, além da discussão sobre a mediação das quadrilhas juninas, um registro sobre os trajes de quadrilhas, sua importância nas quadrilhas, sua cadeia produtiva e, por fim, realizar um recorte histórico dentro da moda sobre os trajes de quadrilhas e suas raízes na própria história da moda.

Desejo a todos uma boa leitura e reflexão.

SIGNOS, FESTAS E QUADRILHAS NO BRASIL

Durante o desenvolvimento da história, nos vestimos por necessidades básicas de proteção, para atrair e seduzir o outro, por pudor e poder, como tratou John Flügel em sua obra “Psicologia do Vestuário (1966)”, e que ainda nos faz uma reflexão sobre estar bem-vestido e como isso traz satisfação e bem-estar, um pensamento que ajuda a entender a relação dos brincantes de quadrilhas juninas e seus trajes. O investimento em trajes pode ser o maior em uma quadrilha, dada a sua importância. Já James Laver, em “A Roupas e A Moda (1996)”, pensou a moda como um retrato das mudanças culturais que nos acompanham na nossa evolução - novamente, nos deparamos com reflexões sobre os trajes de quadrilhas dentro de sua própria história e como elas se ressignificam até chegar aos dias de hoje.

Alguns fatores devem ser considerados ao tratarmos das quadrilhas juninas brasileiras e como esses folguedos se modificam nas festas em mais de 200 anos desde que chegaram no Brasil através de seus trajes e seus significados na cultura junina. É importante fazer uma viagem panorâmica no tempo para entendermos melhor como as quadrilhas se tornaram um dos maiores símbolos da cultura brasileira através das festas

nordestinas e como seus trajes foram e são um retrato de nosso tempo, mesmo que haja correntes que afirmam que os figurinos perderam suas raízes originais, pois descaracterizaram-se nas últimas décadas, perdendo sua autenticidade, corroborado pelo pensamento de Renato Ortiz (1994), que afirmou que num contexto globalmente alienado, a cultura está inevitavelmente condenada à inautenticidade (1994, p. 56).

As primeiras festas

As primeiras festas na história do homem surgem nos campos, nas colheitas e na celebração da fartura, e em nossa cultura, uma herança cristã, e que vão ser consideradas as origens remotas das festas juninas. Nessas celebrações, poderíamos afirmar que homens e mulheres se vestiam com trajes e adereços ritualísticos, trazendo valor a esses eventos e que são estudados na etnocenologia.²

Muito antes das festas, os ciclos da natureza já eram valorizados por nossos ancestrais. Vilela (2015), contextualiza que há dois momentos no calendário solar em que os ritmos universais são marcantes: os solstícios de verão e de inverno. As festas de solstício no hemisfério norte aconteciam em duas datas: verão (24 de junho) e inverno (25 de dezembro).

² Etnocenologia é o estudo, igualmente nas diferentes culturas, das práticas e de igual maneira também dos comportamentos humanos espetaculares organizados. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/etnocenologia/13109/> Acesso em: 28 abr. 2023.

Expressavam a fertilidade e a alegria e era o momento de se alimentar e de saltar as fogueiras num ritual de purificação, atirando substâncias com efeitos sobrenaturais (Costa, 2022, p. 03). Podemos ver um exemplo dessas festas nos campos europeus, nas comemorações das festas de São João (24 de junho), representadas na obra de Jules Breton (1827-1906) “A festa de São João”, de 1875, conforme a figura 01.



Figura 01: Quadro “A Festa de São João” (1875). Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Feast_of_Saint_John.jpg

Consagradas pela sabedoria pagã e pela filosofia grega, marcam a comunhão com a ordem universal, externa ao domínio humano. Os gregos festejavam os solstícios com bebedeiras homéricas e orgias dionisíacas (Vilela, 2015). Podemos supor que nessas festas, os celebrantes usavam trajes especiais e que foram se adaptando com o passar do tempo, como vemos nas festas

juninas de hoje. Esse período de festas coincide com as colheitas no Nordeste, principalmente, a do milho, um símbolo das festas juninas. Carvalho e Costa (2022) contextualizam:

Podemos dizer que a partir da observação desses fenômenos meteorológicos, climáticos e suas implicações nas crenças e costumes culturais dos povos, nascem as motivações para as celebrações festivas de São João ou festas juninas (levam esse nome por serem realizadas durante o mês de junho). (Carvalho; Costa, 2022, p. 75)

O milho é um dos símbolos do período junino, já que sua colheita coincide com as festas juninas e junto com o acendimento de fogueiras refletem também as raízes de nossas festas rurais, que remontam a milhares de anos, anteriores à Era Cristã.

Vemos suas manifestações, principalmente, em rituais pagãos, e hoje, no caso do milho, sempre representado nas festas, seja na escolha do rei ou rainha do milho, e nos trajes nas quadrilhas, como observamos na figura 02, na apresentação da quadrilha pernambucana Raio de Sol, em 2015, que apresentou o tema “Acorda”, contando a história de duas mulheres que sonhavam ser rainhas do milho. As cores verde e amarelo do milho destacam-se nos trajes. O tema “milho” é muito recorrente.



Figura 02: Quadrilha pernambucana “Raio de Sol” (2015). Fonte: <https://redeglobo.globo.com/globonordeste/noticia/2015/06/raio-de-sol-vence-o-festival-de-quadrilhas-juninas-da-globo-ne.html>

É preciso ressaltar que povos da Antiguidade como celtas, egípcios, bascos, bretões, persas, sumérios, entre outros, realizavam rituais durante o solstício de verão do hemisfério norte, quando ocorre o dia mais longo do ano, para invocar a fertilidade do solo e trazer a fartura na colheita dos alimentos (Delfini, 2011, p. 27). Com o advento do Cristianismo, a Igreja Católica como não conseguiu extinguir aquelas comemorações ritualísticas, proibiu-as; e assim como aconteceu com outras festas de origem pagã, adaptou-as ao seu próprio calendário festivo (Cartilha Ciclo Junino, 2008).

Podemos supor que essas festividades remotas eram grandiosas como as festas contemporâneas nos limites e formas de fazerem festas naquele tempo e que poderiam ter usado trajes específicos ou pensados para essas festividades. Vestir-se com trajes ritualísticos sempre foi perene na nossa história. Podemos supor que os povos antigos também pensavam em trajes especiais para essas festas, assim como hoje.

Cultura junina

Ao estudarmos os trajes de quadrilhas, podemos refletir sobre como a arte transporta elementos como beleza e imitação à cultura junina, que são um reflexo da cultura produzida nas quadrilhas nas últimas décadas. Os trajes transformaram-se em vestuário de luxo.

Refletir sobre cultura popular é assimilar os estudos de folclore de Câmara Cascudo (1898-1986), importante pesquisador brasileiro, que buscou documentar elementos da cultura popular para não serem esquecidos. Refletindo a partir dos trajes atuais, nos deparamos com os modelos tradicionais de vestidos de chita e camisas xadrez das quadrilhas típicas do século XX, e que servem de referência aos estudos sobre trajes, feitos neste trabalho, em que se discute muito a tradição das quadrilhas através do vestuário, suas transformações e progresso. Ortiz (1994) lembra ainda:

De qualquer maneira persiste o elemento conservador; valoriza-se a tradição como presen-

ça do passado, todo progresso implicando um processo de sacralização da sabedoria popular. (Ortiz, 1994, p. 71)

Como pensar ou definir a arte nas quadrilhas, nas danças e nos trajes juninos? Definir arte não é uma tarefa fácil, principalmente, ao relacionarmos a arte ao nosso trabalho de analisar os trajes de quadrilhas. Temos muitas divergências entre os tradicionalistas pensadores de cultura junina e os da atualidade.

Na Antiguidade, Platão idealizou arte como mimese, uma cópia ou imitação: a arte, ao mesmo tempo em que reproduz as coisas do mundo, distancia o pensamento da realidade e do belo. Entremeadado ao pensamento de Platão, Aristóteles reconhece a mimese³, mas reforça como a arte pode ser positiva, além de nos trazer a catarse através das músicas nas danças. Não existem quadrilhas sem danças. Ao refletir sobre o pensamento de Platão e Aristóteles, podemos inferir que os trajes de quadrilhas reproduzem, ainda, o tempo dos bailes do século XVIII, quando cavalheiros e damas dançavam a quadrilha com belíssimos trajes. Mudaram as modas, as quadrilhas foram para o interior, mas a busca pelo belo ainda continua nas criações de figurinos das quadrilhas.

O escritor russo Leon Tolstói (1828-1910), ao refletir sobre a arte e sobre o futuro desta, referiu-se a algo novo, a partir de uma

3 Termo de origem grega que significa imitar. A mimese é a imitação ou representação de algo. Em sua origem, era o ato de representar uma pessoa através dos gestos e falas, porém, essa pessoa também poderia ser uma coisa, uma ideia, um deus, um herói etc. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-mimese>. Acesso em: 20 mai. 2023.

suposta arte que seria exclusiva das altas classes. Tolstói (2002), considerou que a arte no fim do século XIX, estava degenerada e não servia mais ao povo. Interessante refletir sobre esse pensamento, de um europeu, pois no Brasil, com relação às quadrilhas, aconteceu o contrário. As danças de quadrilhas chegaram ao Brasil como danças das classes altas. Tolstói, ao pensar sobre a arte no futuro, “pontuou que ela não seria uma continuação da de hoje” (Tolstói, 2002, p. 249). Ao nos debruçarmos no pensamento de Leon Tolstói, podemos identificar uma conexão com a arte das quadrilhas, antes dança da corte, e depois uma dança popular, que segue a tradição, mas que se modificou, sendo apreciada pelas massas populares. Os artistas – dançarinos de hoje não são somente das classes privilegiadas, e sim, compõem grupos que se formam como uma grande mistura de classes e gêneros, acessíveis para todos.

Algumas perguntas surgem e as relacionamos ao pensamento dos filósofos gregos e às quadrilhas juninas: podemos dizer que as quadrilhas juninas fazem uma imitação, que são cópias dos modelos originais? A arte acompanha as mudanças sociais que se refletem em suas expressões e representações? A cultura é aprendida, é simbólica e social? A música não é o elemento condutor nas quadrilhas e provoca uma catarse nos brincantes? O produto desse comportamento e do conhecimento gerado pode ser denominado de cultura? Gombrich (2008, p. 137) reflete que muitos acham que entendem a arte ao rotulá-la, mas que olhar o novo numa viagem de descoberta é muito mais difícil – mas tem o lado compensador de olhar a cultura através das tradições, como fez Câmara Cascudo, no que Ortiz (1994, p. 132) conclui que “a tradição nunca é mantida integralmente”. Ainda nos deparamos com pensamentos de

personagens do movimento junino que desconhecem a própria história das quadrilhas e que pensam que as quadrilhas juninas nordestinas é que influenciaram as demais. As festas juninas são os festejos que mais se popularizaram no Nordeste brasileiro, irradiando-se para todas as regiões.

A quadrilha contemporânea nasceu a partir de cultura híbrida entre o sagrado e o profano – a pesquisa sobre ela, de algum modo, romperia com a tradição dos estudos folclóricos, se pensarmos nos trajes, nesse sentido dentro da cultura junina e que sempre provoca discussões sobre descaracterização e tradição. Considerando-se os apontamentos de Roberto Benjamin, presidente da Comissão Pernambucana de Folclore, há uma nova conceituação do que é folclórico. Nela, a tradicionalidade é entendida hoje como uma continuidade:

Onde os fatos novos se inserem sem uma ruptura com o passado, as que se constroem sobre esse passado – são, por exemplo, materiais novos com que se refazem peças de vestuário cuja matéria-prima tornou-se escassa ou inacessível; são gírias que se agregam a velhos contos; são lendas reinterpretadas; é o automóvel e o avião substituindo o cavalo e a carruagem em narrativas tradicionais; é a fotografia substituindo a escultura do ex-voto etc⁴.

4 Ver documento disponível em: <https://sossegodaflora.blogspot.com/2019/09/conceito-de-folclore.html> Acesso em: 6 out. 2023.

O que define uma quadrilha contemporânea? Não é apenas o gosto saudoso do passado ou as memórias afetivas de alguma avozinha. A música, o figurino, os passos, os elementos coreográficos, os personagens e os temas são a rota principal na estrada cultural dos estudos sobre as quadrilhas.

É verdade que ainda temos a culinária sazonal com base no milho e as bebidas próprias do período; as festividades religiosas católicas afro-brasileiras – muitas vezes, transpostas ao catolicismo popular (adivinhações e sortilégios), atividades e ritos de sociabilidade: compadrio, quermesses, festivais; expressões artísticas: cênicas (danças e teatro), musicais e visuais (cenários, figurinos e adereços) pondo em destaque a quadrilha junina, que passou a ser o elemento motivador da própria festa. É preciso refletir que a festa junina é fruto de um investimento financeiro alto que podemos ver representado nos trajes, e diferente do que chamamos de festa caipira, que remete a uma festa pobre em que os brincantes usam trajes maltrapilhos.

Cultura junina é um termo amplo e complexo, assim como a cultura brasileira – que Alfredo Bosi (1992) prefere chamar de culturas brasileiras, dada a nossa diversidade cultural. Neste sentido, podemos falar em culturas juninas diversas pelas diferentes características entre os estados, incluindo diferenças nos trajes. Para Zucon; Braga (2012, p. 12), cultura pode ser definida “como o conjunto de saberes, comportamentos, crenças e costumes adquiridos e transmitidos por um processo coletivo de aprendizagem”. Para Aterlane Martins⁵, a definição de cultura engloba os diversos sujeitos

5 Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Coordenador de Arte e Cultura PROEXT/IFCE. Coordena a Rede Nacional de Pesquisadores em Cultura Junina. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFC, 2020-2024). Mestre e Licenciado em História (UFC). Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/8983/> Acesso em: 22 mar. 2002.

sociais, as produções e valores simbólicos próprios das manifestações culturais do ciclo junino brasileiro, ou seja, aqueles que agregam os elementos da tradicionalidade e da contemporaneidade na execução do ciclo junino. Observar a quadrilha estilizada cearense Junina Babaçu⁶ com seus trajes para o ano de 2023, vista na figura 03, é perceber elementos como brilhos e bordados, tão comuns nas quadrilhas juninas contemporâneas, mas distante dos antigos trajes campesinos. A tradição, ao transformar-se, é acusada de descaracterização, principalmente, nos trajes de quadrilhas juninas.



Figura 03: Quadrilha Junina Babaçu com o tema “Festaça” (2023). Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/saojoao/noticia/2023/06/12/quadrilha-junina-babacu-conquista-o-hexacampeonato-do-arraia-do-ceara.ghtml>

6 A Junina Babaçu é uma agremiação junina, fundada no ano de 1989, no bairro Parque Santo Amaro, na cidade de Fortaleza-CE. O bairro é localizado no extremo oeste da metrópole. Foi criada por Tácio Monteiro – atual presidente, com o nome de Arraiá da Babaçu. Com esse nome, participou de festivais durante um período de dez anos. Mas, em 1999, se afastou dos festivais e retornou no ano de 2011, com o nome Junina Babaçu, brilhando desde então nos arraiais do Brasil. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32608/3/2017_tccII_mddefdamasceno.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.

Pensar em quadrilhas é pensar nos elementos visuais, entre eles, os trajes. Nas regiões Sul e Sudeste, a quadrilha é ligada aos elementos tradicionais, como podemos observar nos trajes nas festas juninas gaúchas, na figura 04, em que os trajes estão ligados às tradições gaúchas, chamando atenção o vestido modelo prenda⁷.



Figura 04: Festas juninas gaúchas. Fonte: <https://www.reporterguaibense.com.br/coluna/os-festejos-juninos-e-o-gaucha>

Inserida na cultura popular, a quadrilha tem se reinventado na era da globalização, deixando de ser uma festa do interior, tornando-se uma comemoração citadina, urbana, mediada pelas tecnologias digitais, ritmos antes não usados, que se modificam constantemente, mesmo com suas raízes tradicionais.

7 O vestido de prenda é uma criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que a partir de 1948 produziu um traje que representa a mulher gaúcha de tal forma a combinar com o traje dos homens (peões) gaúchos. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihrgs/article/view/90176/55425>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Ao se apropriar dos ambientes virtuais, difunde suas práticas, valoriza a imagem dos grupos e indivíduos espalhados pelos interiores, bairros periféricos, grupos marginalizados e comunidades tradicionais. Barroso (2019) ressalta:

As periferias dos centros urbanos são os locais privilegiados de ocorrência dos festivais. Já nos municípios do interior, costumam ocupar os espaços mais centrais da vida pública daquelas cidades. Marcadas pela incidência de problemáticas sociais, tais como, violência urbana, insegurança, falta de estrutura básica (saneamento, pavimentação, iluminação pública), tráfico de drogas, marcas da vida nas grandes cidades e sintomáticas de uma frágil atuação do Estado como garantidor das condições de vida dos cidadãos, ali também, e, por conseguinte, pulsam as manifestações da cultura popular, a exemplo da festa junina. (Barroso, 2019, p. 15)

A cultura junina está atrelada aos padrões e contextos como a própria cultura e tradicionalidade que tem suas diferenças. A festa campesina agora acontece em todos os lugares, como escolas, ginásios, quadras escolares, ruas e nas periferias, como ressaltou Chianca (2006). Poucas quadrilhas possuem espaços próprios para ensaios e preparam-se onde é possível. Dependem da boa vontade de diretores de escolas e órgãos públicos. Não existem verbas para

aluguéis. Espaços são cedidos ou emprestados. Temos políticas públicas em algumas cidades, mas não temos espaços construídos, especialmente, para apresentações de quadrilhas.

A divulgação de ensaios e apresentações acontece pelas redes sociais intensamente. Esses veículos são também instrumentos importantíssimos de vinculação de ideias sobre as experiências e mesmo sobre a identidade dos quadrilheiros, além do comércio de serviços. Outro detalhe importante: a responsabilidade é imensa, pois direta ou indiretamente são dispositivos políticos. As quadrilhas seguem políticas no universo das competições, quer sejam as que as guiam como grupo formado, ou as que as fazem depender de políticas públicas que as ajudam na manutenção de suas estruturas, como as que o estado do Ceará possui, através de editais juninos.

A apresentação de uma quadrilha é cronometrada nos festivais e durante seu tempo é contada uma história real ou fictícia. Uma narrativa se desenvolve iniciada com o casamento e que dá continuidade com a apresentação. Cada grupo tem seu modo de contar uma história tradicional ou não, introduzindo temas diversos e personagens reais ou fictícios, sendo alguns baseados, por exemplo, no folclore brasileiro, lendas brasileiras e bumba meu boi, e outros que se tornaram importantes na nossa história. Outro exemplo, no caso, da contemporaneidade, foi a história da travesti Dandara, morta por homofobia, homenageada em 2018, pela quadrilha cearense Girassóis do Sertão. A política local, a vida do sertanejo, as secas, o cangaço, o baião, a pandemia, personagens históricos (Zumbi dos Palmares, Antônio Conselheiro, Padre Cícero) são temas populares que podem

ser abordados numa narrativa surreal, às vezes, quando traz personagens como Lampião e Maria Bonita para serem padrinhos num casamento, além de Padre Cícero para a celebração do casamento, ou mesmo transformando o personagem noivo num lobisomem ao abordar o tema: lendas do sertão.

O trabalho desenvolvido pelos grupos juninos percorre a maior parte do ano. Se há décadas era um trabalho amador, não competitivo, as quadrilhas hoje, se revelam como organizações preocupadas em apresentar um grande espetáculo, levando em conta a pesquisa que desenvolvem em torno de um tema envolvendo religiosidade, dança, teatro e música, marcadas em coreografias que incorporam elementos de várias culturas: europeia, nas danças, na origem e manifestação trazida ao Brasil pelos portugueses em danças da corte, e posteriormente, em festa religiosa realizada ao redor das igrejas, e raízes nas celebrações campesinas, assim como na indígena, que celebrava também suas colheitas africanas nas músicas e instrumentos musicais. A Família Real Portuguesa proporcionou um destaque dessas danças no Brasil até o fim do período do Império, quando “a quadrilha é abolida dos salões nobres e vai ser dançada pelas camadas populares quando mestiços, indígenas e negros, podem ter introduzido seus modos de tocar e dançar” (Paula, 2021, p. 31). Paula ressalta ainda:

As camadas populacionais negras e indígenas eram proibidas do direito às práticas de suas tradições, rituais, costumes, religiosidades, entre outros, criaram estratégias de continuidade,

(re)criação e (re)significação de danças, rituais e práticas do colonizador, o que justifica muitas expressões de nossa cultura popular trazer em suas características elementos das culturas diferentes. Todavia, na medida em que se aprofunda esses entendimentos, podemos ver que foram situações forçadas pelas circunstâncias, foram formas de resistência e sobrevivência de práticas culturais ancestrais. (Paula, 2021, p. 32)

Hoje, vemos uma liberdade significativa nas festas juninas, pois, literalmente, tudo é permitido, apesar do debate que gira em torno dos temas apresentados nas quadrilhas. Nos trajes, o colorido e a policromia, vistos na figura 05, na apresentação da quadrilha Junina Cearense⁸, de Horizonte, Ceará, torna o espetáculo mais interessante, colorido, pois ele agora segue uma temática, faz parte de uma apresentação artística, ensaiada e pensada não só para o público, mas para ser vista em festivais competitivos, não sendo mais uma dança de salão, mas sim, uma representação de um período no Brasil, trazendo uma expressão alegre e contagiante em suas apresentações. Muitas quadrilhas optam por uma uniformização com trajes monocromáticos repetidos, sendo características também muito apreciadas.

8 A quadrilha Junina Cearense nasceu no dia 08 de novembro de 2014, na cidade de Horizonte, Ceará, tendo como endereço da sede a Rua Alexandre Joca, nº 859, no Bairro Mangueiral, com a ideia de resgatar o movimento junino no município de uma maneira nova das que existiam na cidade nos últimos anos. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/13744/>. Acesso em: 03 jun. 2023.



Figura 05: Policromia nos trajes da quadrilha “Junina Cearense” (2019). Fonte: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/13744/>

Para algumas quadrilhas, a monocromia é uma estratégia para esconder os erros delas numa apresentação, pois trajes iguais escondem defeitos como bainhas descosturadas, puídos nos tecidos, para que estes não sejam detectados. Segundo Aterlane Martins (em depoimento informal), “existe uma tradição de par nas quadrilhas juninas e nesse sentido, estendeu-se ao longo do tempo que as referências nas roupas do par devem combinar, serem as mesmas: cor, adereços, decorações, aviamentos”.

A quadrilha⁹ e as primeiras manifestações juninas no Brasil

A primeira manifestação junina brasileira foi na obra *Em Tratados da Gente e da Terra do Brasil*¹⁰, do Padre Fernão Cardim, em que o autor registrou hábitos dos portugueses e índios no Brasil Colônia. Ele revelou que os portugueses acendiam fogueiras nas festas de São João, e esses hábitos foram assimilados rapidamente pelos colonos. Podemos imaginar ainda o impacto dos poucos trajes indígenas, como era hábito na época, nessas festas. D'Amorim (2003) pontua:

“O jesuíta Fernão Cardim, em 1583, registrou festas religiosas portuguesas celebradas pelos indígenas com grande alegria, principalmente, a deste santo, por causa da fogueira, ao redor da qual faziam brincadeiras como saltar por cima da brasa sem queimar a roupa, ainda que algumas vezes queimassem a pele.” (D'Amorim, 2003, p. 34)

9 O nome quadrilha tem origem na palavra francesa *quadrille*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/quadrilha/> Acesso em: 12 jun. 2023.

10 Essa obra reúne, pela primeira vez, os três textos do padre jesuíta português Fernão Cardim (1548?-1625), escritos entre 1583 e 1601, durante sua primeira estadia no Brasil: Do Clima e Terra do Brasil, Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e Narrativa Epistolar de uma Missão Jesuítica. Sob o título, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, o livro foi publicado em 1925, em comemoração ao tricentenário da morte de Cardim e oferece preciosas informações sobre a fauna e a flora das terras brasileiras, as atividades econômicas das capitânicas compreendidas entre Pernambuco e São Vicente (depois São Paulo), os costumes e crenças dos povos indígenas e a ação das missões jesuíticas na colônia (Texto elaborado por Fernanda Trindade Luciani).

As festas juninas e as danças de quadrilhas só aconteceram de fato no Brasil a partir do século XIX, quando temos maiores registros delas, primeiramente em relação à quadrilha como uma dança de salão, e posteriormente, como danças e festas campesinas no interior do Brasil. As festas populares eram tréguas do trabalho árduo no campo e traziam muita alegria. As festas juninas contemporâneas resgatam essa celebração, ainda que seus brincantes não sejam mais agricultores pobres, e sim, de todas as classes que querem dançar a quadrilha, e pagam para isso, seja no interior ou nas capitais.

As festas já aconteciam nas comemorações religiosas, trazidas pelos colonizadores católicos portugueses, como já foi dito. Em boa parte da Europa aconteciam as celebrações campesinas, “onde as danças eram parte da festa”, como vemos na figura 06, na obra “Uma Dança no Campo (1755)”, de Giovanni Domenico Tiepolo (1727-1804). Podemos observar nessa pintura que mesmo sendo uma festa campesina, é a elite que se diverte no campo, o que fica evidente na qualidade dos trajés que portam.



Figura 06: “Uma Dança no Campo” (1755). Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/437812>

A festa não é mais passiva e aceitou muitas mudanças, com introdução e mistura de ritmos e danças, teatralização, carnavalesação para uns, tendo muitas vezes, um caráter comercial bastante destacado –, mas que ainda é símbolo de um período do ano e de uma região, sendo a quadrilha sua melhor expressão e movimentadora da economia, como nas regiões de Campina Grande (Paraíba), Caruaru (Pernambuco), e Maracanaú (Ceará). Campina Grande e Caruaru disputam entre si o título de capital do forró, atraindo um grande fluxo de turistas, tornando as festas juninas muito importantes para a economia e turismo dessas cidades. Alves (2017) contextualiza:

A partir da intensificação dos fluxos simbólicos, musicais, turísticos, mercantis e financeiros no decurso das décadas dos anos 1980 e 1990, instaurou-se entre as diversas cidades nordestinas – do litoral, agreste e também do sertão – uma disputa feroz pelo monopólio do conteúdo da narrativa lúdico-identitária da região. Nos últimos dez anos, essas disputas só recrudesceram, ganhando contornos de uma luta simbólico-econômica decisiva para a economia das cidades. No centro dessas pugnas¹¹, está o interesse em atrair o maior número possível de

11 Pugnas vem do verbo pugnar. O mesmo que: esforçar, pelear, discutir, defender, combater, lutar. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=pugnas>. Acesso em: 18 jun. 2023.

visitantes/consumidores e/ou manter os moradores/consumidores durante o ciclo de festejos juninos. (Alves, 2017, p. 05)

Santos (2020) ressalta que os festejos juninos são “caracterizados pela fartura de alimentos, músicas de variados ritmos, danças, encenações, receitas culinárias, trajes com cores e adereços específicos, brincadeiras de adivinhações, queima de fogos, rituais sagrados, promessas, missas, procissões, trezenas, entre tantas outras demonstrações de fé, devoção e preservação de tradições culturais” (Santos, 2020, p. 30), destacando-se as apresentações de quadrilhas.

A quadrilha é uma dança dramática¹² e um dos folguedos mais populares do Brasil, inserida na “cultura nordestina”. Para Da Silva (2020), “a quadrilha” tornou-se uma manifestação ancestral, um acontecimento social, histórico e político, constituindo-se como período e espaço de celebração, de comunhão e de trocas com o mundo vivido, criando e realizando uma comunicação direta com o público, cheia de valores e significados. Os trajes são agentes importantes, que contam

12 Danças dramáticas são danças, de acordo com Mário de Andrade, que surgiram nos cortejos religiosos no Brasil Colônia, derivadas da catequese, permitidas pelos padres, executadas pelos índios e negros. Andrade (1982) explica que essas danças “características” logo se destacaram, ou quem sabe se desde sempre, das procissões religiosas, formando brinquedos profanos que se tornaram obrigatórios nas grandes festividades sociais da Colônia, como casamentos e nascimentos de príncipes. “A minha convocação é que pelos fins do século XVIII todas essas danças características tiveram uma floração extraordinária no seio do povo e se normalizaram em suas datas festivas, sobretudo, de Natal a Carnaval e com os santos populares de junho” (Andrade, 1982, p. 72).

a história de uma quadrilha, transformando-se em “trajes performáticos expressivos”, e como elementos visuais, carregam características próprias em diferentes lugares, são julgados nos festivais pela fidelidade ao tema que interpretam.

A volta dos festivais e apresentações de quadrilhas em 2022, marcou o retorno de toda a cadeia produtiva que movimenta a economia e o turismo em muitas cidades, principalmente, no Nordeste.

O ciclo junino

O ciclo é junino, como a expressão bem sugere, mas sabe-se que esse período se inicia com apresentações/testes e ensaios abertos bem antes, no mês de maio, e também se prolonga no mês de julho. O ciclo junino brasileiro é um período de festas religiosas (trazidas pelos portugueses) dedicadas a Santo Antônio (12 de junho)¹³, São João (24 de junho)¹⁴ e São Pedro (29 de junho)¹⁵. Além de uma festa religiosa, se tornou uma celebração popular, comercial, turística e política. Dos três principais

13 Santo Antônio de Pádua (1195-1231) é um santo venerado pela Igreja Católica. Foi canonizado pelo Papa Gregório IX em 30 de maio de 1232. Seu dia festivo é comemorado no Brasil e em Portugal em 12 de junho. Disponível em: https://www.ebiografia.com/santo_antonio_de_lisboa/ Acesso em: 22 dez. 2022.

14 João Batista (2 a.C.-27), ou São João, foi um pregador judeu, segundo os evangelhos, era primo de Jesus e foi o responsável por seu batismo. Disponível em: https://www.ebiografia.com/joao_batista/ Acesso em: 22 dez. 2022.

15 São Pedro (1 a.C.-67) foi Apóstolo de Cristo, um de seus primeiros discípulos. É considerado o fundador da Igreja Cristã em Roma e o seu primeiro Papa. Disponível em: https://www.ebiografia.com/sao_pedro/ Acesso em: 22 dez. 2022.

santos celebrados nas festas juninas, temos ainda São Marçal¹⁶, menos conhecido, celebrado em 30 de junho com grandes festas em São Luís, Maranhão. Um detalhe que chama atenção são as representações dos santos juninos mais populares: Santo Antônio, São João e São Pedro, vistos no painel na figura 07.



Figura 07: Painel dos santos juninos “Santo Antônio, São João Batista e São Pedro”. Fonte: <https://sintcopepetrolina.org.br/noticia/santo-antonio-sao-joao-e-sao-pedro-historias-dos-santos-juninos/1427>

Em sua maioria, esses santos são expostos com simplicidade e estilo de seu tempo. As cores também têm seu significado. O portal cruzterrasanta.com.br contextualiza:

16 São Marçal, Marçal de Limoges, Marcial de Limoges (Gália, século III) foi o primeiro bispo de Limoges. É venerado como santo mártir pelas igrejas católica, ortodoxa e anglicana. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mar%C3%A7al_de_Limoges. Acesso em: 27 nov. 2023.

Na imagem de Santo Antônio, o hábito representa sua pertença à Ordem Franciscana. No século XV, algumas representações mostram o santo usando um hábito cinza, simbolizando os mendicantes ou penitentes. O hábito marrom simboliza a certeza de sua fé em Jesus Cristo e sua morte para a vida mundana. O hábito é um símbolo de consagração a Deus, de humildade e de pertença a uma ordem religiosa.¹⁷

O portal complementa:

O manto azul de São Pedro representa a glória de Deus, o Céu onde ele está, depois de ter cumprido sua missão de pai e pastor da Igreja neste mundo. A túnica vermelha de São Pedro representa o seu martírio e sofrimento por causa da fé em Jesus Cristo.¹⁸

Com relação à representação de São João Batista, ele é visto seja na forma de uma criança, como verificamos na figura 07, seja na forma adulta. Entretanto, a mais popular nas decorações juninas é do santo/criança. Chianca (2004) analisa essa imagem:

17 Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-santo-antonio-de-padua/285/103/> Acesso em: 26 jul. 2023.

18 Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-pedro/156/103/> Acesso em: 26 jul. 2023.

O São João do imaginário popular nordestino é um menino. Ele não é um bebê que acaba de ser circuncidado, tampouco um homem magro, austero, vivendo no deserto, comendo mel e gafanhotos e vestindo trapos de pele de camelo. Na tradição folclórica, ele é gordinho, bochechudo, tem cabelos encaracolados e um olhar terno e malicioso. Traz ao colo um carneirinho. O carneirinho carregado nos braços do pequeno João Batista estabelece duas funções de referência: a primeira e mais evidente diz respeito a Jesus, o cordeiro de Deus, enviado ao sacrifício e que ele teve por missão antecipar e preparar os caminhos. A segunda é para nós mais significativa e diz respeito ao caráter pastoril e agrário que vai perpassar todo o período das festas juninas no Nordeste do Brasil. (Chianca, 2004, p. 47)

Quanto mais a festa avançou no tempo, mais rápidas e radicais foram as transformações, principalmente, quando a festa de São João passa a ser sinônimo de ciclo festivo e da festa laica numa homenagem ao interior na capital, como cita Chianca (2006), num ciclo que movimenta as festas no Nordeste, numa dualidade entre a autenticidade do que se tornaram as quadrilhas e a herança da festa do interior, construindo um espetáculo com raízes religiosas, aristocráticas, rurais e folclóricas, sendo que os trajés carregam um conjunto de características multiculturais. Raposo (2020) acrescenta:

Mas é conveniente observar que a sociedade é dinâmica e vive em um processo dialético, ou seja, o que determina a sua forma de representação nas manifestações festivas é uma série de fatores que fazem parte do cotidiano das pessoas, sejam elas manifestações políticas, folclóricas ou religiosas. E é que dá forma e representatividade às festas de São João, por exemplo, que são representadas de maneiras diferentes, às vezes, dentro de um mesmo território. (Raposo, 2020, p. 16)

Ao reverenciarmos santos católicos nas festas juninas, remontamos aos festejos em homenagem a São João Batista, cujo nascimento foi anunciado com o acendimento de uma fogueira, que foi acesa para avisar à Virgem Maria de seu nascimento. Delfini (2001) informa que a fogueira, um dos elementos da cultura junina, foi inserida no contexto da catequização dos indígenas brasileiros, promovida pelos padres jesuítas e passou a reunir elementos culturais e africanos, e também foi usada como instrumento dos colonizadores para aproximação dos indígenas. Coincidem esses festejos a São João com o solstício de verão, quando as populações do campo festejavam a proximidade da colheita e faziam sacrifícios para afastar os demônios da esterilidade, pestes dos cereais, estiagens (Casculo, 1954).

As festas, quando chamadas “joaninas”, eram ligadas às festas realizadas em homenagem a São João, principalmente, em países como Portugal, Espanha, Itália e França, que foram incluídas nos calendários da Igreja Católica. No século XIII,

os portugueses incluíram dois outros santos católicos nas comemorações joaninas: “Santo Antônio, que teria nascido no dia 13, e São Pedro, cuja morte data de 29 de junho” (Delfini, 2011, p. 28). Quando incorporadas aos costumes brasileiros, tornaram-se festas juninas.

As tradições culturais foram sendo preservadas através dos festejos, hibridamente, tornando-se multicultural. Se tomamos os trajes, por exemplo, veremos que há muitas críticas aos excessos de bordados e brilhos atuais, tecidos brilhosos, mas eles ainda, de certa forma, preservam as tradições, como observaremos mais adiante. A hibridação, aqui nesse caso, representa a fusão de elementos traduzidos em costumes atuais e que nos ajudam a compreender as mudanças nas quadrilhas juninas, principalmente, em seus trajes nos quais o tradicional e o moderno se misturam. Quando os trajes das quadrilhas estilizadas são criticados pelos tradicionalistas, mais mudanças percebemos. Canclini ressalta que nem tudo pode ser compreendido: “é não tornar a arte e a cultura recursos para o realismo mágico da compreensão universal” (Canclini, 1989, p. 40).

Os santos juninos tiveram uma aceitação muito grande no gosto dos brasileiros. A devoção a eles espalhou-se por todo o território nacional, adquirindo coloração local, de acordo com as regiões (Luiz, 2020). É preciso lembrar o papel de Santo Antônio, o santo casamenteiro, que no seu dia celebra-se o Dia dos Namorados no Brasil. Moças que desejam arranjar um marido fazem simpatias¹⁹ nesse dia. No Nordeste, as festas juninas tornaram-se grandes encontros de famílias que retornam às suas cidades para vivenciar

19 Tipo de ritual ou ato supersticioso que se faz com o objetivo de obter aquilo que se deseja: simpatia para arrumar esposa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/simpatia/> Acesso em: 30 jun. 2023.

esse período, celebrar reencontros, ver as quadrilhas e a decoração, e se deliciar com as comidas. Chianca contextualiza: “Assim, o São João é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento” (Chianca, 2007, p. 51).

Inicialmente, um evento ligado à Igreja Católica, com muitas procissões, as festas juninas, hoje, são uma festividade em que se mistura o profano e o religioso. Segundo D’Amorim (2003), foram os jesuítas os responsáveis pela introdução ao teatro e à dança, especificamente, a dança dramática no Brasil, de caráter exclusivamente religioso, incluídos nas manifestações do calendário festivo católico, já praticado em Portugal e em outros países da Europa. Sobre sua periodicidade, Da Silva (2007) contextualiza:

Nas festas juninas, uma dança em especial, chama nossa atenção, porque só é executada nesta época. Outro aspecto interessante é que, com variações locais, ela é presente em quase todo país, tornando-se um símbolo da festa. Mas a quadrilha não foi sempre “dança junina”, nem “dança caipira”. Ao contrário: ela era dançada em nossas cidades e campos, em qualquer mês do ano. (Da Silva, 2007, p. 157)

As quadrilhas foram se popularizando e fugindo de seu caráter religioso, ainda que mantenham características que remetam às festas dos santos católicos. Em Portugal, são chamadas de “Festa dos santos populares”, e assim como no

Brasil, tornaram-se grandes festas espetaculares e atraem muitos turistas. Trazidas ao Brasil, atingiram proporções gigantescas culturalmente e economicamente.

As festas dos santos populares em Portugal

Assim como no Brasil, as chamadas festas dos santos populares celebram e acontecem seguindo o calendário dos três principais santos, Santo Antônio, São João e São Pedro, e espalham-se por todo o território lusitano, sendo celebradas essas tradições pelas colônias portuguesas existentes pelo mundo. Em muitas cidades portuguesas são feriados nesses dias, tendo maior destaque a festa de Santo Antônio em Lisboa e a de São João na cidade do Porto. Essas celebrações tiveram origem nas festas maias (que aconteciam em maio) na Idade Média, transformando-se de festas religiosas em festas pagãs, mas seguindo o fluxo de feriados de santos, transferiram-se de maio para junho, sendo muito populares a música pimba²⁰, típica dessa época, e as procissões e marchas.

Destaca-se o concurso de marchas populares que ocorre no Dia de Santo Antônio (12 de junho) em Lisboa. Chama atenção o vestuário dos grupos portugueses “onde são compostos” os trajes de damas e cavalheiros, como vemos nas quadrilhas brasileiras.

20 “Pimba” é um termo tão português usado para caracterizar um gênero de música popular portuguesa. Um estilo de música que não tem barreiras, chegando a qualquer gênero e classe social. Disponível em: <https://www.inspiracoesportugasas.pt/pt/inspire/a-musica-que-fica-no-ouvido>. Acesso em: 02 mar. 2023.

As marchas populares são desfiles de agremiações de bairros que competem entre si, fazendo desfiles com roupas típicas e danças populares num estilo bem “carnavalesco”, como vemos na figura 08.



Figura 08: Marchas populares portuguesas. Fonte: <https://www.linhadanoticia.pt/arquivo/3112>

Coreografias são executadas enquanto os brincantes entoam “as marchas em coro, o refrão ou a letra completa”, simbolizando a unidade dos residentes de cada bairro (Almeida, 2017, p. 14). Velhas marchas de cada bairro são revividas nas noites festivas dos santos populares (Melo, 2015, p. 06). Os desfiles de marchas nos remetem ao desfile de escolas de samba brasileiras. A realização dos concursos de marchas organizados pela Câmara

Municipal em Lisboa aumentou cada vez mais o número de participantes, ressaltando a carga lúdica, histórico/patrimonial, promovendo a socialização muito semelhante ao que vemos nas quadrilhas brasileiras, ressaltado por Rodrigues (2008):

...induzem ainda a uma certa socialização que se reflete no fato de possibilitarem o (re)conhecimento (mesmo que este por vezes possa ser desfigurado ou reinventado) das histórias e características identificadoras e identitárias dos bairros e assim da própria cidade de Lisboa. (Rodrigues, 2008, p. 11)

As festas dos santos populares em Portugal, assim como as festas juninas brasileiras, tornaram-se típicas em suas regiões, e bastante populares no mês de junho.

A herança indígena e negra nas festas juninas

A festa que surgiu em volta da colheita do milho traz uma ancestralidade pouco estudada no contexto das festas juninas. Quais raízes indígenas as festas juninas possuem? Segundo Prezia (2020), os santos comemorados em junho trazem marcas não só das culturas ibéricas, como também apresentam traços dos povos tupis, com os quais os portugueses conviveram por muito tempo e incorporaram hábitos e modos alimen-

tares, como mungunzá ou canjica²¹, comidas feitas com milho. Dessa forma, as festas juninas continuam sendo as mais indígenas das festas populares e precisam ser mais bem conhecidas e valorizadas. Prezia ressalta ainda:

Essa incorporação se deu por meio da cultura mestiça e foi se moldando não só ao longo do período colonial, como também em épocas mais recentes. Infelizmente, o desconhecimento das tradições indígenas tem levado a população brasileira a ignorar esse passado, talvez por preconceito e pela dificuldade em aceitar a existência de nossa “cultura misturada”. (Prezia, 2020, p. 33)

A união das festas feitas pelos colonizadores deixa um legado indígena importante, como comidas típicas, ressaltado por:

Das cultivares brasileiras e das populações indígenas surgiram as comidas típicas em sua base de milho, mandioca, amendoim, batatas-doces etc., sendo também muito apreciado a distribuição de licores, aguardentes, vinho quente. (Novais; De Oliveira, p. 08, 2019)

21 [Culinária] Reg. (Norte) Milho branco cozido em caldo açucarado, ao qual, às vezes, se acrescenta leite de coco ou de vaca, açúcar, manteiga e canela. Denominada canjica no Centro e no Sul. Variação de manguzá, mugunzá, munguzá. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mungunza/> Acesso em: 01 jul. 2022.

Os costumes indígenas, mesmo tendo sido combatidos pelos religiosos portugueses, sobreviveram e destacam-se na cultura junina. Um exemplo é o banho de cheiro, usado nas quadrilhas paraenses, “característica de nossas matrizes indígenas e africanas, está presente no universo dos quadrilheiros, que perfumam seus trajes minutos antes da disputa nos concursos” (Estevam, 2019, p. 28). Não podemos deixar de citar a presença indígena no bumba meu boi do Maranhão e o boi-bumbá no Amazonas, folguedos que misturam várias culturas, mas que têm personagens indígenas fortemente representados e vestidos com trajes cheios de referências aos povos indígenas, em maior presença no boi-bumbá, citados aqui, pois são manifestações do ciclo junino de festas no Norte e Nordeste. Moraes e Corrêa complementam:

Os diversos grupos étnicos que compuseram as diferentes regiões brasileiras vão sofrendo transformações ao longo da história e suas vivências cotidianas vão delineando e construindo tradições únicas e híbridas em seu espaço. As diferentes tradições e culturas das regiões brasileiras surgem nesse contexto de mudanças e miscigenação entre os povos, que podemos chamar de colonizadores, sendo seus principais expoentes, o Europeu, o Negro e o Indígena, que ao longo da história brasileira fundem seus costumes, crenças e terminam por atribuir uma característica ímpar às regiões onde se estabeleceram. (Moraes e Corrêa, 2011. p. 02)

A presença da cultura negra na festa junina se dá em diversas manifestações como a música e seus instrumentos, no vocabulário, nas comidas típicas e nos próprios temas trabalhados pelas quadrilhas como o fim da escravidão ou que resgatem personagens históricos pretos como Zumbi dos Palmares, Chica da Silva e Luiz Gonzaga, por exemplo. Essa herança transformou-se em diversas manifestações trazidas pelos escravizados no período colonial.

O Brasil na sua imensidão soma diversas culturas, e cada região tem suas particularidades e maior ou menor influência de uma cultura, mas que formam uma única cultura brasileira.

As primeiras quadrilhas nordestinas

As primeiras quadrilhas surgiram no interior do Brasil, especificamente no Sudeste brasileiro, e no Nordeste, após serem recusadas pela corte brasileira, depois da Proclamação da República tornam-se parte do contexto religioso das festas dos santos juninos, que coincidem com a celebração pelas chuvas e colheita do milho, principalmente, na região Nordeste, seca e árida. Freyre (1995) contextualiza:

As festas têm a capacidade de estabelecerem, através do desregramento possível, ou da inserção nela de múltiplas regras, a mediação entre as culturas e movê-las em direção ao objetivo comum de construção da sociedade brasileira.

E neste sentido, as festas juninas parecem ter desempenhado papel preponderante. No Nordeste, contudo, as festas juninas prevalecem como produtos turísticos e de maior investimento popular. (Freyre, 1995, p. 245)

Ao longo dos anos, a miscigenação cultural das festas juninas ganhou novas contribuições. Por influência da classe média e das elites portuguesa e brasileira, a quadrilha foi introduzida nos festejos brasileiros (Delfini, 2001), primeiramente, marcada pelas danças, em que destacamos a quadrilha, e no fim do século XX e início do século XXI até nossos dias pelo modo espetacular de se apresentar, destacando-se os trajes.

Originária de uma contradança²² de mesmo nome, a quadrilha brasileira tem suas origens na quadrilha francesa e foi trazida ao Brasil pela corte portuguesa em 1808 (Zaratim, 2018), vestida com trajes sob influência francesa, a chamada moda-império. Tornou-se uma dança dramática, encenada com personagens e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada, adquirindo em alguns casos, características próprias e diferentes entre regiões brasileiras. A princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, *quadrille* (Chianca, 2007).

22 Uma versão continental cortês da dança country inglesa, semelhante à quadrilha. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/contradance>. Acesso em: 02 jul. 2023.

A quadrilha francesa é uma dança com pares, cuja origem é inglesa. Albuquerque (2020) explica:

A quadrilha é uma dança coletiva originária da Inglaterra, por volta dos séculos XIII e XIV e devido ao contato cultural entre França e Inglaterra no período da Guerra dos Cem Anos, a França adotou a dança, disseminando-a para os palácios e tornando-a nobre. Assim, a dança foi se espalhando por toda a Europa (Albuquerque, p. 07, 2020).

A dança com pares de damas e cavalheiros era moda nos salões aristocráticos europeus no século XIX. Passou a animar os carnavais e bailes nas cortes, desde que introduzida no Brasil, tanto nas cidades quanto no interior.

Na figura 09, vemos a rainha Vitória, da Inglaterra (1801-1809), numa litografia pintada à mão (cerca de 1855-1860), trajada com uma faixa azul, uma insígnia real, em uma dança palaciana, em par, com seu esposo, o príncipe Albert de Saxe-Coburg-Gotha (1819-1861), também com faixa azul, e sua filha Vitória (1840-1901), que dança com seu marido, o príncipe Frederico da Prússia (1831-1888). A dança assemelha-se à quadrilha, que já era uma dança muito popular no mundo naquele tempo, pois notamos que formam pares e dão-se as mãos. Observamos que a rainha e sua filha trajam vestidos luxuosos, com saias volumosas e uso, provavelmente, de crinolina (anágua) discreta e cintura marcada, modas da época. Os príncipes trajam

uma sobrecasaca e calças compridas bem coladas. A cor vermelha na sobrecasaca indica sua origem militar.



Figura 09: Rainha Vitória dançando com seu marido. Fonte: <https://www.rct.uk/>

As danças de salão não eram só apreciadas pelas famílias, mas seu conhecimento era quase uma obrigação para viver em sociedade, pois bailes eram festas sociais e as danças muito populares. Barbosa complementa sobre as danças de salão:

Entre os séculos XV e XVI, tornou-se uma forma de lazer muito apreciada, tanto nos salões dos palácios da nobreza, como entre o povo em geral, pois era praticada em festas de confraternização, propiciando o estreitamento de relações sociais de amizade, de romance, de parentesco entre outras. (Barbosa, p. 23, 2010)

Chianca (2013) ressalta como essa dança palaciana se popularizou no Brasil:

Sua popularização repetiu no Brasil o mesmo processo histórico que a Europa conheceu no século XVI, quando as danças palacianas restritas às cortes e à aristocracia se transformaram em danças de salão da alta e média burguesia. Primeiro a quadrilha se disseminou a partir do Rio de Janeiro, entrando nos salões burgueses de Salvador, Recife e São Paulo, dançada em várias versões... (Chianca, 2013, p. 12-13)

De acordo com Giffoni (1974, p. 102), a quadrilha francesa encontra-se também na origem das danças sul-americanas denominadas *cielito*²³ e *pericom*²⁴, sendo referidas nos Estados Unidos como *square dances*.



Figura 10: Dança em pares em Paris (Século XIX). Fonte: <https://www.meisterdrucke.uk/fine-art-prints/Charles-Vernier/43568/La-Closerie-de-Lilas.html>

23 *Cielito* é uma reunião festiva gaúcha, que também ocorre na Argentina e no Uruguai, em que muitos casais dançam com as mãos para trás, rodeando outros pares, no meio do salão. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cielito/> Acesso em: 27 dez. 2022.

24 *Pericom* é uma dança em pares, que fazia parte dos bailes campestres, outrora muito popular na Argentina, no Chile e no Rio Grande do Sul, e, hoje, presente apenas nos festivais folclóricos. Persiste ainda no Uruguai. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/L1mpW/pericom/> Acesso em: 27 dez. 2022.

As quadrilhas são filhas das contradanças, rápidas e de passos que expressam claramente a ideia de casais dançando em pares, como vemos na litografia cena do baile na *Closerie des Lilas*²⁵, de Charles Vernier (1831-1887), na figura 10. Notamos que os dançarinos dançam em pares e trajam roupas do período romântico com saias volumosas e uso de anáguas para as damas e uso de casacas curtas para os cavalheiros. Ao observarmos que as damas mostram parte de suas pernas numa cena animada e alegre, supomos que os dançarinos eram populares, menos abastados, apesar de certa elegância em seus trajes. Seja nos palácios ou em espaços públicos, reparamos que os trajes femininos, mesmo longos, e com anáguas, não reprimiram a execução dessas danças em pares.

A quadrilha ou “quadrilha de contradança” era originalmente um jogo de cartas para quatro pessoas, mas o nome foi dado a esta dança por volta de 1740. A dança, provavelmente, derivou dos cotilhões²⁶ da época. A quadrilha era uma dança muito animada, ao contrário do minueto.

Para Parfit (2008), a quadrilha em si era uma padronização da contradança em quadrilha ou quadrilha da contradança, uma versão francesa da contradança inglesa aprendida por mestres franceses da dança em viagens à Inglaterra no século XVII,

25 *La Closerie des Lilas* foi um salão de baile ao ar livre. Disponível em: <https://www.alamy.es/la-closerie-des-lilas-un-salon-de-baile-al-aire-libre-en-second-empire-paris-image268836655.html>. Acesso em: 03 jul. 2023.

26 Cotilhão é uma espécie de contradança em passo de polca ou valsa em que a dança é interrompida por breves manifestações mímicas e grotescas e até por distribuição de brindes. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cotilh%C3%A3o>. Acesso em: 03 jul. 2023.

a primeira evidência da execução da contradança na França data de 1684. Essas contradanças seriam chamadas de quadrilhas e vão se expandir no Brasil no século XIX, como afirma Zamith (2017):

Difundida na França, e de lá proveniente, expande-se no Brasil a partir do segundo quartel do século XIX com a denominação “contradanças francesas” ou “quadrilha francesa”, tendo grande aceitação nos bailes fluminenses. (Zamith, 2017, p. 120)

Segundo Loeb, “a contradança é uma dança em linha na qual os dançarinos formam duas filas, parceiros frente a frente no caminho” (Loeb, 1986, p. 635). Normalmente, os cavalheiros estão em um lado, as senhoras em frente a eles. No entanto, existem contradições em que os homens e mulheres se alternam em cada linha.

À medida que ganhou popularidade, a contradança, embora de origem inglesa, passou a ser pensada em muitos círculos como um bailado essencialmente francês, especialmente, quando a cultura de elite francesa se tornou o modelo para grande parte da Europa e posteriormente, no Brasil. As danças faziam parte do protocolo da corte brasileira. Estar bem-vestido(a) em bailes fazia parte das regras e etiquetas sociais, e procurava-se imitar ou seguir as últimas modas que vinham da Europa. Os bailes na corte vieram animar o Rio de Janeiro, que se tornou capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, tornando-se a

capital cultural do país. Festas na corte sempre foram ambientes de se lançarem moda e modismos. Um costume que se viu nas danças folclóricas, sempre estar bem-vestido, como no caso das quadrilhas atuais, em que os trajes são elementos importantes que as caracterizam.



Figura 11: Pintura “Baile na Roça”, de Candido Portinari (1923). Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1939/baile-na-roca>

A corte imprimiu modos e modas até a Proclamação da República em 1889, quando os costumes antes adotados e copiados foram desprezados nas capitais e migraram para as zonas rurais, ditas caipiras, onde adquiriu grande caráter popular, como podemos ver na pintura de Candido Portinari, “Baile na Roça”, de 1923, na figura 11.

Na pintura vemos pessoas simples, mas bem trajadas, dançando acompanhadas por um sanfoneiro. Chama atenção os homens usarem chapéu em um baile, algo que ressalta o caráter roceiro deles, pois cavalheiros não usam chapéus em ambientes fechados.

É preciso ressaltar que as danças de pares eram dançadas nas zonas rurais europeias, migraram para os salões nobres como as quadrilhas, transformando-se em danças folclóricas, dançadas em festas populares ou em grupos, socializadas durante um período do ano, mas no caso do Brasil, com características próprias entre as regiões, bem diferente das festas dos santos populares portugueses, que não sofreram grandes transformações. Para Castagno, *apud* Rafael Coelho Machado (1842), a quadrilha é um conjunto de contradanças acomodadas aos passos e figuras das danças usadas nos salões: “deriva o seu nome do número dos dançarinos que ordinariamente é composto de quatro pares”. A quadrilha, portanto, não é uma dança, mas um conjunto indissociável de 5 danças, tal como foi a suíte²⁷ dos séculos XVII e XVIII.

Segundo Tinhorão (1998), a dança também foi chamada de quadrilha por suas figuras lembrarem a formação militar da esquadra, cujo diminutivo se populariza acompanhando o espanhol *cuadrilla*. O gênero caiu em desuso durante muito tempo nos centros urbanos, mas não esquecido nos ambientes rurais, passando a receber diferentes nomes em todo o país - quadrilha caipira em São Paulo, Mana-Chica na região de Campos no norte

27 Música instrumental de predominância no período Barroco, composta pela junção de movimentos com características de dança. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/suite/> Acesso em: 03 jul. 2023.

fluminense etc. – e se tornando dança característica do período de festas juninas em todo o país (Claves, 2014).

As quadrilhas tornaram-se populares no Brasil na primeira metade do século XIX e espalharam-se pelo resto do Brasil como a polca²⁸, a mazurca²⁹ e a valsa³⁰. Tornaram-se comuns nas diversões da elite brasileira da segunda metade daquele século. Castagna ressalta:

A partir do final do séc. XIX, entretanto, essas danças começaram a sofrer profundas alterações, mesclando-se com gêneros brasileiros de dança (como o lundu e o maxixe), gerando pelo menos duas correntes musicais: a primeira ainda urbana, porém, desnivelada para camadas médias da sociedade, com a prática de danças já “nacionalizadas”; a segunda mais típica de ambientes rurais, nos quais essas danças foram “folclorizadas”, transformando-se em dezenas de gêneros de danças de expressão local, tanto na música quanto na coreografia. (Castagna, 2004, p. 11)

28 Dança de andamento rápido, em compasso de 2 por 4, de origem polonesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polca> Acesso em: 03 jul. 2023.

29 Dança polonesa a três tempos, misto de valsa e de polca, originária da província de Mazuric. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mazurca/> Acesso em: 03 jul. 2023.

30 Dança de par, de salão, em compasso 3/4. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/valsa/> Acesso em: 03 jul. 2023.

Segundo Zamith (2007), as quadrilhas, dançadas nos bailes que aconteciam no decorrer do ano no período monárquico e início do republicano, deixaram marcas na sociedade brasileira que não se apagaram, pois ficaram retidas na memória popular. “A sociedade selecionou, uniu e encadeou passos de quadrilhas diversas, como a francesa, francesa dos bailes públicos, lanceiros e das famílias, como um processo de recorte e colagem, fazendo uma síntese coreográfica dos movimentos” (Zamith, 2007, p. 121).

É importante ressaltar que ao longo do século XIX, a dança se popularizou no Brasil e se fundiu com manifestações brasileiras preexistentes (Ramos, 2013). Dessas danças, a quadrilha, vinda das danças de salão nobres, sai desses salões, vai para o interior, volta a ser dançada nas cidades, e torna-se um folguedo dançado em espaços ao ar livre e não mais em salões de baile. Chianca contextualiza sobre essa mudança da capital para o campo:

O que explica esse deslocamento simbólico é o fato político e as implicações culturais da mudança de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas e cidadinas. Provavelmente, nesse momento a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes cen-

tros urbanos, os interioranos – geograficamente e simbolicamente defasados com suas danças já “fora de moda”. (Chianca, 2007, p. 07)

A quadrilha junina não é somente uma manifestação da cultura brasileira. Essa ação está repleta de aspectos tradicionais, rituais, bem como posicionamentos religiosos e políticos. Existe uma continuidade da tradição, articulada pelos sujeitos que fazem essa festa, recriando a cada década, *performances* na cultura junina (Zaratim, 2014). Nobre e cortês na origem, a quadrilha tornou-se uma dança e um espetáculo, popularizados e reinventados, marcando as festas de São João de todo o país (Chianca, 2007).

Festas são celebrações que nos fazem retornar às origens. Pensar em festa junina é retornar ao que já foi dito, no caso das festas juninas e suas origens no Brasil rural, e pensar no que ainda não foi dito: a festa junina hoje é festa do interior e cidadina, é festa em todos os lugares, quebrando a barreira de um tempo passado e celebrado, que se tornou um novo tempo ao ser interpretado, durante um período que não se resume mais somente a um mês. Ser espectador ou participar da festa é vivenciar a memória de nosso povo. Sobre o tempo na festa, Teixeira reflete:

Na festa, há o problema da relação entre tempo vivido e tempo evocado. A multiplicidade das festas está em função dos vários «tempos sociais». Se o tempo vivido não é seguramente o tempo mítico,

também o tempo evocado nem sempre o é. Fora do tempo presente e para além do tempo mítico, há o tempo da história, da lenda, do conto, sendo impossível pôr no mesmo plano expressões como «no princípio», «naquele tempo», «era uma vez». Na narrativa (e toda a festa é uma narrativa) cruzam-se os tempos da ficção (mito, lenda, conto) e da história. O tempo do mito (omnipresente, porque fora do tempo) não é apenas evocado, mas tende a ser revivido. Além disso, o mito, sem duração, permite que as articulações do tempo vivido – as «jornadas» da festa – correspondam a períodos míticos de duração ilimitada, vividos como tais. (Teixeira, 2010, p. 22)

A primeira festa brasileira que se tem notícia, ou melhor, reunião pública festiva, foi a que aconteceu após a primeira missa no Brasil, num domingo de Páscoa, 26 de abril de 1500, segundo Tinhorão (2000), que complementa:

“...enquanto ali dançavam, dançaram e bailaram sempre como os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos que nós seus, não há dúvidas de que as primeiras músicas e cantos populares que soaram numa festa pública, em solo do futuro Brasil, foram sons do mundo rural português”. (Tinhorão, 2000, p. 15)

As festas juninas já não são mais ligadas ao estado ou à igreja, e suas regras com seus encantos, sua poesia, suas comedorias, lendas, crenças e diversões, ainda hoje, constituem, tanto no interior como na cidade, um dos mais populares e tradicionais motivos de alegria, conagração e transmissão de costumes e conhecimentos de geração a geração (Luiz, 2020). Com diferenças regionais, as festas em junho ainda celebram a fartura do campo, e em muitas cidades se montam os arraiais com elementos que representam essa época com barracas de comidas típicas, bandeirolas, balões e fogueiras em praças decoradas para celebrar os santos juninos e realizar as famosas quermesses³¹ juninas. Encontramos um registro histórico das quermesses na obra “Quermesse no campo”, do pintor belga David Tonniers (1610-1890), vista na figura 12.

31 Quermesse é uma palavra com origem no termo em flamengo *kerkmisse*, que significa uma festa beneficente, com um bazar, onde é feito um leilão das prendas oferecidas. Este tipo de evento costuma ser organizado ao ar livre, e a sua origem está relacionada com a Igreja Católica. Atualmente, o termo quermesse é usado para descrever qualquer feira onde existe algum tipo de diversão, como barracas de sorteios, jogos com prêmios etc. Outro tema muito comum nas quermesses é a gastronomia, sendo que é possível provar as comidas típicas da região onde a festa é organizada. Disponível em: <https://www.significados.com.br/quermesse/> Acesso em: 30 jul. 2023.



Figura 12: Pintura “Quermesse no campo”, de David Tenniers. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/david-teniers-the-younger/country-kermess>.

Pintada por volta de 1657, vemos na pintura de Tenniers uma quermesse no campo, na qual famílias trajadas simplesmente, à moda do campo e da época, dançam no terreiro e comem ao redor de uma mesa. A quermesse no século XXI, como festa do interior, remete a um costume de vestir-se bem nessas ocasiões.

Os trajes das festas juninas só trazem referências ao passado em celebrações familiares e escolares, em que o código de vestir é inspirado nas antigas referências caipiras ou sertanejas. A quadrilha presente nessas festas traz uma herança campesina na construção dos seus trajes. Quando falamos da quadrilha-espetáculo dos festivais, seus personagens transformam-se

em elementos de seu tempo, estilizados, coloridos, criados e confeccionados dentro de uma temática, compondo essa dança coletiva no século XXI e dançada em público, bem diferente de 200 anos atrás. Ao observarmos a figura 13, vemos uma quadrilha no século XXI dançando em quadra, vestindo trajes multicoloridos e dentro de uma temática pensada para as apresentações.



Figura 13: A quadrilha como dança coletiva no século XXI. Fonte: Reprodução/Instagram - @juninababacu/

Com relação às festas e à movimentação que as quadrilhas fazem na economia nordestina, Da Silva (2013) afirma:

Além de um meio de expressão cultural das identidades locais, as festividades juninas também representam um importante momento econômico, pois o alto número de público, formado por moradores locais e turistas que visitam as cidades nordestinas exclusivamente para participar dos festejos, movimentam a economia local, aumentando as vendas de hotéis e restaurantes, aquecendo as vendas do comércio, aumentando lucros e gerando empregos. (Da Silva, 2013, p. 04)

É sempre uma premissa presente na economia criativa através das festas juninas, que têm uma função e “são um manifesto social de identificação cultural, de maneira que o ser social não se posiciona apenas como um espectador, mas como um participante ativo do movimento festivo”, como afirma Santos (2012, p. 26).

A dança, o teatro e a música unem-se e formam um espetáculo no qual destacam-se os trajes, sempre carregados de elementos que os caracterizam como os elementos visuais mais apreciados, na maioria das vezes carregados de brilhos, em outras, cheios de informações que as representam. Se por um lado, as apresentações de quadrilhas são comparadas com os desfiles de escolas de samba no Sudeste, só que sem a grandiosidade dos cenários e diferença de espaço de apresentação, vemos que faltam subsídios ainda para tal comparação, se analisarmos pelos trajes, que vão de simplicidade e improviso nos casamentos juninos ao uso de materiais caros, como sedas e veludos, e bordados de

pedrarias. Não vemos alas nas quadrilhas, mas através da música, coreografias e trajes é contada uma história, como podemos observar numa cena do casamento junino da quadrilha Nação Nordestina, em 2017, na figura 14.

Há uma simplicidade nos trajes da figura 14, com referências aos camponeses e uso de chita. Os brincantes estão vestindo roupas sobrepostas, algo comum nas apresentações, em virtude do tempo exíguo das encenações, vemos uma tentativa de esconder os grandes penteados com lenços sobre a cabeça.

Essas encenações sofrem críticas, pois os trajes não seguem o padrão dos brincantes. Um detalhe que chama a atenção é que as festas juninas acontecem oficialmente em junho, mas as apresentações de quadrilhas podem começar em maio e se estenderem até setembro, como aconteceu no Ceará Junino em 2023.



Figura 14: Casamento junino da quadrilha “Nação Nordestina” (2017). Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1403436573048623&set=a.1403433756382238&locale=pt_BR

Se comparadas às festas mominas, que duram poucos dias, as festas juninas são as mais longas festas brasileiras, e são alvo de comparações, pela evolução que sempre estão apresentando em termos de repertório, temas e criação de figurinos. O grande problema dessas temporadas longas é a manutenção e conservação de trajés.

A música nas quadrilhas

A música é o elemento que conduz uma apresentação de quadrilha, que “era dançada durante todo o ano sempre que houvesse uma festa ou baile no século XIX”, (Zamith, 2011, p. 124), e através das coreografias, valorizam-se muito os trajés. No século XX, ela passa a ser uma dança característica das festas dos santos juninos, como já dito. As músicas que influenciam os ritmos tocados são o xaxado³², o xote³³, o baião³⁴ e o forró³⁵, sendo este último, com maior influência nas danças. Trocaram as músicas orquestradas dos salões por ritmos populares. A música tem um profundo

32 Dança masculina originada no sertão pernambucano e executada em círculo, em fila indiana, avançando-se o pé direito em movimentos laterais e puxando-se o esquerdo, deslizando-o. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xaxado/> Acesso em: 20 out. 2022.

33 Música tocada ao som da sanfona e a dança que a acompanha, muito executada nos bailes populares nordestinos. Dança de salão, provavelmente de origem alemã, cujos passos se assemelham aos da polca, executada ao som das sanfonas; a música executada nessa dança. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xote/> Acesso em: 20 out. 2022.

34 Ritmo musical, tipicamente nordestino, difundido a partir de 1946 pelo cantor, compositor e sanfoneiro Luiz Gonzaga. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/baiao/> Acesso em: 20 out. 2022.

35 Baile popular cuja dança é feita aos pares, sendo a música de origem nordestina; arasta-pé. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/forro-2/> Acesso em: 20 out. 2022.

impacto na vida do nordestino, não sendo diferente ao impactar nas apresentações das quadrilhas juninas. Luiz Gonzaga³⁶ ainda é o símbolo maior desse ritmo, que se incorporou aos folgedos juninos. A quadrilha é também pautada pela música, como vemos na apresentação do casal de noivos dançando na figura 15.



Figura 15: Casal de noivos dançando na quadrilha. Fonte: <https://www.fazfacil.com.br/lazer/forro-quadrilha-passos/2/>

Seja ao ritmo de músicas de Luiz Gonzaga ou de composições originais tocadas pelos grupos regionais e que despertam uma conexão com o público, como Menezes Neto (2015) explica:

36 Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um músico brasileiro. Sanfoneiro, cantor e compositor, recebeu o título de “Rei do Baião”. Foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos, levou o baião, o xote e o xaxado para todo o país. Disponível em: https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/ Acesso em: 28 dez. 2022.

A música não é mais pano de fundo para a *performance* do matuto, torna-se um dispositivo para a conexão imediata com o público e com o cotidiano do próprio brincante. Quadrilheiros acessam xotes, xaxados e baiões, porém, o destaque é a inserção do ‘forró eletrônico’ ou ‘elétrico’ e de outros sucessos da rádio e da televisão. (Menezes Neto, 2015, p. 107)

Muitos ritmos diferentes dos que eram dançados no século XIX foram incorporados às quadrilhas no século XX. Os processos de produção das músicas dos espetáculos não são dominados pelos quadrilheiros, que não participam de suas criações. O mercado e os veículos de comunicação e produção de músicas são os fornecedores das variações e ritmos novos. Assim, como a maioria dos elementos das quadrilhas, a música também foi ressignificada e modernizada. Escolher a música certa para cada momento da quadrilha é o grande desafio do produtor musical.

Uma trilha sonora de quadrilha tem que buscar o equilíbrio entre a tradição e a modernidade, não esquecendo os grandes compositores nordestinos. Menezes Neto (2015) conclui brilhantemente o que seria uma trilha ideal para as quadrilhas:

Ao mesmo tempo, é interessante ter novas interpretações dos clássicos ou composições inéditas que possam ‘modernizar’ o espetáculo e escapar das músicas consideradas ‘muito batidas’,

aquelas já utilizadas por diferentes quadrilhas. De igual maneira, uma trilha sonora reduzida às novidades pode ser vista como excessivamente moderna, uma avaliação negativa por demonstrar afastamento dos conteúdos tradicionais. (Menezes Neto, 2015, p. 114)

A renovação das músicas nas quadrilhas requer uma pesquisa a partir do tema, unindo o tradicional com o moderno. A música é o fio condutor da maior parte da apresentação de uma quadrilha.

A quadrilha nos séculos XX e XXI

A partir dos anos 1980, a quadrilha moderniza-se, dividindo-se entre tradicional e moderna. Marcada com passos e trajés simples, torna-se uma dança coletiva estilizada, formada por homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, ensaiada, que forma pares e dança coreografias criadas por um coreógrafo ao ritmo de músicas populares, ou especialmente, compostas para estas ocasiões, além de usar trajés criados por um figurinista ou comissão de figurinos. Suas origens nas danças de salão trazem nas quadrilhas estilizadas os luxos nos trajés do século XIX. Sobre essas transformações na quadrilha moderna, Silva (2016) contextualiza:

As transformações ocorreram também na organização e estrutura das apresentações dos grupos juninos pela dimensão da grandeza dos

espetáculos produzidos pelos mesmos. Desta forma, a quadrilha moderna ganhou algumas particularidades: um espaço amplo e adequado com luzes artificiais; o horário marcado para cada grupo realizar sua apresentação; o público apenas assiste à apresentação tornando-se um espectador passivo. (Silva, 2016, p. 23)

A tradição, sempre em evolução, caminha com a modernidade, gerando identidades próprias entre os estados brasileiros, misturando dança, música, teatro, moda e artesanato, entre passos tradicionais e estilizados, o que para um tradicionalista seria uma descaracterização, seja pela introdução de passos coreografados com introdução de balé e dança moderna, seja pelas regras que passaram a ditar as apresentações nos festivais.

A quadrilha junina brasileira é, antes de tudo, complexa, e que ressignificou a figura do homem rural através da dança social, que articula em seu fazer, diversas linguagens, expressões artísticas e técnicas operadas pelos agentes culturais em sua *performance*. Contemporaneamente, entre a tradição e a modernidade, a quadrilha junina se expressa de forma espetacular, ou seja, se compõe tecnicamente de forma planejada para o contexto da apresentação em uma competição de um festival, produzindo figurinos estilizados, como vemos a quadrilha Junina Babaçu, na figura 16, em sua apresentação no Festival Ceará Junino em 2017, homenageando o baião e os 70 anos da canção Asa Branca.



Figura 16: Quadrilha “Junina Babaçu” no Festival Ceará Junino (2017). Fonte: Site G1.Globo.com³⁷

Observamos nas saias, na figura 16, uma representação das flores do chitão com fitas, dois elementos quase obrigatórios nos trajes de quadrilhas estilizadas e que remetem aos trajes tradicionais simplórios de chita em que as flores eram sempre presentes. Os trajes estilizados dão continuidade à tradição de vestidos de chita ao usarem flores e fitas.

Pensar sobre quadrilha é refletir sobre cultura e identidade, que são inseparáveis. Os trajes juninos de quadrilhas tradicionais são sempre simbolizados como simples, e os estilizados luxuosos. O que une as pessoas “são as semelhanças culturais entre as pessoas de um mesmo grupo, entre uma comunidade” (Santos, 2016, p. 10), e que chamamos de identidade cultural.

³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/sao-joao-no-ceara/noticia/junina-babacu-e-bicampea-do-festival-de-quadrilhas-do-nordeste.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2023.

A quadrilha junina brasileira é aquela que corresponde a nossa tradição cultural em que muito não foi ensinado pelos livros, e sim, passado na oralidade popular. Não existem livros que falem, por exemplo, dos trajes usados nas danças de quadrilhas no século XIX. Trabalhamos com interpretações de imagens a partir dos registros históricos. Sabemos como as cortes se vestiam, assim como os camponeses trajavam nas festas juninas após a Proclamação da República, quando se tornaram simplórios.

A identidade cultural das quadrilhas, entre o mundo rural e citadino, tem sua origem em movimentos e contextos históricos precisos de nossa sociedade, e que guarda ao longo do tempo, estes mesmos elementos constitutivos das identidades nacional, regional e local, incorporando transformações nos processos de reelaboração e ressignificação aos quais seus agentes operam em cada época e contextos distintos. Não podemos deixar de citar a importância da paraibana Luciana Chianca e seus estudos sobre as quadrilhas e suas tensões, como ela mesma explica:

Parte crucial da vida urbana, a festa está situada no limiar das tensões entre o valor de uso e o valor de troca, entre a acumulação e a dilapidação do capital. Além destas tensões acima, a festa junina apresenta muitas outras, sendo uma das principais a sua incontestável importância para os citadinos, embora seja identificada na cidade como uma festa do mundo rural, uma festa “do interior”. (Chianca, 2018, p. 11)

Partindo de uma temática através da qual desenvolve uma *performance* rica em referências, formando uma memória coletiva de como era e como a quadrilha se tornou, Ligiéro (2014, p. 38) traz uma reflexão que “a memória é vista como *performance*, pois está em contínuo processo de elaboração de materiais, captados como espectador, reprocessados, reelaborados e representados como novo, alternando-se então, o aparente papel passivo do espectador”.

A quadrilha que se materializa em dança, em música, em teatro e em visualidades expressas por meio dos elementos gestuais, sonoros, teatrais e visuais apresentados em cena, de forma única ainda que repetidas vezes, a quadrilha junina contemporânea é também um ato político e um ato pedagógico apresentada entre 25 e 35 minutos, de acordo com regulamentos estabelecidos nos festivais.

A *performance* segue modelos estabelecidos pelos regulamentos de cada organização (federação estadual, união junina, movimento junino): desfile de apresentação da quadrilha, encenação do casamento e diversas danças dos pares coreografados, entremeados pelas apresentações dos destaques (casal de noivos e rainha). Ela sustenta a tradição dentro da cultura popular discutida por Cascudo (2006), em que a quadrilha moderna difere nos padrões estéticos de antes.

O público entre 20 e 40 anos, entrevistado na pesquisa realizada pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, no Festival Ceará Junino 2023, em Ubajara, ao ser indagado sobre a tradição das quadrilhas juninas, citou que não viveu ou não recorda como eram as quadrilhas de antes, e quando traz alguma lembrança, geralmente, é em relação aos trajes simples das festas juninas infantis na escola, e que hoje prefere as quadrilhas estilizadas. A tradição está em continuidade. Câmara Cascudo, como autor potiguar,

estudou o ambiente rural e não chegou a registrar ou vivenciar as transformações que as quadrilhas sofreram, ao contrário de Luciana Chianca, também potiguar, que desenvolveu trabalhos sobre as transformações nas quadrilhas citadinas modernas.

Na figura 17, vemos um exemplo de uma quadrilha tradicional, simplória para alguns, mas que carrega os elementos que sempre são lembrados como trajes do passado: vestidos de chita com tecidos coloridos e fitas, babados, camisas masculinas xadrez, chapéus de palha, calças com remendos e todos os modelos diferentes uns dos outros.



Figura 17: Quadrilha tradicional no Ceará Junino, em Ubajara-CE (2023). Fonte: Arquivo do autor

Não podemos deixar de refletir que a quadrilha é um ato político porque sua feitura se dá socialmente a partir da coletividade, do diálogo do embate entre os grupos sociais e destes com o Estado, essencial para a realização de festivais. Há sempre um discurso recorrente que as políticas públicas precisam melhorar para que a festa seja sempre maior e atenda às quadrilhas igualmente. Em cada lugar que acontece, a quadrilha adquire características próprias, favorecendo elementos ancestrais que se reinventam em cada lugar,

obtendo modelos distintos. No Rio de Janeiro, por exemplo, as quadrilhas são divididas entre quadrilha de roça ou quadrilha de salão, e diferem muito em sua *performance* das quadrilhas nordestinas.

Toda apresentação de quadrilhas se inicia com a encenação do casamento junino composto pelo casal de noivos, pais dos noivos, padre e outros personagens que surgem a partir do texto encenado. Para Luciano Di Carvalho, professor e escritor de casamentos juninos, casamento é a representação da celebração do matrimônio dentro da tradição casamenteira teatral da cultura junina, a partir de sua dramaturgia, encenação e produção de espetáculo numa fruição coletiva. Di Carvalho acrescenta:

Dentro dessa modalidade dramática, as quadrilhas juninas seriam uma tradução dessas representações na linguagem estética da dança. O texto teatral junino está intimamente relacionado e integrado à quadrilha junina. Sempre contará uma “historinha” e como toda história é produto de sua época. Hoje, esse verbete “casamento junino” se abre para um leque de possibilidades do fazer. É interessante observar que com o advento do tema, os casamentos juninos tomam uma posição privilegiada de serem os primeiros a contarem aquele tema, da pesquisa do grupo seriam o “abre-alas”, o “cartão-postal” da quadrilha e o motivo da festa, do celebrar, da colheita, da fertilidade. Toda essa tradição casamenteira teatral, do Nordeste e do Brasil, bebe

em fontes do teatro ocidental, do teatro grego ao teatro de Shakespeare, Molière, *Commedia Dell'Arte* (XVI-XVII) em várias correntes do teatro brasileiro. Por isso, essa riqueza de possibilidades é cabível nessa explosão da espetacularização junina. Um casamento junino pode ter somente uma fogueira como testemunha? Pode. Conta a história que por volta de 1912, em alguns lugarejos, os casais eram abençoados somente quando algum religioso passava no local, bem depois de um sacramento. O casamento junino é tradição nossa, só saiu da roça, mas foram transplantados pelos imigrantes interioranos, com suas brejeirices, costumes, superstições, crendices... E hoje, dialoga muito bem com o “moderno”, com a cidade, periferias, principalmente, é lugar de oposição, de encontro a velhos costumes, levanta bandeiras, é político, e continua sendo sagrado e profano. Todos os personagens são importantes. Porém, como a historinha contada que tem começo, meio e fim, gira em torno da representação dos noivos. Eles seriam assim, os protagonistas da festa. A partir de então, fica muito a cargo da concepção artista, criativa de quem executará o projeto da quadrilha junina, de quem está escrevendo o texto e direção. O que não pode faltar num casamento junino é um bom texto. A narrativa dessa história. Porque o que veremos depois seria (pelo menos se espera) uma boa sucessão de even-

tos. Aí entra a modalidade teatral. Representações, personagens, figurinos, adereços, marcações. Tudo inserido no tema proposto da quadrilha. (Luciano Di Carvalho, em depoimento ao autor)

Segundo Santos (2012), acredita-se que devido à relação histórica dos festejos juninos com a fecundação do solo e a agricultura, essas festas ganharam um caráter interiorano, rústico, e que na região Nordeste esses festejos são mais efervescentes, engrandecendo a figura do sertanejo às festas juninas (Santos, 2012, p. 36).

As quadrilhas juninas passaram por muitas transformações, principalmente, as de mudança do espaço rural para as periferias das cidades, onde nas danças de quadrilhas se faz “uma representação do interior a partir da construção cidadina”(Chianca, 2007, p. 05). Observando a figura 18, vemos referências rurais, ainda que estilizadas, nos trajes da quadrilha Junina Tradição, de Pindoretama, em 2019, e mesmo que utilizem elementos como a chita nos vestidos e chapéu de palha nos cavalheiros, os trajes não são tradicionais.



Figura 18: Quadrilha “Junina Tradição” (2019). Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2390907884495825&set=a.2390907631162517>

Há diferenças sociais também nas quadrilhas. Há todos os níveis e classes entre os brincantes e isso se reflete no custo de adquirir um traje, que nem todos podem pagar por um, e quadrilhas que nas suas apresentações não têm uma banda regional ao vivo. Embora as quadrilhas estejam nas capitais, elas são formadas por brincantes da periferia, onde surgiu a maioria das quadrilhas citadinas.

As quadrilhas constituem um dos símbolos da cultura imaterial nordestina, composto pelas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural³⁸. Como bem cultural de um costume, no caso, a dança de quadrilhas, continua viva como tradição, apesar das constantes transformações e hibridações que se seguiram. Constituem uma série de conhecimentos que foram sendo transmitidos por gerações que, ao migrarem para as capitais, trouxeram a hibridação cultural relatada por Canclini (2003).

Inserida em um contexto cultural tradicional popular, “folclórico”³⁹, a quadrilha é carregada de lembranças e foi assimilada em diversas partes do país, compartilhada, sobretudo, nas zonas rurais e, o que lhe garantiu o caráter de dança caipira, praticada pelo povo da roça, sendo o ponto alto da festa a encenação do casamento, destacando-se o casal de noivos (Delfini, 2011).

38 Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/71>. Acesso em: 23 jul. 2023.

39 Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social (Carta do Folclore Brasileiro-1995). Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/CartadoFolcloreBrasileiro1995.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

As quadrilhas juninas, ao longo do tempo, tornaram-se um símbolo da cultura nordestina e parte de um grande movimento cultural, que faz dos festivais de quadrilhas grandes espetáculos, destacando-se por “uma estética que nasceu nos campos”, mas que nas cidades foram sendo influenciadas pelos costumes, festas populares, moda e pela competitividade entre elas nos festivais.



Figura 19: Quadrilha “Sol do Meu Sertão”, de Quixeramobim-CE.
Fonte: <http://soldomeusertao.blogspot.com/p/a-quadrilha.html>

Na figura 19, destacamos a quadrilha Sol do Meu Sertão, de Quixeramobim, interior do Ceará, que mesmo afastada dos centros urbanos, segue a “estética” estilizada que hoje permeia as quadrilhas nordestinas nos festivais: coreografia original, trajes padronizados e confeccionados com tecidos luxuosos, e uma série de profissionais que trabalham em equipe na criação e elaboração, desde o tema, dramaturgia do casamento, cenários, alegorias e figurinos.

A cultura estabeleceu vínculos com a dinâmica das sociedades e suas transformações no tempo (Zucon, 2013). A partir dos anos 1980, a região Nordeste passou a concentrar as maiores festas juninas do Brasil e, no Ceará, as quadrilhas cearenses passaram a destacar-se a partir dos festivais competitivos, encontros que foram muito importantes na evolução das próprias quadrilhas em todo o Nordeste.

“Em tempos antes da pandemia, as quadrilhas começavam suas atividades logo após a conclusão do ciclo junino (maio, junho e julho)”. Muitas quadrilhas, que não têm equipes de criação ou são menos estruturadas, buscam comprar seus trajes de segunda mão de outras quadrilhas, na mesma cidade ou de outras cidades, no mesmo estado ou de outros estados. Há muitos *sites* especializados em vendas de trajes, inclusive, oferecendo serviços e produtos para a construção, montagem e estruturação das quadrilhas, como temáticas e textos de casamentos juninos (Barroso, 2015). O interessante é que esses pacotes podem ser parcelados em até 18 vezes no cartão de crédito.

Quando a quadrilha Arriba Saia, de Várzea Alegre, ganhou o concurso Ceará Junino, em 2022, e foi eleita a melhor quadrilha do estado, disputando o prêmio com 17 quadrilhas, mostrou a força do movimento quadrilheiro no interior do Ceará, e ao contrário do que muito se discute, que só as quadrilhas de Fortaleza e região metropolitana da capital cearense é que se destacam. É preciso observar que, de fato, nos últimos anos, as quadrilhas de Fortaleza tiveram muito destaque na mídia e em campeonatos estaduais e nacionais, tornando-se referência e ditando moda, em certos casos. Barroso (2019) contextualiza:

É necessário ressaltar que aqui tomamos como referência a realidade dos grandes grupos de quadrilha junina cearense, os quais apresentam espetáculos de grande porte, contam com denso aparato tecnológico e cenográfico, uma pluralidade de recursos e linguagens artísticas, e que, talvez por esses aspectos, tornaram-se referência e objeto de inspiração (para não dizer também imitação) de vários outros grupos. (Barroso, 2019, p. 14)

As quadrilhas juninas cearenses começaram a destacar-se nas periferias de Fortaleza na década de 1980. Rocha (1995, p. 14) afirma que a região metropolitana de Fortaleza se destacou por ter sido o assentamento de diversas famílias do interior do estado, que ao migrarem para Fortaleza se estabeleceram nas periferias. O movimento junino cearense tornou-se mais popular nas décadas de 1980 e 1990. “Foi em 1990 que surgiu a primeira instituição organizada do movimento junino, a FEQUAJUCE (Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará)”.

No Ceará, aos poucos, as quadrilhas foram ganhando destaque e os festivais não só se tornaram grandes e atrativos de público, como chegaram ao patamar de outras capitais nordestinas como Recife, João Pessoa, Natal e Aracaju, sem falar nas já citadas cidades turísticas de Caruaru e Campina Grande, que se intitulam capitais do forró e do São João. Cabe citar o “Concurso Interestadual de Quadrilha Estilizada”, que acontece em Mossoró, Rio Grande do Norte, e onde muitas quadrilhas

cearenses participam. Esse festival divide-se em categorias tradicionais e estilizadas. O quesito que mais se debate em descaracterização é o traje e seus excessos.



Figura 20: Quadrilha tradicional “Zé Matuto” (2022). Fonte: Portal mossorocidadejunina.com.br⁴⁰

Na figura 20, vemos a quadrilha Zé Matuto, que foi campeã na categoria tradicional no Festival de Mossoró em 2022. Observamos que nos trajes femininos há referências tradicionais como o uso de xadrez, chita e fitas.

40 Disponível em: <https://mossorocidadejunina.com.br/edicoes/2022/noticias/quadrilhas-do-mcj-ze-matuto-e-lume-da-fogueira-dominam-concurso-nas-categorias-estadual-tradicional-e-estilizada>. Acesso em: 29 jul. 2023.

Essas disputas entre quadrilhas ocasionou uma intensa competitividade no movimento junino, o que gerou forte descaracterização das quadrilhas, vistas nos trajes, pontuadas por Dos Santos (2019, p. 81), “a saga por se ganhar títulos, premiações e *status* põe em detrimento o sentido de exercer uma manifestação cultural apenas pelo sentido de pertencimento que ela traz”.

No Ceará, podemos entender a quadrilha como uma dança coletiva de pares (hoje muito feita com pares soltos), com uma temática escolhida anualmente para conduzir seu processo criativo, buscando sempre e, às vezes, direcionar seus elementos estéticos contemporâneos para os elementos matrizes da cultura sertaneja, que em cada local do território brasileiro a consolidou. É, geralmente, marcada por uma abertura, um casamento em estilo de esquete teatral com dramaturgia nordestina, um momento especial com o casal de noivos e com a rainha. Uma quadrilha é definida pela música, figurino, passos, elementos coreográficos, personagens e temas.

A quadrilha possui uma estética própria que estabelece seu jeito de ser, que se reinventou e continua a se reinventar a partir de elementos ancestrais de sua forma de brincar, e passou a ocupar o espaço como elemento motivador da própria festa. Assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não estão unificadas. Ao mesmo tempo vivencia uma heterogeneidade de estilos que duela com uma multifacetação de modo de fazer quadrilha, que é novo e multiforme. Esse embaralhamento e diluição fundem-se em gêneros, incorporando o híbrido e a desterritorialidade. A relação

do espaço, a música, a dança/ritmo interferem na criação e realização desses personagens.

A diversidade nas quadrilhas juninas

A quadrilha no século XXI é uma dança coletiva, originalmente formada por homens e mulheres cisgêneros que formam pares e dançam coreografias ao ritmo de músicas populares ou especialmente compostas para estas ocasiões, tocadas pelos grupos chamados regionais. Tradicionalmente, apresenta-se com uma formação de pares cisgêneros, causando, ainda, discussão quando temos a presença de travestis, *drag queens* e transexuais nas apresentações, nas quais os pares devem ser compostos de homens e mulheres com belos vestidos, saltos altos, maquiagem e cabelo impecáveis, portando saias rodadas (geralmente com o suporte de anáguas e arames) e coloridas que irão parecer ganhar vida própria durante a execução dos inúmeros passos da dança. Os homens, com vestes igualmente coloridas, usam calça, camisa, colete e chapéu, e têm a responsabilidade de representar o que há de mais viril do “cabra macho” do Nordeste (Barroso, 2016). A quadrilha tradicional modificou-se e agrega diversidade sexual e de gênero não só nos seus pares, mas em toda a quadrilha (Noletto, 2016).



Figura 21: Brincante Tarcila Fernandes na quadrilha “Paixão Nordestina” (2023). Fonte: Reprodução/Instagram - @tarcila.fernandes⁴¹

Uma das maiores construções sociais nas quadrilhas é a presença de travestis, *drag queens*, transexuais e membros do movimento LGBTQIAPN+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais/transgêneros/travestis, *queers*⁴², intersexuais, assexuais, poli, não-

41 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ctzf2BkPFHw/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

42 *Queer* é um termo vago, que muitas vezes foi e ainda é utilizado como termo pejorativo em países de língua inglesa. Significa, basicamente, “estranhe”. Algumas pessoas definem sua orientação como *queer* por não quererem/saberem defini-la e ao mesmo tempo não serem hétero; algumas pessoas definem seu gênero como *queer* ou como gen-

binárias), tanto na organização quanto como brincantes, e que tornam as quadrilhas juninas palco da diversidade de gêneros. Barroso (2017) ressalta o protagonismo trans nas quadrilhas, como podemos observar na figura 21, em que destaca-se a dama Tarcila Fernandes na quadrilha Paixão Nordestina, em 2023, vestida com o tema “Imaginário Cariri - Um Oásis Cultural no Sertão”.

A tradição heteronormativa foi se alterando dada a importância dos questionamentos sobre os gêneros nas quadrilhas, que foram sendo discutidos diante da real presença trans e seu papel nos folguedos. Barroso (2016) contextualiza:

É possível observar, contudo, que dentre os novos sujeitos e identidades forjadas nas festas juninas, àquelas reservadas às questões de gênero parecem estar em questão. Não com relação ao fato de as quadrilhas juninas continuarem a se apresentar com base nos pares de “damas e cavalheiros”. As performances trans se fazem presentes e se fazem sentir nesse contexto reinventado, de modo a alterar os sentidos mesmo da tradição. (Barroso, 2016, p. 182)

As quadrilhas cresceram muito com os números de pares que dançam em sua composição, o que foi obrigando a incorporação

derqueer (“gênero *queer*”) por não quererem/saberem defini-lo, além de “nem homem, nem mulher”, ou por desafiarem as normas de ser homem ou mulher. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/> Acesso em: 04 mar. 2023.

de brincantes não-cisgêneros tornarem-nas mais diversas. Essa mudança não foi simples e trouxe muita discussão para os que defendiam que a quadrilha é formada somente por pares héteros. Noleto (2018, p. 57) ressalta as diversas categorias classificatórias de identidade de gênero nas quadrilhas juninas e concursos de rainhas da diversidade, como homossexual, *gay*, travesti, transexual, bicha, viado, *drag queens*, transformista e *crossdresser*.

A diversidade nas quadrilhas é inegável com a presença da comunidade LGBTQIAPN+. Noleto, em 2017, afirmava:

Embora os folguedos juninos sejam reconhecida-mente voltados para todos e quaisquer sujeitos que deles queiram participar, há uma presença inegável de homens homossexuais, mulheres transexuais, travestis e pessoas transgênero nesse contexto festivo. (Noleto, 2017, p. 202)

Noleto complementa, ainda, afirmando sobre a intensa participação homossexual, travesti, transexual e transgênero, que é integrada às quadrilhas, ocupando as funções femininas na coreografia (Noleto, 2017, p. 202), e ainda vemos em outros casos, exercendo as funções masculinas.

A partir das escolhas das rainhas das quadrilhas no Ceará, surgiram as rainhas *gays*, que foram se tornando também importantes dentro das quadrilhas, seus concursos entraram para o calendário nos pré-eventos dos festivais juninos, como ressalta Barroso (2016):

O concurso para a escolha da Rainha Caipira *Gay* também passou a figurar no rol dos eventos oficiais do São João cearense, mesmo sendo sua promoção realizada por um único grupo junino. O cartaz de divulgação do evento neste ano de 2015, o anunciava como a Pré-Festa Junina. E esta costuma ser uma característica da maioria dos Concursos *Gay*, eles são realizados antes do mês de junho, ou seja, antes de, oficialmente, ser dada a largada para o período oficial do São João. Embora esse concurso promovido pela quadrilha Ceará Junino seja o mais antigo, outras quadrilhas começaram a promover concursos da mesma natureza, tanto na capital como em cidades do interior. (Barroso, 2016, p. 07)

Afora a diversidade das quadrilhas, a escolha de rainhas da diversidade tornou-se muito popular em todo o Brasil. As quadrilhas escolhem suas representantes, e cada estado escolhe a sua, que participa do concurso nacional. As rainhas da diversidade tornaram-se destaques dentro das quadrilhas também. Barroso (2019, p. 17-18) ressalta que no Ceará os sujeitos trans femininos, nos últimos tempos, também estão figurando na própria dinâmica interna dos grupos, dançam junto com os grupos, e não apenas para os concursos de pré-temporada junina. Noleto (2016), refletindo além desses concursos, afirma:

O fato é que esses concursos representam, no contexto de um tempo-espaço festivo, um âmbito social no qual a homossexualidade masculina, a travestilidade, a transexualidade e a transgeneridade não encontram barreiras fortemente impeditivas quanto à participação desses agentes sociais na produção de uma festa popular. No contexto das quadrilhas juninas, estes sujeitos estão inseridos nas coreografias como brincantes, que desempenham (em geral, mas não exclusivamente) o papel das damas e, assim, reconfiguram simbolicamente a constituição heterossexual pretendida nos enredos coreográficos. (Noletto, 2016, p. 47)

A presença de rainhas da diversidade, ou também chamadas de Rainha *Gay*, *Miss Caipira Gay* ou Rainha *Mix*, é recente e surgiu dentro das próprias quadrilhas, e posteriormente, adotado pelas federações, tornou o concurso de escolha desses destaques algo muito popular e midiático. Nos concursos elas são julgadas pela caracterização e pela *performance* ao executarem uma coreografia.

As primeiras rainhas da diversidade surgiram em concursos promovidos pelas próprias quadrilhas, e hoje, de forma mais ampla, são organizados pelas federações nos estados. A escolha de uma rainha é sempre um evento importante nos processos que antecedem as apresentações em festivais onde brilham, em sua maioria, rainhas cisgêneros. O Ceará foi pioneiro nesses concursos, como afirma Barroso (2016):

O *Miss Caipira Gay* é o concurso mais antigo do gênero no Ceará. Promovido pela quadrilha Ceará Junino há cerca de treze anos, nele é escolhida a Rainha G ou Rainha *Gay* do São João. A campeã representa o Ceará no concurso nacional. O Destaque Fequajuce não é uma competição exclusiva entre Rainhas G, e envolve outras categorias; somente a partir de 2014, foi incluída a categoria Rainha da Diversidade. (Barroso, 2016, p. 183)

A aceitação e presença trans, como a da brincante Sarah Cabral, da quadrilha Paixão Nordestina⁴³, figura 22, é uma realidade e resultado de uma constante luta pela diversidade.

43 Fundada e sediada na capital cearense, no ano de 1998, a quadrilha junina Paixão Nordestina, conhecida popularmente como a Quadrilha Junina mais Apaixonada do Brasil, transcende limites, pois já participou de eventos juninos em diversas cidades do país e tem em seu legado vários títulos, entre eles, podemos citar: Campeã Nacional, Campeã Ceará Junino, Tetracampeã Cearense, Tetracampeã Mossoró Cidade Junina, Campeã Vila São João, Bicampeã Festival Intermunicipal de Maracanaú, Bicampeã Arraiá do Ceará. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/14016/> Acesso em: 25 jul. 2023.



Figura 22: Dama Sarah Cabral (2022). Fonte: Reprodução/Instagram - @sarahrh_cabral

Em 2022, o tema da quadrilha foi “Vida Vitalina do barro, mestre, arte, legado”, destacando-se o trabalho nos trajes que foram definidos como figurinos inteligentes, feitos com criatividade e custo acessível, pois a quadrilha vinha de um período pandêmico e refletiu sobre os gastos que os brincantes teriam, “sem perder qualidade, beleza e estética exigidas pela temática”, segundo o *Instagram* @paixaonordestinaoficial.

A socialização e aceitação das rainhas da diversidade foi um processo longo, mesmo que a comunidade *gay* seja parte essencial na produção e realização das quadrilhas, mas que representou um intenso processo de desconstrução de uma estrutura sexista e binária. Ainda nos dias de hoje o machismo é grande nos festejos juninos.

A escolha dessas rainhas traz maior visibilidade às quadrilhas e elas ocupam uma presença especial nas apresentações, sejam elas cisgêneros ou transgêneros. Nesse contexto, temos observado a realização de concursos de rainhas da diversidade antes ou durante o período junino, em diversas regiões do Brasil, em especial, no Norte e Nordeste. Esses concursos têm por objetivo dar mais visibilidade à diversidade sexual e de gênero ao movimento junino.

A maioria das quadrilhas escolhe suas representantes da diversidade, que além de participarem dos concursos também são brincantes das quadrilhas. A diversidade sexual e de gênero nas quadrilhas têm sido uma constante nas quadrilhas, como ressalta Barroso, que “percebeu uma expressiva presença de *gays*, travestis e transexuais no universo junino do Ceará” (Barroso, 2016, p. 03). Porém, nesses concursos, as candidatas fazem *performances*, coreografias, como Andressa Garcia, na figura 23, performando no Concurso Rainha Nacional da Diversidade, em 2022.



Figura 23: Concurso Rainha Nacional da Diversidade (2022). Fonte: Reprodução/Instagram - @andressagarcia.a

A feminilidade, a beleza plástica, a maquiagem, os cabelos (perucas), acompanhados por uma coreografia empolgante, além do investimento em um traje marcante e luxuoso, são marcas das rainhas da diversidade. Em 2022, o Concurso Rainha Nacional da Diversidade elegeu a representante do estado do Piauí, Andressa Garcia (figura 23), escolhida Diva G Junina do Piauí 2021 e Rainha G Estadual Piauí 2022. O concurso nacional foi realizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (CONFEBRAQ) e aconteceu em Canaã dos Carajás, no Pará.

No Ceará, tivemos uma quadrilha histórica, “As Dragonetes”, cujos raros registros encontram-se no canal *YouTube*, de onde retirou-se a figura 24. Sabe-se que a quadrilha “As Dragonetes”

participou dos festejos do Ceará Junino em 2012, homenageando o centenário de nascimento de Luiz Gonzaga. “As Dragonetes” foi uma quadrilha composta totalmente por transexuais e *gays*, e sua formação data dos anos 1990. Whitney de Vlasakky foi a rainha da quadrilha em 2012, e em depoimento ao autor, contou que foi escolhida através de um concurso, uma batalha de candidatas, na qual ficou em primeiro lugar. Ela contou ainda que essa batalha teve cobertura da imprensa da época e que seu reinado coincidiu com o último ano em que a quadrilha dançou. Os poucos registros dessa quadrilha nos fazem concluir que eles estavam vestidos no padrão da época, sendo seus trajes estilizados, multicoloridos e com a utilização de tecidos sedosos como cetim e ausência de elementos tradicionais como tecidos chita e xadrez.



Figura 24: Quadrilha “As Dragonetes” (2012). Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m2DN1hOY22Y>

A tradição renova-se com a diversidade, mesmo que seja mantida através da imagem de um homem e uma mulher, dama e cavalheiro que, nas palavras de Menezes Neto, forjam uma

lógica sexista, “permitindo que sujeitos de diferentes identidades de gênero e de sexualidade, não apenas mulheres cisgêneros, dancem como damas e representem a corporalidade ligada a um tipo específico de feminino” (Menezes Neto, 2019, p. 210).

É preciso ressaltar a importância de pesquisadores cearenses como Hayesca Barroso, que já em 2015 falava sobre o protagonismo LGBTQIAP+ nas quadrilhas cearenses, e Thiago de Castro, que lançou em 2018, o documentário “O São João é trans”, em que aborda o universo das mulheres trans nas quadrilhas de Sobral, interior do Ceará, citadas neste trabalho.

Festivais de quadrilhas, avaliações e editais

Segundo Barroso (2013), os concursos e campeonatos entre as quadrilhas juninas ocorrem nos meses de junho e julho, inseridos nos circuitos de festejos juninos. Melo (2006) contextualiza:

Os concursos de quadrilhas juninas são os maiores instrumentos para a consolidação do formato estilizado desse folguedo. A cada edição do concurso o que se assiste é mais suntuosidade, luxo e brilho do guarda-roupa das quadrilhas estilizadas, coreografias tecnicamente elaboradas, maquiagens requintadas e até alegorias como as escolas de samba do Rio de Janeiro. Além dos gastos com alimentação,

transportes e outras despesas, um batalhão de contrarregras, produtores e auxiliares acompanha a caravana a cada exibição. Sabe-se que os prêmios estão longe de compensar o montante investido, contudo, o *status*, de ficar nos três primeiros lugares, ter a oportunidade de participar de um concurso, estar na mídia, para os brincantes, essas compensações não têm preço e todo esforço vale a pena. (Melo, 2006, p. 1 a 10)

Uma quadrilha é avaliada em um concurso nos seguintes quesitos: coreografia, evolução, harmonia, animação, figurino, casamento e tema. O critério de avaliação muda de estado para estado e pode ter características locais. Hallyson Melo (em depoimento ao autor) ressaltou a importância de se avaliar uma quadrilha num festival e não usar a palavra julgar. “As emoções não devem prejudicar a razão num julgamento” (Hallyson Melo, em depoimento ao autor, 2021). O corpo de jurados deve ter máxima atenção no momento de julgar. Nada passa despercebido em festivais, pois quadrilhas são rivais e observam todos os pormenores das apresentações. Se alguma injustiça for cometida pela desatenção de algum jurado, segundo avaliação de alguma quadrilha, as redes sociais são o meio de denúncia nos dias de hoje. Um exemplo de regra nos festivais é a proibição do uso de aparelho celular durante a apresentação de uma quadrilha num festival.

As quadrilhas precisam entender todos os quesitos a serem avaliados para que não percam pontos em suas avaliações. Da harmonia acompanhando a evolução dos passos ritmados e cadenciados pelo repertório musical. Movimentos variados entram e saem dos desenhos coreografados e espontâneos, assim como as paradas obrigatórias e o continuísmo com cadência e ritmo, de acordo com o conjunto temático dentro da musicalidade.

A dança aproxima-se ao figurino, que traz cores, compondo a evolução do tema e a funcionalidade. Coreografias e figurinos são o coração de uma quadrilha. O quesito figurinos sempre causa discussão sobre suas avaliações. “Muitos jurados seguem suas opiniões pessoais e julgam sem conhecimento” (Depoimento informal de brincante durante o Festival Ceará Junino Etapa de Ubajara 2023). Tudo é analisado a partir do tema de uma quadrilha.

A coreografia é o conjunto de movimentos sequenciados de uma dança e nas quadrilhas segue uma trilha musical. A evolução é a sucessão de movimentos concatenados (unidos) e harmônicos, em que cada um está condicionado pelos anteriores, que podem se apresentar a cada momento mais complexos ou mais pronunciados ao longo do desenvolvimento. Trabuco complementa sobre a coreografia:

A coreografia, por exemplo, é uma criação muitas vezes única e que demanda tempo e árduo trabalho, utilizada para expressar histórias, sentimentos e anseios. É uma combinação harmônica entre música, enredo, passos, corpo de baile

e bailarinos, perfeitamente organizado pelo seu criador, o coreógrafo. (Trabuco, 2021, p. 31)

Os figurinos femininos são bastante valorizados nas coreografias, como vemos na figura 25. O movimento das saias acompanha a música, criando efeitos cênicos muito apreciados pelo público.



Figura 25: Movimento de saias na coreografia da quadrilha “Raio de Sol” (Ubajara-CE). Fonte: Arquivo do autor

Harmonia é a disposição e combinação bem-ordenada entre as partes de um todo. A animação é um movimento entusiasmado, alegre, vivaz, que desperta a empolgação e a participação do público, sendo uma entrega de corpo e alma dos brincantes em uma atividade com o objetivo de demonstrar o espírito animador da quadrilha durante todo o desenvolvimento da apresentação. O público, de certa forma, também deve ser considerado um jurado, pois seu retorno é um julgamento público.

A execução entra na cadência junina. Quando se julga evolução e harmonia, deve-se ter um olhar detalhado. O regulamento especifica os elementos das cadências juninas. Se ela peca em evolução, peca em harmonia. A quadrilha busca um alinhamento em todos os quesitos, resultando numa cadência. É obrigação de todo brincante ler o regulamento, mas muitos não leem.

É através da evolução que se detectam as perfeitas aplicações da história do tema pelos movimentos no contexto da apresentação. Portanto, a clareza das interpretações evolutivas tem que caminhar juntos para o bom entendimento do que é apresentado.

A avaliação é um suporte para uma ação adequada e satisfatória e não considera o caráter punitivo. Ela deve ter o objetivo de corrigir e melhorar a prática e aumentar a eficiência. Para tanto, quem avalia deve ser ético, imparcial, justo, crítico, humilde, ter disponibilidade para ver e ouvir quem ou o que está sendo avaliado, ter conhecimento técnico e sensível sobre o conteúdo que está avaliando; evitar suas preferências pessoais e expectativas, e ater-se ao apresentado.

Os quesitos nos atuais regulamentos de festivais são criados e aprovados pelos grupos em assembleias, muitos grupos que questionam os resultados desconhecem os regulamentos porque não participaram da aprovação deles.

As ações dentro do movimento junino, a partir de uma avaliação de um avaliador, podem refletir positivamente ou negativamente nos brincantes. Avaliadores devem ter conhecimento do que avaliam e não devem ser escolhidos apenas porque são famosos ou por apadrinhamento político. Todos os

avaliadores devem ter um comportamento adequado a partir de códigos de conduta.

A escrita numa planilha tem que justificar uma nota e deve ser corretamente preenchida. Uma mesa num festival é composta por vários avaliadores e diversas opiniões diferentes, que devem ser eticamente discutidas. Interesses pessoais não devem ser maiores que o código de conduta. Muitos avaliadores são ex-quadrilheiros e seus conhecimentos se formaram na vivência do movimento junino. Regulamentos são resultados dos quadrilheiros representantes que participaram de uma assembleia. No Ceará, jurados e quadrilhas têm obrigação de saber o regulamento dos festivais que participam. Em qualquer questionamento ou representação feita por uma quadrilha, consulta-se o regulamento. A atualização nos regulamentos é sempre discutida entre os movimentos nordestinos e considerada essencial, sendo um documento norteador da prática dos avaliadores.

O Ceará é um dos estados com maior nível de organização e de incentivo por parte dos órgãos públicos aos festejos juninos, através de editais. A falta desses editais de apoio é sempre um dos entraves aos festejos juninos e festivais, paralisando toda uma cadeia produtiva e econômica. Vários são os festivais juninos no Ceará. Inserido nas Políticas de Patrimônio Cultural e Memória, o Festival Ceará Junino é reconhecido como uma das maiores manifestações populares do ciclo junino cearense. É um evento de culminância dos festivais regionais de quadrilhas juninas apoiados no Edital Ceará Junino, da Secretaria da Cultura do Estado. O título estadual é o maior reconhecimento do Estado para o movimento junino. Os festivais regionais de quadrilhas juninas que integraram

o XXI Ceará Junino de 2019, constituíram as disputas das etapas regionais do Campeonato Estadual do Ceará Junino 2019⁴⁴. Esse festival foi o último antes da pandemia. As atividades tiveram início no dia 15 de junho de 2019, totalizando 21 etapas. Os vencedores das etapas regionais disputaram o XVI Campeonato Estadual Festejo Ceará Junino.

Em 2019, no Ceará Junino, cada quadrilha foi avaliada em coreografia, harmonia, evolução, animação, figurino, casamento e tema, além de quesitos individuais – rainha, marcador, noiva, noivo, casamento e repertório musical. Um total de 1.866 quadrilheiros de 22 grupos de todo o estado e 360 integrantes de 8 grupos de cultura popular.

Em 2020, a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará lançou o mapeamento das quadrilhas juninas do Ceará, com o objetivo de realizar o levantamento da quantidade e localização das quadrilhas juninas que o Ceará possui, para fins de reconhecimento e fortalecimento dessa tão significativa manifestação da cultura cearense⁴⁵.

O cancelamento do Edital Ceará Junino, em 2020, paralisou uma cadeia produtiva, como citou Tácio Monteiro, presidente da quadrilha Junina Babaçu:

Uma média de 350 grupos juninos atuam no Estado, impulsionando uma cadeia produtiva,

44 Fonte: secult.ce.gov.br

45 Site: ceara.gov.br

composta por sapateiros, costureiros, cabeleiros, músicos, aderecistas, entre outros integrantes envolvidos diretamente na composição das apresentações. “Eles pararam agora por causa do isolamento social, mas os trabalhos já estavam bem adiantados, iniciados ainda no segundo semestre do ano passado”. (Em depoimento para o portal g1.globo.com/ce)⁴⁶

O cancelamento e paralisação de todas as atividades juninas impactou não só na vida cultural dos quadrilheiros, mas também na economia de subsistência destes, pois muitos dependiam dessas atividades para sobreviverem. O governo do estado do Ceará, então, lançou um edital de fomento para grupos de cultura tradicional do Ceará, visando atender 138 projetos nas categorias de grupos de quadrilhas infantis, adultas e da diversidade. Mesmo com essa iniciativa, o setor quadrilheiro sentiu-se muito prejudicado e essa ajuda só foi um alento às dificuldades passadas.

No Ceará, temos diversas entidades representativas que atuam tanto na capital como no interior. A primeira que destacamos é a FEQUAJUCE - Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará, criada em 1990, mas fundada definitivamente em 1993, a FEQUAJUCE é uma entidade

46 Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/04/22/secretaria-da-cultura-estuda-criar-premiacao-para-quadrilhas-apos-cancelamento-do-ceara-junino-2020.ghtml> Acesso em: 02 mar. 2023.

civil, de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. Conta com a participação de 350 filiados, sendo 200 quadrilhas juninas, adultas e infantis, e 150 festivais de quadrilhas juninas, espalhados em 130 dos 184 municípios do estado (Mapa Cultural de Fortaleza).

No interior do Ceará, temos a Federação do Movimento Junino do Interior do Ceará – MOJUNI, que atua em todo o território cearense, promovendo a integração entre as quadrilhas, os festejos juninos e toda cadeia produtiva do Movimento Junino do Estado no interior, através de programas socioculturais, folclóricos e econômicos, em conjunto com os órgãos governamentais, não governamentais e com a iniciativa privada; organizando e realizando congressos, simpósios, encontros, jornadas, seminários, cursos, fóruns, oficinas e/ou quaisquer eventos relacionados à cultura junina; firmando convênios, contratos, parcerias e intercâmbios, promovendo iniciativas conjuntas com organizações e instituições públicas e/ou privadas, nacionais e/ou estrangeiras; preservando e difundindo os valores da cultura junina cearense e buscando seu reconhecimento regional e nacional. A MOJUNI possui 54 grupos quadrilheiros, segundo dados de seu presidente, Vando Rodrigues.

Por último, temos a União Junina do Ceará, uma entidade filantrópica que objetiva fomentar a cultura, em geral, e de modo particular, o movimento junino. Procura promover os segmentos de teatro, dança, música, exposições artísticas e formação artística tanto na capital como no interior.

Tradição e inovação nas quadrilhas tradicionais e estilizadas

Há um debate sempre recorrente no meio junino entre saudosistas, fiéis às tradições, e inovadores, que trouxeram mudanças consideráveis nas quadrilhas, nas últimas décadas, nos festivais competitivos. Câmara Cascudo já trazia essa discussão ao definir quadrilha e suas transformações:

A grande dança palaciana do século XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo marcante, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial aos sertões. (Cascudo, 1972, p. 747)

Nos interiores do Brasil, a tradição foi mantida, até deslocar-se novamente para as periferias das cidades, transformando-se, ou, resignificando-se. Quando pensamos numa quadrilha tradicional, imaginamos que seja uma dança que mantém as tradições e que a apresentação aconteça após o casamento caipira. Antes, chamada de quadrilha matuta, roceira, caipira,

sertaneja, termos relacionados ao campo ou ao camponês. Esses termos foram atualizados para tradicional. No Nordeste, o sertanejo é o símbolo dessa região, tornando-se uma identidade regional no território nordestino. Historicamente, o termo matuto foi muito comum no século XX, sendo os brincantes, todos, denominados matutos. Chianca (2007) afirma que os dançarinos das quadrilhas tradicionais são todos “matutos”, reunidos para um casamento na roça, no qual se representa o enlace (quase) forçado de um matuto que engravidou a noiva e que tenta fugir, mesmo na presença das autoridades religiosas e da lei. Ao usar o termo matuto, busca-se um distanciamento entre o homem do campo e a população das cidades.

A quadrilha estilizada é calcada no espetáculo, no luxo e nas transformações que mudaram e trouxeram uma nova linguagem através da competição para os festivais de quadrilhas no Nordeste. As quadrilhas estilizadas em festivais são o resultado da globalização e da cultura midiática, como lembra Trigueiro (2004) e não significa o desaparecimento do folclore brasileiro nas quadrilhas tradicionais (matutas ou sertanejas). A quadrilha estilizada apropria-se de bens simbólicos e os transformam. Zaratim (2014) contextualiza:

A quadrilha matuta adquiriu formatação diferente, proporcionando uma nova interpretação dos seus símbolos tradicionais. As características das quadrilhas matutas foram modificadas, dando espaço para uma mudança em sua

estrutura original. Nesse sentido, os brincantes denominaram essas novas manifestações da dança junina como estilizadas, recriadas ou modernas. Essas denominações estão inseridas no contexto junino quando se trata de uma quadrilha que não seja matuta ou tradicional. (Zaratim, 2014, p. 51)

As mudanças lembradas por Bezerra da Silva (2013) mostram essa ruptura com o passado, abandonando o improviso das quadrilhas tradicionais, além da indumentária e do repertório musical que conduz a festa. As quadrilhas modernas demonstram a ruptura com os valores da quadrilha tradicional ao apresentarem uma transformação na estrutura original, assim como nas coreografias exaustivamente ensaiadas, abandonando de vez o improviso.

Trigueiro (2004) fala da hibridização cultural que vai transformar as quadrilhas atuais, que se apropriam de bens simbólicos midiáticos que são recodificados nas matrizes culturais, transformando os festivais em palco de grandes disputas, e segundo Barroso (2015), desempenham papel importante em relação à estreia, mudando as datas das primeiras apresentações das quadrilhas, resultado de duas variantes, sendo a primeira, a grande quantidade de membros que pode atrasar a confecção dos trajes, adereços e cenários, e a segunda, a competitividade entre os quadrilheiros, que esperam as rivais estrearem para analisarem suas próprias apresentações e fazerem possíveis mudanças estratégicas nelas.

O brincante destaque

Nas quadrilhas atuais, como já visto, os brincantes que mais se destacam são os casais dançarinos, o marcador, a rainha, a noiva e o noivo. Mas, como a quadrilha está sempre em constante evolução, a última novidade foi a transformação do par da rainha em “Rei da Quadrilha”, que já existe em algumas festas, mas que sofre preconceito dentro do movimento junino.

Os destaques fazem parte de um trabalho coletivo, nos quais os grupos nos contam sobre fatos do seu cotidiano em redes sociais, desejos, anseios, inquietações e até as vivências e preocupações do grupo. A quadrilha assume diversas identidades. Na figura 26, observamos a apresentação dos figurinos da quadrilha Paixão Nordestina, em 2023, na rede social *Instagram*.

A aproximação com a *performance* vai exigir desses atores brincantes uma nova postura cênica, e conseqüentemente, um trabalho específico em sua apresentação. Trazem uma linguagem em que grupos e artistas tradicionais com estilos e estéticas extremamente diversas, incorporam não só a influência da dança, dança-teatro, folguedos, ritos, *performance*, artes visuais, incluindo as artes digitais e vídeo, criando uma corporeidade intérprete. A coreografia é fator determinante do sucesso de uma apresentação. Mesmo com todas as inovações

que surgiram nas últimas décadas, podemos observar ainda, as raízes de uma dança herdada dos europeus, lembradas por conduções coreográficas como *anavantú*⁴⁷ e *anarriê*⁴⁸, corroborado pela afirmação de Zamith (2017):

As quadrilhas, dançadas nos bailes que aconteciam no decorrer do ano no período monárquico e início do republicano, deixaram marcas na sociedade brasileira que não se apagaram, pois ficaram retidas na memória popular. A sociedade selecionou, uniu e encadeou passos de quadrilhas diversas, como a francesa, francesa dos bailes públicos, lanceiros e das famílias, como um processo de recorte e colagem, fazendo uma síntese coreográfica dos movimentos. (Zamith, 2017, p. 121)

A partir de uma nova conjuntura estabelecida pelas mudanças ocorridas na cena junina, vários registros de atuação são acionados. A figura do marcador destaca-se na condução da quadrilha, que além de conduzir é responsável pela motivação e animação, um dos itens observados nos festivais. O marcador tornou-se um dos personagens-destaques nas apresentações, seguindo o tema trabalhado. Antes, ele só gritava os passos e as ações da quadrilha nas coreografias.

47 Em bom português, significa “ir adiante”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/anavant/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

48 De origem francesa, a palavra significa voltar todos a seus lugares, na dança da quadrilha. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/anarrie/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Quadrilhas são como redes socializadoras formando famílias que, estabelecidas, criam relações de fidelidade a esses núcleos, mas que em determinados tempos podem ser rompidos por diversos fatores como o alto investimento em trajes e o retorno que a quadrilha oferece ao brincante, como a participação em diversos festivais e a possibilidade de viagens dentro do estado e mesmo fora.

Os destaques comunicam-se com o público através de vários canais (verbais, visuais ou sonoros) e nas apresentações, como vemos na figura 26, evidenciando-se o carisma do casal de noivos da quadrilha Paixão Nordestina, de Pacajus-CE, em sua interação com o público.



Figura 26: Noivos da quadrilha “Paixão Nordestina” interagindo com o público (2023). Fonte: Reprodução/Instagram - @acirandamidia

O diálogo estabelecido entre os brincantes e a plateia forma uma relação essencial para o brilho da quadrilha, criando uma socialização que vai além das apresentações, formando e alimentando as redes sociais dos brincantes e destaques que vivem intensamente a relação criada entre quadrilha e plateia.

Nas apresentações das quadrilhas criam-se laços, e ao mesmo tempo, nas disputas, aversões por determinados destaques rivais, podendo acontecer xingamentos, principalmente, nas competições, levando os jurados a serem alvos de ataques por parte do público. Público e jurados ajudam a legitimar os personagens das quadrilhas.

TRAJES DE QUADRILHAS

Os trajes são os elementos visuais mais apreciados numa apresentação de quadrilha. Comunicam uma mensagem, contam uma história e são uma das partes mais importantes da apresentação de uma quadrilha. Carregam características que ajudam a defini-la, sejam pelos símbolos ou pelo luxo que ostentam. Zaratim (2018) contextualiza:

É possível considerar as vestimentas como ferramenta comunicacional, pois refletem a linguagem festeira em questão. O compartilhamento de ideias referentes ao modo de se vestir em uma festa junina não fixa exatamente padrões dominantes, mas costumes enaltecidos pelas temporalidades e espacialidades da festa. As roupas juninas fazem parte de uma mensagem simbólica que reflete valores e estilos conforme sua intencionalidade. (Zaratim, 2018, p. 380)

A criação de um traje de quadrilha envolve diversas etapas e complexidades, pois cada quadrilha procura ser única, envolvendo o tema escolhido, principalmente, como podemos observar na figura 27, em que vemos a quadrilha Cumpadi Justino, de Maracanaú, Ceará, em 2017, cujo tema foi “Cordel”. Nela, os trajes e maquiagem seguem uma paleta de cores que remetem aos cordéis.



Figura 27: Quadrilha “Cumpadi Justino” (2017). Fonte: Reprodução/Instagram - @cumpadejustino

No início, as vestimentas de quadrilhas eram usadas em bailes das cortes por famílias abastadas e nobres, confeccionando-as com sedas, veludos e musselines, entre outros tecidos nobres. Quando as roupas das quadrilhas se tornaram simplórias, viam-se vestidos de chita com fitas e saias rodadas, camisas masculinas em xadrez e detalhes remendados. No século XX, elas retornam ao luxo visto, chegando hoje ao que poderíamos classificá-las como carnavalescas, para outros luxuosos, e para os defensores das tradições, como trajes descaracterizados.

Os trajes completos dos destaques e brincantes dançarinos podem ser definidos assim: feminino (vestido, às vezes, inteiro, outras vezes, dividido em corpete e saia godê superior com anágua por baixo) e masculino (calça comprida, camisa, colete ou terno, o terno e colete juntos).

Assim como no teatro, os trajes dos brincantes de quadrilhas são sua segunda pele e transmitem várias características dos personagens que representam, desenvolvendo estéticas que ficaram marcantes nas últimas décadas e que sofreram grandes mudanças. Na figura 28, vemos o movimento dos trajes numa apresentação da quadrilha Girassol do Sertão, de Russas, Ceará, destacando-se as anáguas, mostrando como são importantes na execução das coreografias.



Figura 28: Quadrilha junina “Girassol do Sertão” (2017). Fonte: Felipe Abud/Secult CE

Figurinos também podem ser chamados de trajes de cena, um termo mais amplo do que figurino, que tem sua origem nas gravuras do século XIX publicadas em revistas. Traje de cena é a indumentária das artes cênicas e pode abranger trajes de teatro, dança, circo, mímica, *performance*, *shows*, espetáculos. Viana e Pereira (2021) explicam:

Traje de cena é a indumentária, a roupa usada nas artes cênicas – teatro, circo, ópera, balé, musicais – não importa o formato. Pode ser cinema ou *performance*. Toda cena em que um ator estiver portando um traje vai ter um traje de cena. Claro que você pode falar figurino, não há problema algum, você vai ser entendido. Para nós, figurinos são as gravuras que vinham impressas nas revistas de moda no século XIX ou uma forma de expressão que já caiu no uso popular, como em “Nossa, ela hoje errou o figurino”! (Viana; Pereira, 2021, p. 07)

Viana e Bassi (2014) complementam que o traje de folguedos é a indumentária usada nas festas, nos divertimentos, nas brincadeiras de caráter popular. Entram aqui os trajes folclóricos ou das festas populares cristãs, afro-brasileiras e ibéricas (Viana e Bassi, 2014, p. 11).

Os trajes da quadrilha são elementos comunicadores temáticos dentro das apresentações. Nas quadrilhas, eles nascem nos croquis do figurinista a partir de um tema. Assim como nas óperas, cada personagem das quadrilhas é reconhecido por seus trajes e adereços. Nas quadrilhas, o termo “traje de quadrilha” aumenta também a dimensão de sua relevância como o elemento visual mais importante no espetáculo.

O movimento dos corpos brincantes nas apresentações de quadrilhas juninas cria uma relação com a plateia através dos

trajes, que seduzidos pelos movimentos coreografados, admiram e exaltam o folguedo, e são estes trajes que atraem o olhar do público, seja por características próprias, estilizadas e tradicionais, seja pelo investimento que fazem nos mesmos, expondo e criando uma identidade.

Analisando os estudos de quadrilhas, vemos que os trajes, especificamente, foram pouco estudados. Nesse contexto, podemos concluir a importância do estudo sobre os trajes de quadrilhas. Os trajes envolvem o olhar do espectador nas apresentações.

Além de surgirem ligados ao tema escolhido a cada ano, os trajes devem ter coerência com os elementos juninos, que podem ser representados por tecidos estampados, por exemplo. Tecidos e aviamentos devem ser bem utilizados na composição dos trajes para que não os comprometam, seja pelo excesso ou pela carência de informações que os figurinos podem passar, tendo que estarem adequados ao tema e aos festejos. Um exemplo característico do uso de elementos juninos vemos na presença de flores aplicadas ou bordados nos vestidos femininos. A partir das disputas entre as quadrilhas estilizadas em festivais podemos concluir que elas investem muito dinheiro em busca de maior destaque. Luxuosas, frutos de nosso tempo, acompanham uma tendência que descaracterizou as quadrilhas tradicionais ditas matutas, caipiras ou sertanejas, em que seus brincantes vestiam-se de maneira simples, sendo esta, uma das suas principais características, bem diferente dos trajes da rainha da quadrilha Nação Nordestina, em 2022, vista na figura 29.



Figura 29: Rainha da quadrilha “Nação Nordestina” (2022). Fonte: <https://www.maracanau.ce.gov.br/nacao-nordestina-e-campea-do-festival-estadual-de-quadrilhas-juninas-2022/>

Quanto à composição dos trajes atuais, caminha cada vez mais para a eliminação de elementos originais simplórios e se voltam para a construção de trajes luxuosos. Um dos principais motivos dessas mudanças são as competições entre as quadrilhas estilizadas nos festivais competitivos locais, estaduais e nacionais.

A vestimenta é determinante para o sucesso de uma quadrilha. A moda nesse contexto leva suas tendências às criações e trajes de quadrilhas, principalmente, nas últimas três décadas, intimamente relacionadas ao poder aquisitivo dos brincantes, que mesmo carentes de recursos, se sacrificam pelo sonho de dançar uma quadrilha. Muitos destaques inventam e lançam moda, criando *performances*, que aliadas

ao movimento dos trajes, viram tendências, como o volume das anáguas e o movimento de rodopio nas apresentações, chamado pião. Na figura 30, vemos a apresentação da quadrilha cearense Flor do Sertão, em 2022, destacando-se a dualidade cromática dos trajes, criando uma separação acentuada pela cor na *performance*.



Figura 30: Quadrilha “Flor do Sertão” (2022). Fonte: Reprodução/Instagram - @quadrilhaflordosertaooficial

De acordo com Chianca (2018), diferentemente das quadrilhas de improviso e dos grupos de espetáculo privativo, as quadrilhas estilizadas competem em um jogo sério no qual todos investem muitos recursos, energia, sonhos e projetos, mobilizando-se para vencer os concursos numa movimentação que envolve rivalidades e disputas em troca de visibilidade,

premiação e reputação. Nessa disputa, para serem reconhecidas como as melhores quadrilhas, os grupos foram incorporando elementos da moda, abandonando as roupas ditas tradicionais ou típicas. Zaratim (2020) ressalta:

Os fazedores das quadrilhas juninas ao dançar a quadrilha moderna apresentam-se trajando figurinos bem trabalhados, abdicando de vez das roupas remendadas costuradas em tecidos de baixa qualidade. Afastando-se dos trajes típicos que favoreciam o tecido de chita bem colorido, os grupos de quadrilhas juninas modernas privilegiam variadas pedrarias, bordados bem trabalhados, rendas, veludos, muitos babados nas saias e diferentes adereços, resultando no vestido de luxo. (Zaratim, 2020, p. 125)

As transformações na estética das quadrilhas trazem, ao mesmo tempo, a discussão sobre o figurino tradicional, defendido pelos tradicionalistas, que alimentam um discurso que as quadrilhas atuais foram descaracterizadas, e o traje moderno, para os que são a favor das mudanças nos trajes, e que buscam referências que ressignifique os próprios figurinos de quadrilhas.

Traje tradicional e traje estilizado

Há sempre uma grande discussão nos meios juninos sobre as quadrilhas tradicionais *versus* as quadrilhas estilizadas. Essa briga também se reflete nos trajes de quadrilhas. Chianca (2013) lembra:

Desde a época em que surgiram, o que distingue uma quadrilha matuta/caipira/tradicional de uma quadrilha estilizada é o efeito espetacular e vistoso dessa última, que se revela, sobretudo, pela atenção especial dedicada ao corte, cores e acabamento das roupas empregadas na dança. (Chianca, 2013, p. 86)

As tradicionais refletem as quadrilhas de antigamente, das memórias afetivas, da infância, da figura trajada de caipira, matuto ou sertanejo do interior: calça com remendos, camisa estampada de xadrez e chapéu de palha para os homens; vestido rodado de chita, babados, chapéu, penteado com trancinhas e laços para as moças, sem esquecer as pintas e bigodes pintados com lápis de sobancelha ou carvão nos rostos, e nos dentes também, representados na festa do interior.

Um detalhe que chama atenção nas quadrilhas estilizadas é que os brincantes não se identificam mais como campesinos, mas como dançarinos, abandonando a imagem de agricultor pobre, procurando mostrar a imagem de um produtor rural com mais

posses, e isso reflete nos trajes, ressaltando-se elementos estéticos rurais provenientes da Europa e do universo *country* americano, como lembra Chianca (2013). A autora ainda ressalta:

A estética “rural universal” não se reduz ao *cowboy*: ela se compõe também no recurso a tecidos, acessórios e adornos vindos de “outros universos”, suficientemente distantes dos padrões locais para reforçar a preferência dos grupos estilizados pelos padrões não-locais como veludos, cetins e cristais. (Chianca, 2013, p. 87)

No Brasil, personagens da literatura, como o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, ou mesmo personagens populares dos quadrinhos como Chico Bento e Rosinha, de Maurício de Souza, são exemplos de como os homens do campo são retratados. Os trajes tradicionais desses personagens foram caricaturados no imaginário popular, gerando muitas vezes, preconceito contra o homem campestre em função de seus trajes, reforçando as diferenças entre o homem do campo e o cidadão, Chianca (2006). Encontramos um exemplo no regionalismo da obra do pintor Almeida Júnior, destacando o homem do interior, do caipira paulista, no quadro “Caipira Pitando”, de 1895, visto na figura 31.

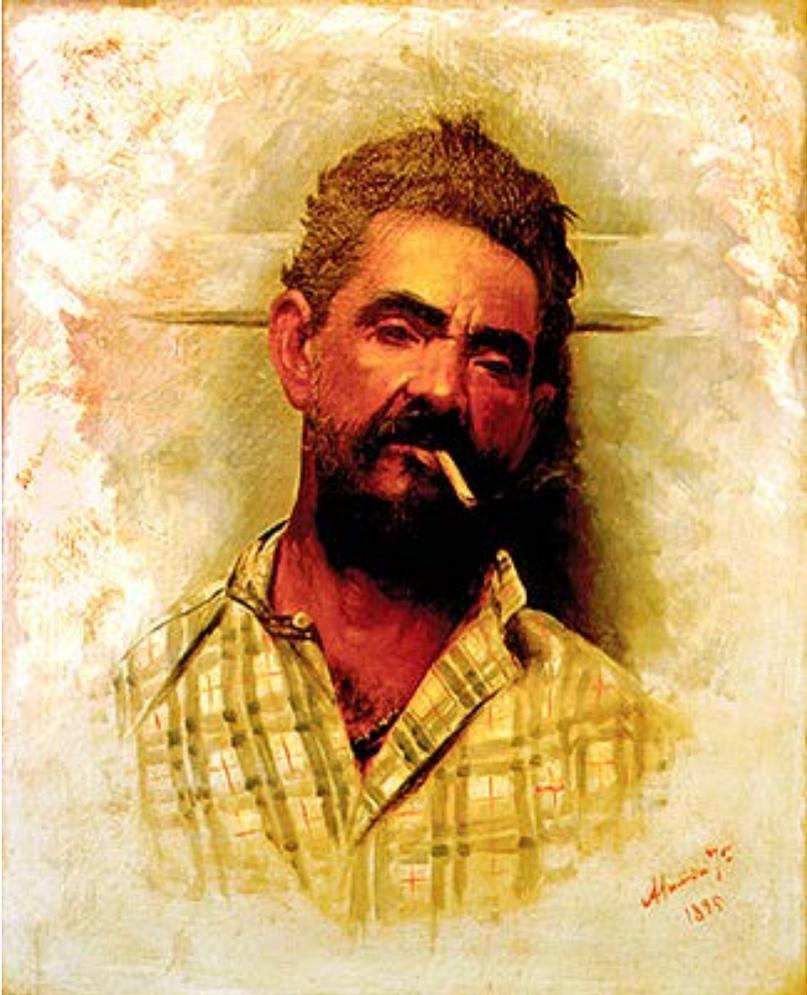


Figura 31: Personagem rural no quadro “Caipira Pitando”, de Almeida Júnior (1895). Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra977/caipira-pitando>

Vemos nesse registro um personagem rural usando uma camisa de tecido xadrez, o que nos faz concluir que no fim do século XIX, o xadrez já era ligado aos trajes chamados caipiras. Os registros do homem campestre são raros no século XIX e só começaram a ficar mais populares no século XX.

Se analisarmos os trajes das quadrilhas, atualmente, nos perguntamos: Quem representa de fato a tradição trazida pelos portugueses no século XIX? Enquanto as quadrilhas tradicionais trazem uma representação menos luxuosa, às vezes, simplória do homem do interior, as quadrilhas estilizadas retomam as regras da corte em que todos trajavam seus melhores trajes, com os tecidos mais caros e bordados mais preciosos da moda da época, sem esquecer das joias e acessórios. O chapéu, por exemplo, era um símbolo de *status*, e seu uso seguia entre as quadrilhas tradicionais e estilizadas. É um símbolo ainda do homem do campo, mesmo utilizado nas quadrilhas estilizadas. Desconstruir o popular, muitas vezes, é necessário para reconstruir esse conceito, como lembra Canclini (1989), pois ele faz parte do que entendemos por modernidade. No caso dos trajes das quadrilhas, ao desconstruirmos os trajes das quadrilhas estilizadas, estamos construindo os elementos que as caracterizam, cujas raízes são os trajes de corte e também das modas do interior, e essa interpretação pode ser observada nos materiais empregados nos trajes, de veludos e sedas do século XIX, às chitas e xadrezes do século XXI.



Figura 32: Quadrilha “Arriba Saia” com trajés estilizados (2017)
Fonte: Reprodução/Instagram - @aac.arribasaia

Nas quadrilhas estilizadas contemporâneas, como na Arriba Saia, de Várzea Alegre, Ceará, observamos seus trajés numa apresentação em 2017, vistos na figura 32, em que o luxo é um elemento visual importante e caracterizador, e entendemos como luxo o uso de tecidos caros e aparência “sedosa” como cetim e tafetá, veludos, rendas, bordados, principalmente os encontrados nos destaques, como a noiva e a rainha da quadrilha.

O luxo é celebrado pela moda, como pontuou o filósofo Gilles Lipovetsky (2009), é um instrumento de distinção, de busca desenfreada de originalidade, e vemos uma preocupação

semelhante nas quadrilhas com os trajes, que como elemento visual dominam estas que, mesmo ano após ano, buscam modificar-se e destacar-se, caracterizadas pela mobilidade dos temas.

Mesmo uma quadrilha como a Zé Testinha, de Maracanaú, Ceará, que tem uma estética original de seus trajes no vestuário dos cangaceiros, não se diferencia dos estereótipos e distingue-se sendo uma quadrilha que chama atenção nos festivais, marcada pela tradicionalidade e pela hibridização nos trajes estilizados, mas que foge de alguns signos da mesma, representando todos os anos o cangaço como elemento definidor da quadrilha, seja no tema trabalhado, seja nos trajes, visto na figura 33, numa apresentação em 2019.



Figura 33: Quadrilha “Zé Testinha” (2019). Fonte: <https://www.instagram.com/zetestinha/>

Sobre a quadrilha Zé Testinha, Damasceno (2017) destaca:

Os integrantes da Zé Testinha mergulharam na história do cangaço, a fim de resgatá-lo como uma das expressões mais tradicionais da cultura nordestina, o grupo pesquisa, dança, faz teatro e compõe as próprias músicas, seus figurinos possuem uma referência cultural direta ao nosso folguedo e se apropriam diretamente do artesanato, ora nos adereços como chapéus e sandálias de couro, típicas dos cangaceiros, ora na maneira de reviver o São João no cangaço através dos costumes e maneiras de se portar. (Damasceno, 2017, p. 25)

Barroso (2015, p. 07) complementa que “ela é também uma invenção que se reveste do discurso do popular-tradicional como criação genuína do povo. A associação e a escolha pelo cangaço também foi um símbolo distintivo que, por si, não é suficiente para indicar ser o grupo tradicional e/ou moderno”.

A Zé Testinha, ao adotar a estética do cangaço, que é símbolo de suas apresentações todos os anos, traz uma forte referência do povo nordestino à quadrilha. Em seus trajes, temos o chapéu de abas largas, marca registrada do cangaço, assim como cartucheiras

de balas, embornal⁴⁹ e calças culottes⁵⁰. A cada ano, ela se reinventa, mas não abandona o cangaço no desenvolvimento.

Ao abandonar a estética das quadrilhas tradicionais, os trajes estilizados abandonam a simplicidade, os tecidos baratos e figurinos remendados, e passam a exibir requinte e luxo em tecidos caros, como os já citados, e acrescentam os brilhos através dos bordados com miçangas, pedrarias, cristais, paetês, fitas, *strass* e plumas (Damasceno, 2017), inclusive, luzes de LED⁵¹.

Trajes no casamento junino

A representação de um casamento rural é uma das tradições das festas juninas, sendo a dança da quadrilha a celebração da união dos noivos. É um momento em que muitos brincantes participam como atores interpretando papéis que são clássicos nessas apresentações: o casal de noivos, os pais dos noivos, um padre, um delegado, amigos e parentes dos envolvidos no enredo. O humor é sempre presente nessas apresentações, que

49 Embornal: sacola confeccionada em tecido grosso, lona, mescla, brim, com alças laterais do mesmo tecido, usada a tiracolo. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/embornal/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

50 Calças culottes: calça comprida, apertada abaixo do joelho e usada para montar a cavalo.

51 LED é a sigla para Light Emitting Diode, que significa “diodo emissor de luz”. Consiste numa tecnologia de condução de luz, a partir da energia elétrica. O LED tem a função de emitir luz em locais e instrumentos, como lâmpadas, lanternas e etc. O LED é um condutor de energia elétrica, que quando energizado, emite luz visível a olho nu. O sistema de iluminação com lâmpadas incandescentes, no entanto, utiliza um modelo de filamentos metálicos e descarga de gases para a produção da luz. Disponível em: <https://www.shempo.com/artigos/led-dip-x-led-smd>

podem até ser caricatas. Já em 1995, Henrique Rocha explicava a dinâmica do casamento junino ainda sendo tratado como casamento matuto:

O casamento matuto é um outro aspecto que se integrou à quadrilha por circunstâncias históricas e passaram a ser representados consecutivamente. Uma antiga tradição da região Nordeste determinava que os casamentos realizados nas fazendas dos grandes coronéis, tanto de suas filhas como de pessoas afins, devem ser comemorados com uma grande festa marcada pela dança da quadrilha. Para tanto eram convidadas as figuras mais importantes da localidade, estando também presentes moradores da região. O casamento da filha do coronel se constituía em um grande acontecimento social onde todos os convidados se apresentavam da forma mais vistosa e bem-vestida possível, segundo as condições de cada lugar. (Rocha, 1995, p. 09)

Muitos dos participantes do casamento fazem parte da quadrilha e não há tempo hábil para trocas de roupas, que quando acontecem, podem até ser vistas pelo público.



Figura 34: Personagem de Marilyn Monroe no casamento. Foto: Wagner Alves

Na encenação do casamento podemos ter personagens fictícios ou não, criados de acordo com o tema da quadrilha. Na figura 34, destaca-se a personagem de Marilyn Monroe, possivelmente uma figurante na cerimônia. Podemos encontrar em casamentos juninos convidados especiais, lendários da cultura nordestina, como Padre Cícero, Lampião e Maria Bonita, Frei Damião, entre outros. Em maior destaque, teremos sempre a noiva e o noivo. Os trajes dos noivos, não necessariamente, podem ser mostrados na encenação, mas observamos que em muitos casos, a noiva e o noivo já estão vestidos de branco. Um detalhe desperta a atenção na figura 34: os trajes do padre, com uma estola amarela e chamativa.

Em outros casos, os personagens procuram esconder seus trajes, sobrepondo roupas para esconder seus trajes principais, o que sempre causa estranhamento para o público, como podemos observar na figura 35.



Figura 35: Brincantes escondendo seus trajes. Fonte: Arquivo do autor

Levamos o seguinte questionamento para o grupo da Rede Nacional em Pesquisas em Quadrilhas (RNP): Em algum estado é obrigatório o padre no casamento usar estola branca ou esse uso é indiferente à cor da estola? Abriu-se uma discussão muito enriquecedora, que relatamos, adiante, nos depoimentos dos membros da Rede:

- Pela própria questão litúrgica. É branco no branco quando é celebração como casamento. Não sei se chega a ser obrigado. No Ceará, existe esse entendimento. As quadrilhas que ainda se perdem a julgamentos não são avaliadas da mesma forma. Se não seguirem o contexto do casamento que tá subentendido vão ser prejudicadas. Têm jurados sequelados que verificam se na batina do padre tem os 33 botões. Tenho planilhas com essas observações (Reuber Tadeu).
- Nos regulamentos não consta essa regra “litúrgica”. A encenação não é um matrimônio católico apostólico romano, é a sua representação teatral, e mais recentemente já houve além de padre, pajé, pai de santo, cigano “casando” os noivos. É uma escolha de cada grupo. Há grupos e há jurados que guardam uma rigidez de mentalidade e cobram esse detalhe, que em quase nada muda a cena e seu sentido. Ademais, se houvesse um aprofundamento teológico na liturgia católica veriam que o padre é apenas quem pede a bênção aos noivos, o noivo e a noiva é que executam o ato em si. Tudo deveria ser observado pela coerência dentro do contexto apresentado tematicamente e à luz do regulamento, que é via de regra não restritivo (Aterlane Martins).
- Há também a exigência em alguns julgamentos do casamento civil, que a meu ver vejo de for-

ma absurda essa exigência. Pois cada encenação ou contexto teatral vai de cada proposta e, não necessariamente, ter a presença de um juiz. Mas ainda há avaliadores que além de cobrar, punem a quadrilha pela ausência. E sem falar que ainda há avaliadores que não veem casamento civil. O mais absurdo, isto é, onde o mesmo é realizado (Vando Rodrigues).

- Se a lógica é defender uma temática, uma narrativa, um enredo e ter músicas de louvação aos santos da igreja católica no repertório, saudações e homenagem aos respectivos santos, e na mesma proposta o casamento (por conta do tema) ser celebrado por um cigano, como fica a coerência da proposta? (Marcos Evangelista).
- A Junina Babaçu teve que colocar um juiz de paz no casamento, porque estavam questionando a ausência disso na cidade encantada de Belmonte, no meio do sertão armorial. Até onde constava não existia cartório ali, mas por várias vezes, foi exigido e cobrado. O problema é que vivemos a quadrilha contemporânea, dita moderna, mas a avaliação e muitos avaliadores ainda acham que isso é desvalidar a “tradição” (Harding Benício).
- A quadrilha escolhe o tema que o desenvolva com qualidade e convença em quadra os(as) jurados(as). Seria no mesmo tom falar de seca/

campo de concentração e fazer festa, falar de Serra Pelada, da Índia etc, e tematizar uma festa junina brasileira, com quadrilha... foi possível? Aí eu diria que é o absurdo que beira a incompetência de uma comissão julgadora, ou de algum de seus componentes, que sequer sabe o regulamento que rege o festival (Harding Benício).

- Falo e repito tantas questões básicas, com boas discussões a serem feitas entre quadrilheiros e jurados, mediados pelas instituições juninas - e isto não acontece (Aterlane Martins).
- Acredito que a liberdade artística é válida, mas também temos que ter consciência de que estamos tratando de um movimento que tem papéis bem “definidos”. Quando se propõe a construir um espetáculo, é preciso entendermos que estamos sob o crivo do povo e para isto, é preciso uma narrativa com memória afetiva para maior identificação povo-espetáculo (Rone Lopes).
- Rone, essa questão “povo-espetáculo” dá um bom debate. Porque o que muitos grupos entendem como “povo”, destinatários de seus trabalhos, varia, muitas vezes, são trabalhos feitos para a competição/jurados; outras, se dizem não ser para jurados, e sim, para o público que assiste (mas esse não julga e o trabalho é ata em julgamento); até o formato que utilizamos, por

muitas vezes, desconsidera o “povo-público”, dança-se, encena-se para a mesa julgadora, quase nunca para o público. E esta é uma questão que deveria ser bem discutida. Afinal, quadrilha é uma manifestação de cultura popular tradicional, mas tem em sua versão contemporânea muito de espetáculo profissional, e, às vezes, perde essa conexão. Pensemos sobre, é bem válido. Nesse sentido, você usa “casamento religioso” como matrimônio católico, mas considere que em outras religiões haverá outros(as) sacerdotes/sacerdotisas (pai de santo, pajé, pastor etc. Pasmê!), de novo: é o contexto, a temática escolhida e apresentada que determina a necessidade ou não desse personagem. Vale ressaltar que em sua “origem brasileira”, a quadrilha tem essa relação com a religião católica, mas atualmente, (e já faz algum tempo), abriu-se às realidades contemporâneas das quais apenas a religião católica não dá mais conta (Aterlane Martins).

A discussão foi muito válida para entendermos que a quadrilha contemporânea pode ser avaliada pelas comissões julgadoras, mas que elas devem analisar a proposta de cada grupo para que estes convençam o jurado pela experiência criativa e estética que se propõe. “No Ceará, para além da estética, com o advento das temáticas como requisito, se vende um discurso”

(Marcos Evangelista, em depoimento ao autor), e nessa discussão, concluímos que se um regulamento exigir uma estola branca, ela deverá ser usada pelo sacerdote, se não fica em aberto e livre escolha para uma quadrilha decidir como desejar dentro de sua temática.

Os trajes femininos

A modernização que os estudiosos discutem nas quadrilhas estilizadas, geralmente, abordam as transformações que os trajes femininos sofreram com a mudança de tecidos simples por materiais mais caros e adereços maiores, fugindo da estética sertaneja/caipira na qual destacava-se o uso do tecido chita.

Nos trajes estilizados femininos, as anáguas também foram ganhando volume, e hoje, são enormes, tidas como o elemento do traje feminino que mais se destaca. Chegam a ser utilizadas dezenas de metros de filó⁵² para confeccioná-las.

As anáguas

Anáguas são a sustentação da saia do vestido e podem ser feitas de diversos materiais, sendo os mais populares, o filó ou o tule, tecidos mais comuns nas anáguas juninas, como vemos na anágua utilizada nos ensaios, na figura 36, normalmente,

52 Tecido transparente, semelhante a uma rede muito fina, muito utilizado para véus, vestidos, saiotos etc. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fil%C3%B3>. Acesso em: 22 dez. 2022.

quando uma peça utilizada em anos anteriores não é vendida para outras quadrilhas. Todos os anos, as grandes quadrilhas fazem novas anáguas. Num passado recente, foi muito comum também utilizarem espuma para confeccioná-las, pelo volume que a espuma possibilita.

Um exemplo dessas anáguas volumosas, observamos na figura 36, nos trajes da quadrilha Arriba Saia, em 2017. O volume das saias se destaca na coreografia e as anáguas são sempre elementos importantes na composição das coreografias.



Figura 36: Quadrilha “Arriba Saia” (2017). Foto: Edson Navlis

As anáguas redesenham o corpo feminino nos trajes de quadrilhas, assim como redesenham as formas das mulheres em parte da história, e se analisarmos a trajetória das quadrilhas nas últimas décadas vamos concluir que houve uma mudança significativa do volume das saias.

A tridimensionalidade das anáguas, ao mesmo tempo que poderia limitar nas apresentações juninas, é espetacular. Ela não limita mais os movimentos das damas, criando movimentos espaciais coreográficos que se tornaram um dos símbolos das quadrilhas tradicionais. A anágua, como elemento obrigatório dos trajes de quadrilhas, ajuda a transformar os personagens femininos das quadrilhas em personagens principais devido à beleza não só do volume, assim como das coreografias já citadas, legando aos cavalheiros um papel coadjuvante. Seja nas apresentações, seja nos ensaios, as anáguas ajudam a construir a coreografia, como observamos na figura 37.



Figura 37: Uso de anáguas em ensaios. Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/quadrilhas-juninas-do-ceara-intensificam-rotina-de-ensaios-1.1941617>

Na pesquisa por profissionais especializados em costura de trajes juninos, encontramos Jonas Avelino, natural de Forquilha, Ceará, que está no mercado desde 2007. Ele citou, em depoimento via *Instagram*, que sofreu muito quando começou a costurar trajes juninos, tanto pela falta de experiência, tanto pela ausência de conhecimento sobre técnicas que os trajes exigem. Jonas Avelino relatou sua inexperiência quando começou a costurar e, posteriormente, aperfeiçoou-se estudando numa escola profissional.

Desde os 9 anos eu brincava na máquina que meu pai ganhou da minha avó e aos 13 já ajeitava minhas próprias roupas, errado, mas tentava. Foi depois dos 18 anos que realmente fiz o curso profissional e iniciei os trabalhos de verdade, depois de então nunca mais parei. Não tenho dificuldade hoje em dia de costurar mais nada, mas no início era bem difícil incrementar técnicas devido à falta de experiência. Ficava fascinado vendo as roupas que a gente comprava de Fortaleza, e eu prometi a mim mesmo que um dia eu iria, sim, fazer a roupa da nossa junina. E o universo foi lá e me fez ter o conhecimento para o feito. Em 2015, fiz o figurino da minha quadrilha junina preferida. Meu envolvimento com o mundo junino foi desde 2005, quando

iniciei dançando em uma junina da cidade que cresci, chamada Brilho da Noite, em Forquilha, Ceará. (Jonas Avelino, em depoimento ao autor)

As anáguas ainda carregam um peso para as damas, e em boa parte da história da moda, ela adquiriu pesos e formas diferentes. São trajes essenciais na *performance* das damas, noivas e rainhas de uma quadrilha.

Jonas Avelino relatou, ainda, que os trajes das damas podem ser os vestidos inteiros, outras vezes, divididos em corpete e saia superior (depende da escolha do organizador do grupo). Todos são acompanhados por uma anágua de sustentação. Os trajes masculinos são: calça, camisa e, às vezes, colete. O trabalho com anáguas de Avelino pode ser visto no painel, nas figuras 38 e 39.



Figuras 38 e 39: Painel de anáguas do Atelier Jonas Avelino.
Fonte: Reprodução/Instagram - @atelielijonasavelino

Hoje, encontramos no canal *YouTube* muitos vídeos que ensinam a costurar anáguas juninas, e também modelagem e técnicas de montagem dos trajes, vistos na figura 40.



Figura 40: Divulgação de vídeo de corte e costura da anágua junina. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0YOXtCej12g&t=3s>

As anáguas modificaram o corpo e formato dos trajes nos últimos cinco séculos, assim como transformaram a silhueta feminina nas quadrilhas juninas.

Os trajes masculinos

Os trajes masculinos antes simplórios das quadrilhas sertanejas, antes com calças rasgadas e camisas xadrez, foram sendo abandonados e trocados por figurinos sofisticados que lem-

bram pouco o homem do sertão a partir da espetacularização e estilização das quadrilhas. Bordados, pedrarias, lantejoulas, aplicações de fitas, tecidos finos e brilhosos, sapatos feitos sob medida e assim, como os femininos, sendo bastante chamativos, cromáticos, que aumentam tanto o tempo de confecção como o valor investido.

Damasceno (2017) contextualiza a respeito dos trajes masculinos, que são compostos por blusa, calça, e, geralmente, colete, e que se tornou essencialmente combinado ao vestido da dama, desde a cor aos ornamentos, que passaram a ser pensados para o par e não mais individualmente (Damasceno, p. 27). Antes, cavalheiros usavam calças remendadas com camisa xadrez e damas trajavam vestidos estampados feitos com chita.

O traje do marcador Ícaro Bastos destaca-se, visto na figura 41, segue o tema da quadrilha Arriba Saia, que foi “O Grande Circo Místico”, em 2022. O traje é carregado de pedrarias, e foi bordado, inclusive, pelo próprio brincante, conforme relatado em sua apresentação no Ceará Junino 2022: “Bordamos todos nossos trajes e todos sabemos bordar” (Em depoimento ao autor).



Figura 41: Traje masculino estilizado do marcador da quadrilha “Arriba Saia” (2022). Foto: Felipe de Souza

Ouvimos, também informalmente, que o custo dos trajes estilizados dos casais, em muitos casos, é custeado pelos cavalheiros, mas isso não é praxe em todas as quadrilhas. Silvio Pereira destaca que não tinha regalias em ser o par da rainha da quadrilha Junina Babaçu e que pagava os próprios trajes. O destaque do “Rei da Quadrilha” é raro de se ver, sendo, normalmente, o par da rainha um brincante que faz par com a rainha. Pereira pontua:

No geral, o par de rainha não tem regalias frente aos demais dançarinos, na verdade, gasta bem mais que os outros, o foco mesmo é na rainha, onde vem ganhando mais e mais espaço em quadra, até mesmo perante os noivos, onde a festa é feita pra eles. Mas isso é tendência no meio junino hoje. A vantagem de ser par de rainha é ser um destaque do grupo. (Silvio Pereira, em depoimento ao autor)

A camisa com estampa xadrez não desapareceu dos trajes estilizados, apenas é usada quando tem uma relação com o tema da quadrilha. Pouco vista nos festivais competitivos, assim como as calças com remendos, a camisa xadrez foi substituída por camisas de tecidos “sedosos e brilhosos”, sendo o mais popular o cetim. É comum vermos esses elementos em quadrilhas infantis, principalmente, nas escolas, em períodos juninos. Em muitos casos, esses símbolos das quadrilhas rurais quando são trabalhados numa quadrilha são de forma estilizada.

O custo dos trajes

O alto custo dos trajes é um problema para os casais de brincantes. Muitos se endividam e desistem de participar, principalmente se a quadrilha não se destacar em um ano e isso significa ficar de fora dos festivais mais importantes. “O brincante quer brilhar e, por isso, se sacrifica”, segundo o depoimento de uma dama de quadrilha que pediu anonimato.

Na figura 42, observamos os trajes de um casal de brincantes da quadrilha Junina Babaçu, em 2022, sendo citada em depoimentos informais como um grupo de alto custo para se dançar.



Figura 42: Trajes do casal de brincantes da quadrilha “Junina Babaçu” (2022). Foto: Victor Teixeira

De certa forma, os altos custos dos trajes afastam brincantes dos grupos, que arcam com os valores com muita dificuldade, principalmente, durante o período pandêmico. Algumas quadrilhas pagam os trajes de seus destaques, mas isso não é regra, como cita Joaquim Sotero:

“Às vezes, não é nem a quadrilha que ‘banca’, mas, eles conseguem algum menino, às vezes, né, é o melhor dançarino da quadrilha, que banca aquela roupa do destaque! Isso já acontece há muito tempo! Já têm outros grupos que não, eles bancam os destaques, mas já conheci noiva de quadrilha, dita grande, que por anos pagou sua roupa, sem ganhar um real da quadrilha! Mas, hoje, é quase impossível esses destaques bancarem só suas roupas”. (Em depoimento ao autor)

Na transição entre um ano e outro, as quadrilhas começam seu planejamento para o ano seguinte e muitos casais de diversas quadrilhas desistem ou trocam de quadrilhas, e um dos motivos são os gastos previstos.

Adereços de cabeça femininos

Segundo o Dicionário de Teatro (2009), adereço, em termos gerais, significa enfeite, adorno. É sinônimo de acessório. Adereços podem ser interpretados como acessórios cênicos dos trajes de cena

ou decoração de cenários. Para Vasconcelos (2009, p. 08), adereço, em termos gerais, significa enfeite, adorno e em teatro, objeto de uso pessoal da personagem.

Chapéu de palha e trancinhas com fitinhas ficaram no passado, a não ser em caracterizações amadoras ou infantis. Com a era dos festivais de quadrilhas nos quais predominam o luxo e a sofisticação, vemos uma preocupação com todos os detalhes de caracterização que se tornaram maiores. Tudo pode ser um diferencial e um chapéu que não está no padrão temático da quadrilha pode acarretar perda de pontos num festival.

Os adereços de cabeça fazem parte da caracterização e são também muito valorizados na composição dos brincantes, como podemos observar no adereço de cabeça das damas da quadrilha cearense Filhos do Sertão, na temporada de 2022, cujo tema foi “Seja Como Flor”, visto na figura 43. Assim como os chapéus devem estar sempre na cabeça dos cavalheiros, os arranjos de cabeça femininos não podem cair dos penteados.



Figura 43: Adereços de cabeça da quadrilha “Filhos do Sertão” (2022).
Fonte: Reprodução/Instagram - @filhosdosertao.official

Vamos categorizar aqui como adereços de cabeça os chapéus masculinos e os arranjos de cabelo femininos (tiaras, pompons, fivelas, coroas e laços). Todos eles são confeccionados com rigor, seguindo a temática das quadrilhas.

Nas artes cênicas, tudo que o(a) ator/atriz usa em cena é chamado de adereço, ajudando na construção do personagem, o que não é diferente nas quadrilhas juninas, em que tudo que o participante de uma quadrilha carrega tem que ter uma função nela, ou seja, não pode estar lá somente porque é bonito. A partir do tema da quadrilha são desenvolvidos também os acessórios de cabeça (chapéus e arranjos), sapatos, assim como a faixa das rainhas, tais acessórios devem acompanhar o tema da quadrilha. A estética dos adereços de cabeça é sempre marcada pela originalidade e luxo, sendo vistos em materiais caros, como pedrarias e tecidos, além de aviamentos.

Nas quadrilhas cearenses, esse cuidado com os adereços torna-se uma marca registrada, pois as mesmas são conhecidas pelo investimento que fazem em sua caracterização e como um conjunto harmonioso que pode influenciar no resultado de um festival. Um exemplo dessa estética dos adereços de cabeça podemos observar na quadrilha cearense Nação Nordestina, em 2018, na figura 44.

Na dama, um adereço de cabeça confeccionado com muitas flores de tecido e no cavalheiro, um chapéu coberto de cetim e aplicação de flores, também confeccionadas em tecido. Ambos os trajes e adereços têm muitos elementos em comum na sua estética.



Figura 44: Adereços de cabeça na quadrilha “Nação Nordestina” (2018).
Fonte: Reprodução/Instagram - @quadrilhanacaonordestina

Felipe Moura é um aderecista cearense muito conhecido no mundo junino, cujo trabalho destaca-se não só na região Nordeste, mas em todo o Brasil. Possui Ensino Médio completo e também é cabeleireiro e maquiador. Seu trabalho para quadrilhas estilizadas é reconhecido pela qualidade e acabamento de suas peças. Podemos ver o trabalho de Felipe Moura como aderecista de quadrilha nas figuras 45 e 46, em que observamos uma coroa e um diadema, ambos de *strass*.



Figuras 45 e 46: Adereços de cabeça de Felipe Moura. Fonte: Reprodução/Instagram - @fm.arranjosjuninos

Em depoimento ao autor, Moura falou um pouco sobre seu trabalho:

Os adereços de cabeças sempre me chamaram atenção, e eu sempre ficava encantado. Até que um dia, na casa de uns amigos que dançavam em uma quadrilha junina da região metropolitana de Fortaleza, faltavam 2 dias para eles começarem a dançar e tinham muitos arranjos que não estavam prontos, eu muito curioso pedi pra me mostrar como fazia que eu ajudaria! Aí, daí comecei a fazer e criar meu estilo próprio de arranjos e nisso já se vão mais de 12 anos. (Felipe Moura, em depoimento ao autor)

Moura também ponderou que o maior desafio é criar algo novo, jamais visto, que tenha coerência com o tema, que seja bonito e confortável, porque as damas já têm muitas coisas para se preocupar e ter algo machucando a cabeça não é legal, ele sempre se preocupa com essa parte. Em seu processo de criação, busca saber se a cliente vai ter algum personagem de destaque, como será seu figurino, penteado e maquiagem, porque por muitas vezes, as clientes chegam com uma ideia, porém, querem usar um tipo de penteado que não vai combinar com a estética final e a partir daí, ele começa sua pesquisa por materiais adequados, priorizando a qualidade para que o resultado final de seu trabalho seja visto por quem esteja na última fileira das arquibancadas.

Os chapéus masculinos

O chapéu tem um papel coadjuvante nos trajes masculinos, sendo acessório obrigatório na composição deles. Saber manipular o chapéu numa apresentação, e principalmente, não deixá-lo cair no chão é obrigação de todos os cavalheiros nas quadrilhas.

Os chapéus surgiram na Antiguidade, da necessidade de se proteger a cabeça das intempéries. Sobre seu uso na Antiguidade, Cox (2013) informa:

Os chapéus surgiram de maneira bastante incomum na Grécia antiga, quando mulheres ricas os usavam empoleirados nos ombros como

periquitos amestrados, feitos de feltro, cônicos e com aba larga, não tinham nenhuma função além de chamar a atenção para o *status* social. Os romanos também usavam chapéus de feltro, mas os pileus, uma peça sem abas inspirada no chapéu cone grego, foi usado de maneira mais convencional sobre cachos arrumados. (Cox, 2013, p. 116)

De acessório de *status* e proteção, ele evolui para adereço de quadrilha em que, primeiramente, inspirado no homem do campo, era feito rusticamente, de palha natural, mas também podendo ser confeccionado de pelo e feltro compactados, sendo estes mais caros, além da palha de buriti ou carnaúba, no caso dos chapéus dos camponeses, os mais populares, usados nas quadrilhas matutas/caipiras/sertanejas, vemos o modelo na figura 47.



Figura 47: Chapéu de palha. Fonte: chapeusriobranco.com.br

Existem diversos modelos de chapéus e cada um deve ser adaptado de acordo com a temática de uma quadrilha junina. Diferentes estilos de chapéus, geralmente, não são mais do que variações nos tamanhos e formas da borda e da copa do acessório. Por isso, a maioria dos estilos clássicos de chapéus possui partes semelhantes. Os chapéus são compostos de partes: copa, vinco, fita e laço, como podemos observar na figura 48.

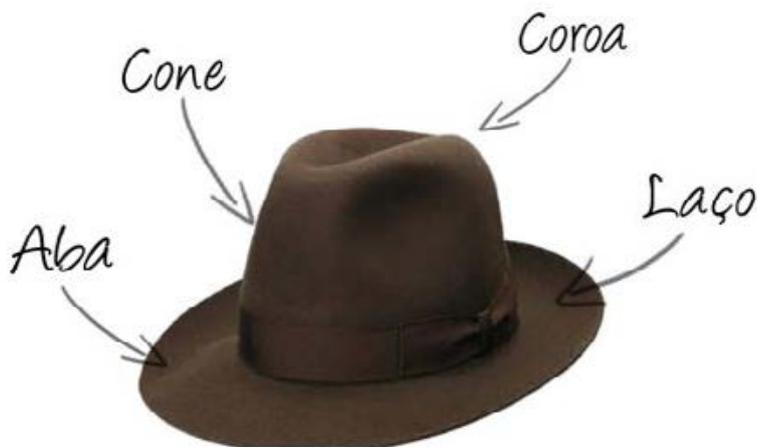


Figura 48: Partes de um chapéu. Fonte: <https://blog.rodeowest.com.br/moda/universo-chapeus-country-diferentes-modelos-usos/>

Nas quadrilhas estilizadas, os chapéus masculinos são confeccionados por artesãos especializados em chapéus juninos, feitos sob encomenda, e em seus modelos, cores e tecidos seguem o tema da quadrilha que os encomendou. Muitas vezes, são bordados com pedrarias, lantejoulas e fitas. Chapéus são acessórios para

serem usados durante o dia e nas quadrilhas eles representam uma herança do homem campestre que os usavam em suas atividades ao Sol. Nas regras da elegância sabemos que os chapéus devem ser retirados quando entramos em ambientes fechados.

Na figura 49, vemos um exemplo de um chapéu estilizado, modelo fedora, usado pelo par da rainha na quadrilha cearense Cumpade Justino, em 2013, coberto com cetim verde e pedrarias de *strass*.



Figura 49: Chapéu masculino estilizado. Fonte: Reprodução/Instagram - @cumpadejustino

Em todo o Nordeste achamos artesãos e oficinas de chapéus sendo divulgados, principalmente, em redes sociais como @atelierjuninorn, @jjadson_, @chapeuspatriarca, @bismarkaderecos.

O uso de chapéu se faz presente desde os primeiros ensaios até as apresentações, pois interage com as coreografias nas quadrilhas e dá personalidade e identidade aos brincantes. Cada ano são renovados os trajes e, conseqüentemente, os chapéus.

A faixa da rainha

Toda rainha tem que usar faixa? É uma questão polêmica entre os especialistas em quadrilhas, ouvidos informalmente, pois nos julgamentos, alguns jurados de festivais podem tirar pontos quando a rainha não está portando sua faixa. Em alguns estados nordestinos é uma tradição.

A faixa serve para destacar uma rainha, pois uma quadrilha pode ter vários destaques e com figurinos variados, e assim, poderia passar despercebida antes de sua *performance*. Uma rainha não é julgada/avaliada em um único momento, mas durante toda a execução da quadrilha junina, propriamente dita. Essas regras podem surgir nos editais dos festivais, podendo a rainha ser julgada no conjunto de sua apresentação.

Um dos adereços mais importantes de uma rainha é sua faixa, e é item obrigatório na composição de uma soberana das quadrilhas. A ausência deste adereço pode acarretar perda de pontos. Na figura 50, vemos Mara Alexandre usando sua faixa que a identifica como rainha da quadrilha Ceará Junino.



Figura 50: Rainha Mara Alexandre. Fonte: Reprodução/Instagram - @maraalexandre_oficial

No Ceará, a história da faixa da rainha surgiu nos primeiros festivais de quadrilhas que aconteciam na Praça do Passeio Público, em Fortaleza, segundo Aterlane Martins. Na escolha de uma rainha, foi-lhe dada uma faixa e ela passou a usá-la nas apresentações seguintes. A partir daí, veio a ser parte dos trajes das rainhas (informação recebida em depoimento informal em grupo de *WhatsApp* da Rede Nacional de Pesquisa em Quadrilhas Juninas). Segundo Aterlane Martins: “Não há em qualquer regulamento ou definição de rainha, e nem nunca houve, obrigação de uso da faixa. Tudo são acordos tácitos, do não dito mas praticado” (Em depoimento ao autor).

Os calçados

A escolha de um sapato certo é essencial para a *performance* dos casais e destaques nas quadrilhas, e o sapato é um adereço que também recebe muita atenção na caracterização do brincante de quadrilha, como podemos observar na estética do cangaço apresentada nos calçados da quadrilha cearense Zé Testinha.

Em depoimentos informais, ouvidos em trabalho de campo durante a realização do Festival Ceará Junino, quando indagados o que mais incomodava numa apresentação, os sapatos foram os incômodos que mais foram citados. Cada pé é diferente e nem sempre um modelo vai ser confortável para todos.

Os sapatos femininos e masculinos devem seguir o tema da quadrilha e conversar com o contexto dos trajes. A quadrilha cearense Zé Testinha é uma referência em sua caracterização. Conhecida em trazer os cavalheiros trajados de cangaceiros, procuram seguir o tema e a estética em seus calçados, como podemos ver nas figuras 51 e 52, inspiradas em sandálias típicas do cangaço.



Figuras 51 e 52: Sandália dos cavalheiros da quadrilha “Zé Testinha”.

Fonte: <https://www.instagram.com/zetestinha/>

Nas quadrilhas não estilizadas, vemos uma simplicidade nos calçados, como sandálias rasteiras e alpercatas em toda a quadrilha e sapatos que não necessariamente são de luxo, podendo mesmo assim, serem vistos no uso de sapatos fechados e sandálias, usados com meias coloridas. Mesmo nessas quadrilhas, há sim uma estética nos calçados, que se traduz como a estética matuto/caipira/sertaneja. Elas não têm uma preocupação estética na padronização dos calçados, pois não seguem um tema específico e não participam de festivais. Seus brincantes apenas dançam a quadrilha sem se preocupar com o julgamento que poderão sofrer em virtude de seus trajes e acessórios que não se combinam. Não há estilização. Se compararmos com antigamente, quando se dançava sem uma preocupação em confeccionar um traje ou comprar um calçado, muita coisa mudou nesse sentido, pois mesmo as quadrilhas que não são estilizadas confeccionam seus trajes e sapatos seguindo um tema, mas sem tanto luxo como as estilizadas.

Os sapatos femininos das quadrilhas estilizadas podem ser caracterizados pelos brilhos, aplicações, bordados, saltos grossos e largos, que dão mais firmeza às damas e destaques ao executarem as coreografias, sendo o sapato modelo “boneca”, visto na figura 53, o mais popular entre as damas, principalmente, pelo conforto. Sobre este modelo podem ser aplicados brilhos e bordados. Os sapatos são feitos artesanalmente e atendendo às exigências das quadrilhas. Outro detalhe é que os sapatos devem ser usados nos ensaios para que fiquem macios e não haja nenhum desconforto.



Figura 53: Sapato feminino modelo “boneca”. Foto: Hallyson Melo

Um dos sapateiros mais famosos do Nordeste foi seu Álvaro Medeiros, falecido em 2022. Natural de Campina Grande, na Paraíba, dono do Rodeio Calçados, que atende dezenas de quadrilhas na região Nordeste, foi referenciado como o maior *designer* de calçados da Paraíba. Um exemplo de seu trabalho pode ser visto na figura 54, na qual temos um calçado de uma noiva, coberto de pérolas.



Figura 54: Calçado junino de Álvaro Medeiros. Fonte: <https://enfoconacultura.blogspot.com/2020/01/alvaro-correia-de-almeida-o-maior.html>

Fábio Kamoto noticiou a importância de Álvaro Medeiros no Nordeste e como ele iniciou a fabricação de sapatos juninos:

Conhecido pela simpatia e criatividade, seu Almeida, como era conhecido, começou fabricando bota e botinas para vaquejada, quando recebeu um desafio de produzir sapatos para quadrilha junina em meados dos anos 2000. Passados os anos, Almeida ganhou o gosto do movimento de quadrilhas juninas por todo Brasil, famoso por seus cortes exclusivos, o desafio do artesão era modelar calçados inéditos todos os anos para quadrilhas juninas de todo país e manter em segredo até o São João, fabricou calçados para os maiores grupos do país. (<https://fabiokamoto.com.br/>)

Hallyson Melo, pernambucano, que além de desenvolver várias ações no meio junino, terceiriza o serviço de confecção de sapatos juninos, relatou que os sapatos custam em média R\$ 75,00 (setenta e cinco reais, em 2022).

Os sapatos masculinos e femininos podem ser confeccionados em couro, cetim ou veludo, e podem ter bordados de pedrarias, como podemos observar na figura 54. Devem ser confortáveis e de salto grosso, para maior segurança das brincantes e execução da coreografia.

O sapato masculino da figura 55 é um calçado bicolor, em verniz, com cadarço, e em virtude dos seus materiais, mais caro. É muito utilizado pelas quadrilhas estilizadas, que usam esses detalhes para se valorizar entre as outras. Esses detalhes fazem a diferença numa caracterização, mas aumentam os custos para um brincante.



Figura 55: Sapato masculino em verniz, bicolor. Foto: Hallyson Melo

O processo de aceitação ao abandonar a estética da sandália de couro levou muitos anos, pois poucas, como a citada Zé Testinha, seguem essa caracterização. Observa-se que mesmo a Zé Testinha, ao usar diversos elementos da cultura junina, e com uma estética diferenciada, é uma quadrilha estilizada. É preciso salientar que o brincante não se identifica mais com essa estética do homem do interior, da festa de antigamente, como bem salientou Chianca (2007).

As luvas

Luvas são acessórios que surgiram para a proteção e aquecimento das mãos e remontam às primeiras civilizações. O'Hara (1992) contextualiza historicamente:

Desde épocas remotas, as luvas são feitas de tecidos flexíveis, para acompanhar os contornos das mãos. Durante o século XIX, eram usadas de dia e de noite, sendo parte essencial do traje. Diversos modelos estiveram em moda, inclusive, mitenes sem os dedos; luvas curtas e compridas de couro ou pelica; e luvas com mãos de couro e braços de renda. Eram também feitas de seda bordada, algodão e malha de seda, sendo fechadas com botões minúsculos. No século XX, com exceção de luvas longas para a noite, tornaram-se peças utilitárias. No final dos anos 1950, eram raramente vistas (exceto como agasalho ou como acessórios de alta moda) e deixaram de ser símbolo de *status* e riqueza. Mitenes sem dedos voltaram à moda no final da década de 1970 e início da de 1980. (O'Hara, 1992, p. 178)

Mais ligadas aos costumes de países e regiões frias, elas surgem nas quadrilhas como acessórios das damas e destaques, heranças dos tempos em que as quadrilhas eram dançadas em

salões nobre, como vemos na caracterização de Mara Alexandre, na figura 56, que usa uma luva mitene⁵³.



Figura 56: Mara Alexandre usando luva mitene. Fonte: Reprodução/Instagram - @diariodeumquadrilheiro

53 Luva que cobre apenas metade da mão, deixando os dedos livres; meia-luva. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mitene/> Acesso em: 08 mar. 2023.

É preciso ressaltar que o uso de luvas sempre esteve ligado às classes abastadas que podiam mandar confeccionar luvas sob medida ou mesmo comprá-las prontas de materiais caros. Uma personagem moderna que nunca abandonou as luvas durante toda sua vida foi a rainha Elizabeth II, que as usava como proteção. O uso de luvas deixou de ser obrigatório para homens e mulheres, como eram nos séculos passados. Ocasionalmente, vemos sendo usadas pelos brincantes das festas juninas.

As meias

As meias existem há séculos. Inicialmente, cobrindo e protegendo as pernas. Evoluíram quando deixaram de ser feitas artesanalmente, como as meias de tricô, e passaram a ser fabricadas em larga escala, sendo citadas em muitos momentos da história, como também acessórios de complemento numa caracterização teatral ou numa quadrilha, ou até mesmo como acessórios fetichistas. Historicamente, foram trazidas para o Ocidente pelos cruzados (Cox, 2013, p. 44). Na figura 57, vemos a marcadora Gal Saldanha, da quadrilha cearense Filhos do Sertão, em 2022, usando meias-calças, que dão maior conforto, mas que esquentam, por outro lado.



Figura 57: Marcadora Gal Saldanha usando meias (2022).
Fonte: Reprodução/Instagram - @filhosdosertao.oficial

Usadas de diferentes cores nas quadrilhas, as meias fazem parte da caracterização das damas, noivas e marcadoras, principalmente, nas quadrilhas estilizadas. Na região Nordeste, em conversas informais com algumas brincantes, muitas relataram o desconforto das meias em virtude do calor que elas provocam nas pernas, que estão em constante movimento nas coreografias. Produzidas em algodão, seda, lã e *nylon*, normalmente provocam conforto em regiões frias e não no Nordeste brasileiro, sendo que em virtude da caracterização causa-se o desconforto.

Apliques e perucas

A vaidade com os cabelos fez surgir as perucas na ausência de fios capilares. Historicamente, os egípcios foram responsáveis pelo mais longo período de uso contínuo de peruca (Stevenson, 2013, p. 202), tornando-se um símbolo daquela cultura milenar. É comum o uso de perucas, balaclavas com apliques pelas damas, destaques e rainhas nas apresentações das quadrilhas juninas. Cabelos são a moldura do rosto, e o desejo de mudança é algo recorrente no ser humano. Vemos na figura 58, o uso de aplique na caracterização de Rayane Ferreira, rainha da quadrilha Arriba Saia, em 2022.



Figura 58: Uso de aplique na caracterização de Rayane Ferreira.
Fonte: Reprodução/Instagram - @diariodeumquadrilheiro

As perucas e apliques surgem como acessórios que complementam a caracterização das damas, mas que trazem certas “dores” e trabalho na hora de se produzirem, pois não devem cair da cabeça em hipótese alguma. Para não perderem pontos nos festivais, utilizam-se muitos grampos e presilhas.

Em depoimento informal, Ícaro Bastos, presidente da quadrilha Arriba Saia, fala dessa caracterização:

A balaclava é aberta atrás. Pode ser fechada com zíper de encaixe ou botão. Esse cabelo solto é preso ao cabelo de Rayane. É feito um coque com esponja com o próprio cabelo dela e essa peruca é posta por cima. A esponja é cortada igual a um CD (Disco Compacto), onde o cabelo dela passa pelo buraco do meio da esponja, e depois cobre a esponja, onde é fixada com ligas para penteados. O aplique e arranjo são presos com grampos. (Ícaro Bastos, em depoimento informal)

Como podemos observar, nada é simples na caracterização de uma brincante, lembrando que apliques, arranjos e perucas são um dos fatores mais incômodos citados pelas damas em depoimentos informais.

Os trajes dos destaques

Além de ser uma dança de pares, a quadrilha tem seus destaques, para quem são criados momentos especiais nas apresentações, e que com o passar do tempo, os principais destaques de uma quadrilha são o casal de noivos, o marcador, a rainha, a rainha da diversidade (caso tenha) e o rei (em raros casos). É dada uma atenção especial a eles, que além de serem figuras midiáticas e carismáticas, têm seus momentos especiais nas apresentações, nas quais seus trajes possuem importância.

As roupas dos destaques (casal de noivos, rainha e marcador) recebem maior atenção pelas equipes de pesquisa e trajes. São as figuras mais midiáticas das quadrilhas estilizadas. A quadrilha em si, surge após o casamento, uma celebração em homenagem aos noivos.

O suspense em não mostrar os trajes mostra não só sua importância na apresentação, mas uma maneira de economizar em gastos e tempo de trocas de roupas.

Os dançarinos revelam cuidados que vão além dos trajes, como cuidados corporais com as unhas, cabelos, pelos e maquiagem. Chianca (2013) ressalta que o novo dançarino não é um matuto, mas alguém que se cuida, sabe se preparar e que tudo nele deve marcar sua oposição com os dançarinos da outra modalidade. A autora complementa:

Essa inversão da estética corporal da quadrilha estilizada implica numa mudança radical de perspectiva no olhar dirigido para o “homem rural”, que não é mais necessariamente

considerado uma pessoa simples, de poucos recursos, mas alguém em harmonia com a produção.

Os trajes de uma rainha

A palavra rainha, segundo Ximenes (1999), tem vários significados: mulher do rei; soberana de um reino; a principal, a primeira entre outras. Elas surgem no meio junino nas festas de quermesse. Sobre a origem das rainhas nas quadrilhas, Aterlane Martins (em depoimento ao autor) explicou que as rainhas são uma criação brasileira, do espaço rural, quando nas quermesses de festas de santos juninos se escolhia a rainha do partido vermelho e do partido azul. Entre as duas tinha a rainha da festa, no contexto junino, a rainha do milho. Esses sentidos foram perdidos ao longo do tempo. Martins (2020) complementa:

No final dos anos 1970, quando temos os registros dos primeiros festivais competitivos em Fortaleza (mas que tinha participação de várias quadrilhas do interior), elas já estavam presentes nos grupos, ainda como rainha do milho. Depois, com a profissionalização das quadrilhas nos anos 1990, elas assumem a condição de apenas “rainha” da quadrilha. E tomam o destaque, se tornando a personagem principal, mais que noivos e marcador. Leio como a lógica do mercado, da indústria cultural, nesse sentido, noi-

vos e noivas não competem, são destaques por serem donos da festa, mas não são os que mais se ressaltam nas quadrilhas contemporâneas. (Aterlane Martins, em depoimento ao autor)⁵⁴

Nas quadrilhas, um dos momentos mais esperados é a apresentação da rainha, a soberana da festa, que com seus trajes (podem ser vários) e rodopios, seduz a plateia. A apresentação da rainha é sempre um grande momento na quadrilha, e o que tem chamado a atenção, segundo Castro (2018), é a ousadia da *performance*, que além de muita dança e interpretação precisa ser carregada com um mínimo de inovação. A marca de uma rainha são os movimentos de rodopios, e nesse momento, o traje da rainha faz toda a diferença, pois tem que se destacar na apresentação.

A escolha de uma rainha é um momento importante, assim como seu traje. Ela é escolhida dentro das brincantes ou, em muitos casos, é a rainha de outra quadrilha que é convidada a assumir o posto em uma outra. Seus trajes são criados dentro da temática da quadrilha. No passado, nas escolas, a garota que mais vendia rifas na quermesse era coroada rainha. Segundo Silva (2020),

54 Professor efetivo/IFCE campus Quixadá. Historiador, Mestre em História Social. Pesquisador membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Patrimônio e Memória - UFC/CNPq. Coordenador da Rede Nacional de Pesquisadores em Cultura Junina. Foi Conselheiro Titular nos Conselhos Estadual (CEPC/Secult) e Municipal (CMPC/Secultfor) de Política Cultural representando a categoria Cultura Tradicional Popular.

No Ceará, a rainha da quadrilha é a figura que mais recebe destaque (por vezes mais até que a noiva) e o momento de maior expectativa é o “Desfile da Rainha”, como lá é chamado – ela deve ser uma mulher “bonita”, simpática e que, além de ter boa desenvoltura nas coreografias, consiga girar por bastante tempo, dançando uma música criada especialmente para ela. É considerada a melhor aquela que se apresentar com mais *glamour*, luxo, elegância, uma simpatia misturada a um sutil deboche, e utilizar, na coreografia, um grau de dificuldade elevado como, por exemplo, permanecer girando entre a quadrilha, enquanto todos continuam com a dança e/ou evolução; “andar” sobre os dançarinos; e, até mesmo, dar saltos e cambalhotas. (Silva, 2020, p. 06-07)

Os trajes das quadrilhas estilizadas são marcados pela descaracterização e rompimento da estética do matuto/sertanejo e das damas. Segundo Damasceno (2017), que acompanhou a quadrilha Junina Babaçu, em 2016, ela constatou que aquilo que remete à vida no campo e ao filão artesanal é considerado antiprofissional pelos representantes da quadrilha e pelos organizadores dos festivais que participam. As roupas de todos os personagens são altamente trabalhadas, trazem bordados caprichados e muitas aplicações de pedrarias. O brilho dos paetês, o *glamour* dos tecidos e a maquiagem carregada são fundamentais

para a construção do espetáculo (Damasceno, 2017, p. 56). Os vestidos de rainhas são marcantes pelos bordados, que devem ser muito expressivos. Arthenius Nobre (em depoimento informal) explica:

Tem estilista junino que coloca tanta pedraria que ninguém sabe nem o que representa, questão de desenhos/*design* da indumentária. Não fica claro aos olhos do público. É necessário que coloquem desenhos grandes para o público entender. Isso é importante. Independente de ter pedraria ou não. Seja estilizado ou tradicional. (Arthenius Nobre, em depoimento ao autor)

Uma quadrilha que se destacou nacionalmente por sua rainha foi a Junina Babaçu, durante o reinado de Adriana Dias, intitulada: rainha das rainhas. A cada ano, os trajes da Junina Babaçu seguem o tema da apresentação, podendo ser compostos de vários vestidos, como no ano de 2017, em que Dias usou três trajes. Na figura 59, vemos Adriana em um dos seus trajes, criado por Rui Maia.



Figura 59: Adriana Dias, ao centro, em azul. Fonte: <https://www.opovo.com.br/vidaarte/showseespetaculos/2019/05/30/com-quadrilhas-juninas-e-comidas-tipicas--shoppings-de-fortaleza-realizam-programacao-de-sao-joao.html>

Para que tudo seja executado fielmente aos croquis, os mesmos são repassados para as equipes de execução, acompanhados pela equipe de figurinos da quadrilha e pelo figurinista. A espetacularização das apresentações trouxe todo um aparato técnico, como gruas e elevadores, e os trajes devem ser pensados nessas movimentações performáticas. Adriana Dias ganhou inúmeros prêmios caracterizada como Asa Branca, tema da quadrilha. Em 2017, ela encerrava sua apresentação numa grua que se movimentava, imitando o voo do pássaro tema.

A apresentação da rainha vem se tornando um dos grandes destaques das quadrilhas juninas, representando uma convidada de honra da festa (Castro, 2018), além de ser a representação oficial da beleza da quadrilha.

Nas quadrilhas estilizadas, tecidos simples são pouco usados, ao contrário de materiais caros: lantejoulas brilhantes, pedrarias finas, tecidos como cetim, paetês e penas. O figurinista tem a missão de criar, a cada ano, um traje que surpreenda e seduza a plateia. Para Rui Martins (em depoimento ao autor), o figurino Asa Branca, visto na figura 60, foi o mais memorável: “Esse figurino além de ter sido para mim um figurino de perfeita execução, foi considerado como melhor figurino de rainha do ano, em 2017”. Na sua criação, além dos bordados com pedrarias, chamam atenção as penas de rabo de galo e chinchila.



Figura 60: Adriana Dias como Asa Branca (2017). Fonte: facebook.com/facebabacu/

Os figurinos das rainhas são compostos por partes: corpo, saia de cima e saia de baixo. Incluem-se em sua produção os cabelos (perucas), sapatos, algumas vezes, luvas, meias e adereços de cabelo.

Adriana Dias teve um dos trajés mais comentados em 2019, quando entregou o posto de rainha. O tema da quadrilha daquele ano foi “O Grande Encontro”, uma homenagem aos grandes cantores nordestinos, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Alceu Valença e Zé Ramalho. Rui Maia criou o traje da soberana, visto na figura 61, seguindo o tema “Morena Tropicana”. Os trajés do casal possuem harmonia nas cores, tecidos e bordados, incluindo os acessórios de cabeça.



Figura 61: Rainha Adriana Dias como “Morena Tropicana” e seu par (2019). Fonte: Reprodução/Instagram - @_adriana_dias

Podemos observar no traje de Adriana, o trabalho de bordados em miçangas, paetês, *strass* e cristais. A execução do vestido em cetim, organza e tule foi responsabilidade do *Atelier Mãos de Fada* (@ateliemaosdefada01), de Eugênio Silva e Daniel Freire, muito conhecidos no meio junino. Os bordados foram feitos por Leandro Martz. Em depoimento ao autor, eles relataram que os trabalhos são divididos para maior agilidade na finalização do traje, que como um quebra-cabeça, é montado em etapas, sendo dividido em corpetes, saias e adereços.

As cores tropicais representaram os variados tons da manga rosa, fruta cantada na música de Alceu Valença, em que compara a mulher e seu corpo a frutas e frutos. “A sensualidade do traje no corpo traduz a personalidade encantadora e sedutora da Mulher Tropicana” (*Instagram @_adriana_dias*).

A *performance* de uma rainha deve ser espetacular e o traje deve ser visto por todos da plateia. A beleza desse traje remete ao pensamento de Abrantes (2012), que os figurinos seduzem não apenas pelas formas ou pelas peças de roupas separadamente, mas por sutilezas de sua composição, pelas texturas, pelo olhar diferenciado, pelo efêmero do ato de criar e pela visualidade do espetáculo (Abrantes, 2012, p. 74). Ao executarem o pião, as rainhas realizam um movimento sedutor para a plateia, rodando pelo espaço. O volume das saias é essencial para essa sedução, como vemos no traje de Mara Alexandre, na figura 62.



Figura 62: Rainha Mara Alexandre. Foto: Jeff André

Os vestidos, mesmo carregados de pedrarias, que os tornam pesados, devem ser confortáveis, com elasticidade, pois uma rainha tem uma participação intensa na coreografia da quadrilha, além dela ser julgada separadamente, de acordo com sua *performance*, simpatia e trajes. Os trajes devem ser pensados para que não prejudiquem a apresentação. Os figurinistas Ronny Pinheiro e Rui Maia, que trabalham na criação dos figurinos, possuem formação acadêmica em moda e trazem novas interpretações aos trajes, que em muitos casos, assemelham-se às peças de alta-costura.

A importância de um traje para a *performance* de uma rainha, no caso das anáguas, é ressaltado por Barroso (2019):

Um dos momentos mais aguardados na apresentação de uma rainha junina ocorre quando ela realiza o pião, passo de dança em que ela gira ininterruptamente e sucessivas vezes, pelo espaço da apresentação. A rainha articula neste passo, uma postura impecável, coluna ereta, queixo levantado, olhar fixo que acompanha o movimento de cabeça, responsável por garantir o equilíbrio a cada giro, e um balé articulado das mãos e dos braços, que ora estão à beira de tocar a saia, ora estão dispostos completamente abertos paralelos ao chão, ora estão por sobre a cabeça das rainhas numa posição quase perpendicular ao chão. As saias contam com gran-

de quantidade de anáguas, véus e tecidos, o que costuma conferir uma aparência estruturada a elas. (Barroso, 2019, p. 133)

Entre as rainhas cearenses, Mara Alexandre é uma rainha midiática, presente em todas as redes e com grande número de seguidores, é deficiente auditiva desde os dez anos, e além de rainha, é coreógrafa da quadrilha Ceará Junino. Em depoimento ao *Jornal Diário do Nordeste*, ela mostra como captar a sonoridade na hora de sua *performance*:

“O meu ouvir é através do olhar e da vibração”, revela. Ela detalha como sua nova forma de ouvir permitiu que a dança seguisse presente em sua vida. “Eu me guiava muito pela zabumba, que tem o som mais forte e grave. Nós, surdos, ouvimos através da vibração no chão e no corpo”. (*Diário do Nordeste* 10/02/2022)

Como podemos observar, mesmo com as mudanças consideráveis apresentadas nos trajes das rainhas nas quadrilhas estilizadas, ainda reconhecemos elementos dos trajes femininos das quadrilhas sertanejas, como saias rodadas e adereços de cabeça substituindo os laços, além da maquiagem colorida. Um detalhe importante na composição de uma rainha é sua faixa, que faz parte do traje de uma rainha, e ajuda a identificá-la e destacá-la. A falta de uma faixa de rainha pode ocasionar perda de pontos, ainda mais se seu traje se assemelha ao das demais damas.

Os trajes das rainhas da diversidade

Andressa Garcia destacou-se em 2022, como uma rainha da diversidade, presente na figura 63. Concursos de rainha da diversidade são muito populares e ajudam a promover as quadrilhas, com ampla divulgação nas redes sociais.



Figura 63: Andressa Garcia em sua segunda apresentação (2022).
Fonte: Reprodução/Instagram - @andressagarcia.a

Em sua participação no concurso nacional, Andressa apresentou dois trajes e duas *performances*. Contou a história de

um cisne branco que morre no final e ressurge depois, trajada em um vestido negro. Garcia explica:

Eu estava representando o canto do cisne e tinha toda aquela história que o cisne morre no final e meu primeiro figurino tinha penas. Era um figurino mais simples, para trazer a simplicidade, a delicadeza, e ele tinha um coração vermelho de franjas, que era para fazer como se fosse um sangue, bem artístico, nada pesado, para simbolizar a morte do cisne. (Andressa Garcia, em depoimento ao autor)

A primeira apresentação de Andressa foi também marcada por um segundo figurino que cobre e esconde seu traje de cisne branco. É uma representação comum nas quadrilhas, cujas damas escondem seus trajes sobrepondo-os, causando expectativa e surpresa ao despir os primeiros. Em sua segunda apresentação, Andressa trajou um vestido preto com penas, retratando o cisne negro, visto na figura 63.

Sobre essa caracterização, Andressa explicou que seu figurino tinha uma luva preta, como se fossem as trevas, pensando na temática e aliando ela a sua caracterização: “Um figurino monocromático trazendo esse preto, negro. Não usamos muitas pedras. Só acrescentamos uns detalhes de pedrinhas coloridas que brilham no tecido segunda pele” (em depoimento ao autor).

A troca de trajes e acessórios é muito comum nas apresentações e isso exige muita agilidade, pois a apresentação

não para. Um detalhe que chama atenção também nesses momentos, e sempre gera discussão, é a exposição dessas trocas, pois a plateia costuma assistir tudo, porque não existem coxias como no teatro. As quadrilhas dançam, na maioria das vezes, em quadras muito abertas, cercadas de arquibancadas, como podemos ver na figura 64. Os trajes são trabalhados para se destacarem nessas apresentações em quadras.



Figura 64: Visão de uma quadra durante uma apresentação. Fonte: Arquivo do autor

Num concurso independente, geralmente, são as rainhas que custeiam a confecção de seus trajes. Em certames que as rainhas representam suas quadrilhas, elas recebem

patrocínio. Andressa Garcia ressaltou, que independente da sua participação em concurso independente ou não, a quadrilha Lua de Prata em que ela dança como dama no Piauí, colabora, ajudando-a, pois os custos podem ser altos e chegar a R\$ 3.000,00, como ela declarou. Barroso (2019) resalta as dificuldades das rainhas G:

A produção de uma rainha junina envolve muitos gastos financeiros. Diferente das rainhas não trans, sobretudo as mais famosas, que, na maioria das vezes, tem toda a sua indumentária custeada pela quadrilha junina de que participam, as rainhas G empreendem esforços individuais para a sua própria produção, desde a maquiagem até o figurino, contando com apoio dos amigos quadrilheiros e de patrocínios. (Barroso, 2019, p. 138)

Adriana Séfora é uma das mais antigas rainhas da diversidade do Ceará, vista na figura 65, trajada como rainha. Seu traje colorido, destacando-se as cores verde e rosa, bordado com pedrarias, babados plissados e diversas aplicações de flores de tecido ressaltam seu papel na quadrilha.



Figura 65: Adriana Séfora trajada de rainha. Fonte: Reprodução/Instagram - @adrianaseforarainha

Participando ativamente no movimento junino, Adriana Séfora destacou-se como Rainha Caipira *Gay* 2013 e 2015, e também como Rainha da Diversidade Fequajuze 2014. Durante a pandemia, conseguiu visibilidade em nível nacional com os concursos juninos

on-line, e levou os títulos de Rainha G Conexão 2020 e Rainha G Mojuni 2021. Sobre a importância do vestido em sua *performance* e valor dele, Séfora pontua:

O vestido da minha *performance* é fundamental para a minha evolução como rainha, bem como a desenvoltura na coreografia. Procuramos pensar em cada detalhe para que não me atrapalhe em nada na hora da dança, mas que seja lindo e encha os olhos do público. O valor de um figurino completo custa em média 4 ou 5 mil reais. Depende muito do tema e material que vamos usar. As principais dificuldades, além do preconceito que sempre existe, é a falta de apoio através de patrocinios. O custo para ser uma rainha é muito alto e requer investimento, no nosso caso, sempre buscamos o melhor. O nosso público merece isso. (Adriana Séfora, em depoimento ao autor)

Sobre o trabalho dos figurinistas de rainhas juninas, Adriana Séfora cita o cearense Edino Oliveira, criador de seus figurinos. Edino é cearense, figurinista, desenhista, professor de inglês e pedagogo. Em depoimento ao autor, ele destaca os detalhes importantes nos figurinos:

Todo detalhe conta na hora de criar um vestido para as rainhas. Dependendo da proposta

de indumentária do grupo junino, os vestidos de rainha ganham destaque dentro da história contada. Hoje, o figurino não é só beleza, ele é e faz parte da proposta temática que os grupos trazem para as competições. Elementos como material, cartela de cor, peso, proporções, bordado etc, tudo conta muito, tanto no quesito estético como no temático. E que podem ser avaliados pelos jurados mais críticos dos festivais. (Edino Oliveira, em depoimento ao autor)

Ao ser questionado sobre as diferenças entre os vestidos de rainhas cisgêneros e rainhas da diversidade, Edino complementa:

Antes de tudo, temos que pensar em corpos diferentes, silhuetas diferentes, personagens diferentes. Em minhas criações eu levo em consideração essas coisas. Figurino para rainhas da diversidade (em sua maioria, *drags*), por exemplo, eu gosto de criar conceitos mais “*Camp*”, onde os exageros são mais bem-aceitos pelas dançantes e público-alvo. Mas para rainhas cis e trans, há sempre uma busca pela delicadeza dos figurinos, porém, para as meninas trans, essa delicadeza precisa respeitar o momento de transição dos corpos, para que elas se sintam bem dentro do figurino. (Edino Oliveira, em depoimento ao autor)

Uma rainha da diversidade mostra toda sua versatilidade em suas apresentações. Suas *performances* não são somente um desfile em traje de gala, como nos concursos de beleza, e exigem uma habilidade em dançar e interpretar uma personagem a partir de um tema, geralmente, ligado à quadrilha que participa. Seus trajes são essenciais nessas apresentações em que legitimam a importância de sua participação no movimento junino e também de seu espaço.

Os trajes dos noivos

A quadrilha é uma dança que gira em torno da festa de casamento do casal de noivos, um dos grandes destaques das apresentações, que inicia com uma *performance* que conta a história do casal e seu casamento, podendo ter outros personagens secundários e que comporão, em seguida, a festa, como brincantes a partir do tema escolhido pela quadrilha. Originalmente, esse casamento é ligado aos ritos católicos.



Figura 66: Noiva Mara Régia da quadrilha “Valente Nordeste”.
Fonte: Reprodução/Instagram - @valentenordeste

O vestido da noiva é o personagem principal dessa encenação e grande destaque de uma quadrilha. Seu papel é um dos mais disputados e importantes. Na maioria das vezes, vestida de branco, como a noiva Mara Régia, vista na figura 66, da quadrilha cearense Valente Nordeste.

Para os tradicionalistas, a noiva só pode se vestir na cor branca. Seu vestido não é um vestido comum. Ele ganha vida no corpo da noiva-bailarina. Achamos importante contextualizar alguns pontos da noiva dentro da quadrilha, pois muitas discussões são trazidas, também, entre a tradicionalidade dos vestidos ou sua estilização, principalmente, com relação à cor do vestido da noiva.

É praxe que noivas sejam bonitas nos padrões que assim são identificados no século XXI e com trajes que demonstram riqueza e ressaltam a beleza, principalmente, nas quadrilhas estilizadas. Da Silva (2018) ressalta que “a noiva é a dona da festa, que é pela felicidade da concretude do casamento que a quadrilha surge. A festa do casamento, e representando união de mais um casal e, por consequência, a formação de mais uma família aliada à bênção da colheita do milho no Nordeste, projeta a renovação e a fertilidade na vida e na natureza”. O autor ressalta ainda que:

Nas quadrilhas estilizadas e recriadas, a dançarina que encarna a noiva, geralmente, é uma mulher considerada bonita pelos padrões estéticos brasileiros, que usa um vestido luxuoso e sua simpatia para chamar toda atenção do público

para si; já na quadrilha matuta, essa personagem deve ser engraçada, mas não tem a obrigação de ser considerada bonita aos olhos do público e tampouco dos jurados. (Da Silva, 2020, p. 04)

Algumas noivas se destacaram nos últimos anos, como Rachel Sombra, vista na figura 67, da quadrilha cearense Cumpadi Justino. Sombra ficou famosa nos meios de comunicação pelos gastos em sua caracterização. Segundo depoimento ao portal g1.globo.com, Sombra investiu cerca de 15 mil reais, que incluiu uma lipoaspiração no valor de 12 mil reais, em 2012. Noivas, em sua maioria, têm o padrão corporal “magro”.



Figura 67: Noiva Rachel Sombra. Fonte: Reprodução/Instagram - @cumpadejustino

Os trajes de noivas de quadrilha são frutos da cultura junina tradicional, pois continuam sendo personagens importantes nas quadrilhas do século XXI. A simplicidade dos trajes das outras damas quando são representadas nas quadrilhas tradicionais sempre contrastam com os trajes das noivas, que de praxe, estarão sempre muito arrumadas.

Emanuelle Freitas, vista na figura 68, foi noiva da quadrilha Junina Babaçu, de 2014 até 2022. É lembrada nas mídias sociais como uma das grandes noivas no Ceará. Antes, ela havia sido rainha da quadrilha Ceará Junino. Como vemos, muitos destaques migram para outras quadrilhas, num movimento muito comum entre os brincantes. E em determinados momentos, encerram suas carreiras, dando oportunidades a outros brincantes.



Figura 68: Emanuelle Freitas, noiva de quadrilha. Fonte: Reprodução/Instagram - @manufreitas_

Uma brincante quando se apresenta como rainha nunca está desarrumada ou mal vestida. Sempre traça vestido elegante e anágua volumosa, portando sua faixa. É figura midiática e tudo vai ser fotografado e postado em redes sociais.

No movimento junino ainda encontramos transfobia e preconceito, mas barreiras estão sendo quebradas. Travestis, transexuais e homossexuais estão cada vez mais presentes, não só no trabalho braçal de uma quadrilha, mas também sendo damas e cavalheiros, e alguns tornando-se destaques.

No Festival Ceará Junino 2022, tivemos a participação de uma noiva trans na quadrilha Crenças do Sertão. Thallyta Dantas, vista nas figuras 69 e 70, é uma noiva trans e negra, que dançou pela primeira vez como noiva. Thallyta é a única noiva trans no Ceará. É maquiadora, transcista e tem um brechó em casa.



Figuras 69 e 70: Thallyta Dantas e seus dois vestidos. Fonte: Reprodução/Instagram - @crencasdosertao_

Em depoimento ao autor, Thallyta relatou que começou dançando em quadrilhas de bairro e de igreja, sonhando em dançar como menina, pois dançava como cavalheiro. Após um tempo sem dançar, foi convidada por uma amiga para voltar, como menina, pois já havia passado pela transição. Ela relata:

Eu entrei na quadrilha para dançar e os meninos me receberam super bem e não fizeram nenhuma brincadeira, tiração: “ah, é mulher, é viado”, essas coisas de bairro. E aí eu entrei e em 3 anos eu me dediquei muito. Logo que eu entrei eu já era dama. Tiveram só as *lives*, foi no tempo da pandemia, e continuei me dedicando. Eu nunca pensei na hipótese de preconceito. Eles fizeram o convite dois anos depois que eu entrei e já era um sonho meu ser a noiva. Eles sabiam do meu sonho. Eu falava até para a noiva da quadrilha que eu queria ser noiva. E a noiva antes de mim falava para eu me dedicar, tu consegues, e aí eu fui me dedicando e meu maior desafio foi quando minha amiga disse para eu estar preparada. Ela é uma menina cis, sofre preconceito, pois tem que dar o melhor dela. Agora, imagina para uma pessoa que é transexual. Tipo, o preconceito vai vir, e tenho que me dedicar melhor. Hoje em dia, a coisa mais comum é ver pessoas trans dançando.

Meu maior desafio foi não ficar com medo do que as pessoas iam pensar. O medo bloqueia a gente e não me deixa consumir. Fui dançar sem medo. Eu fui muito bem-recebida por todas as quadrilhas, pelo público. Uma única vez, sofri um pequeno preconceito quando numa apresentação de bairro, um homem que estava num bar que eu passei em frente gritou que a noiva era um viado. Alguém da quadrilha gritou que eu não era viado não e fomos embora. Foi um preconceito básico, foi de leve, não doeu tanto. (Depoimento via *Instagram* do autor)

Thallyta não soube dizer o nome do figurinista que criou seus trajes e citou que é o dono da quadrilha que vai atrás dos seus vestidos. No caso, ela usou dois vestidos (figuras 69 e 70), em 2022. Sobre seus trajes, ela complementa:

No começo, eu dancei com um vestido simples, e, depois, o menino mandou fazer outra roupa. A segunda roupa foi muito bonita, de acordo com o tema em que eu dancei, Lisbela e o Prisioneiro. E aí foi uma roupa muito fofa. Eu gostei da primeira, mas a segunda amei mais, foi um luxo total. Evidentemente, existem coisas em roupas de São João que não podem ter, como vestido tomara que caía, que não é bom usar e eu usei. Eu perdi

pontos porque fiquei o tempo todo levantando o vestido. Isso me incomodou muito. Sapato foi uma barreira, pois eu uso muito tênis e rasteira. No São João tem que usar salto e eu só uso às vezes. Não sou uma pessoa de ficar usando salto direto. Só uso em casamentos e tiro rápido. Foi uma barreira dançar de salto. Eu tinha medo de me machucar ou de cair. Não têm sapatos confortáveis para a gente dançar, foi uma barreira para eu aprender a dançar de salto. Eu fico admirada de ver outras minas trans que dançam bem de salto. O sapato me incomoda muito. Eu dou meu melhor. Foi meu primeiro ano dançando de noiva e dançando de salto. Ser uma noiva tem muitas coisas. Fui muito feliz, eles não trocaram a noiva. Eu tirei pontos bons no São João. Foi muito bom saber que eu dei o meu melhor. Tiveram rainhas que vieram me ensinar a dançar de noiva. É diferente dançar como noiva e dançar como rainha. Eu fui atrás de pesquisar mais noivas. As meninas de Rainhas G dançam de uma forma e nossa rainha dança de outra. Eu de noiva sou totalmente diferente delas duas, elas têm uma força de se rasgar total. Eu tive o apoio de todos, da minha rainha. De toda a quadrilha. As noivas que passaram pela crença me ensinando: “ai, amiga, faz isso”. Eu tentei dar meu melhor. E espero dar meu melhor próximo ano. Quem paga

nossas coisas somos nós mesmos. Porque, tipo, a gente faz apresentações, recebe um dinheiro. A gente dança fora, recebe, mas o dinheiro vai para as roupas. A gente faz rifa, vai atrás. A roupa de São João é muito cara. Eu sei que o dono da minha quadrilha vai atrás para dar o melhor para nós. Ele dá uma força e nós damos um jeito para comprar e fazer tudo de melhor. (Depoimento via *Instagram* do autor)

Uma noiva numa quadrilha estilizada pode usar diversas cores, além do tradicional branco. A questão foi muito debatida em cursos de formação de jurados que o autor participou. O vestido da noiva pode ser de qualquer cor desde que esteja justificado no tema desenvolvido pela quadrilha, tendo em vista, que a cada ano, a cultura junina se dinamiza e essa visão sobre o branco dos noivos pode estar engessada em um pensamento arcaico.

O noivo é, também, um destaque nos festivais de quadrilhas, avaliado muitas vezes em quesitos como desenvoltura, interpretação, animação, harmonia e indumentária. No Ceará, é tradição ele estar vestido de branco e usando uma gravata vermelha, que pode ser uma exigência de alguns festivais. As constantes reinvenções das quadrilhas fazem do noivo um destaque ligado, primeiramente, ao casamento matuto/caipira/sertanejo, em seguida, como par dançante da noiva. Nelson Castro é um dos noivos mais famosos do Ceará, visto na figura



Figura 71: Noivo Nelson Castro. Fonte: Reprodução/Instagram - @nelsoncastrofc

Castro destacou-se como noivo nas quadrilhas Junina Babaçu, Beija-Flor do Sertão e Paixão Nordestina. Para seus seguidores nas redes sociais, ele é chamado de “o noivo do Brasil”. Seu trabalho nas quadrilhas não se resume ao papel de noivo: ele é também coreógrafo.

Pesquisando sobre o papel do noivo, realizamos um levantamento bibliográfico sobre o termo “noivo de quadrilha”, inclusive, em reportagens e mídias sociais. Não foram encontrados muitos registros. As figuras femininas são mais destacadas (noiva e rainha). Após ouvir alguns membros da Rede de Pesquisa em Quadrilhas Juninas, destacaram-se alguns noivos, citados, a seguir.

Érico Bastos, noivo da quadrilha Arriba Saia, ressaltou que o papel do noivo na quadrilha é de suma importância, pois a quadrilha é a festa do casamento, e sem noivo ou noiva não teria o casamento, conseqüentemente, não existiria a quadrilha. Na figura 72, temos a *performance* de Érico, trajado tradicionalmente, em que vê-se a alegria transbordando em seu rosto.



Figura 72: Noivo Érico Bastos. Fonte: Reprodução/Instagram - @ericobastos31

Érico Bastos começou como marcador da quadrilha Arriba Saia, mas após um imprevisto, em que o noivo teve que sair, assumiu o personagem. Bastos relatou:

“A gente queria continuar os trabalhos, então, chamei meu irmão e expliquei que ele seria o

marcador e eu seria o noivo para continuar os ensaios. Naquele ano, não tive muita preparação porque foi muito corrido quando o rapaz avisou a gente, mas todo ano existe uma preparação, de tema, do personagem”. (depoimento ao autor)

Ao questionarmos sobre o noivo ser um destaque, uma figura midiática nas quadrilhas estilizadas, Érico Bastos lembrou que não só nas quadrilhas estilizadas os noivos são figuras de destaque nas mídias sociais, mas nas tradicionais também. Sobre os trajes dos noivos, Érico enfatizou que os figurinos são muito importantes na composição dos noivos porque eles ajudam não só a contar a história da quadrilha, mas a história daquele personagem, do que ele representa dentro do contexto, do tema daquela quadrilha e também na imersão para quem está representando o noivo, ajudam a se sentir mais verdadeiro e a passar uma maior verdade do personagem que ele está interpretando. Ao ser questionado sobre a cor branca para o noivo, Bastos relata ainda:

Até certo tempo, tinha-se esse entendimento que o branco que todos os noivos vestem, era sim, obrigatório, mas de uns anos pra cá, parece que as regras estão sendo quebradas e os jurados passaram a entender que os personagens dos noivos, podem sim, ter uma outra corzinha no seu figurino, desde que eles mantenham, talvez, a tradi-

cionalidade e respeitem o personagem que representa. Eu, no ano de 2022, meu segundo figurino era preto com branco porque a gente trazia na segunda parte a representação da xilogravura da história do Pavão Misterioso, por isso, o preto com o branco. (depoimento ao autor)

Respondendo sobre o conforto dos trajes dos noivos, Bastos afirmou que nem sempre os trajes são confortáveis, mas que o desconforto se faz necessário, já que alguns elementos, como bordados e adereços, têm que vir nos figurinos, mesmo que não sejam agradáveis de usar, contudo, são usados pelo brilho do espetáculo. Ele acrescenta:

Teve um ano que usamos uma manta de *strass* que machucava quando passava a mão, e os canutilhos, às vezes, machucam a mão também. Tinha uma flor de palha que usei também e o cheiro não era muito bom. (depoimento ao autor)

Bastos considera, ainda, que o desafio de ser noivo é ter que ser múltiplo: dançar e interpretar a todo momento, em todo o espetáculo, não só no casamento, durante as coreografias, e que a cada ano torna-se mais complicado e a interpretação fica cada vez mais verdadeira, tendo que ter uma entrega total ao personagem, e que não adianta só saber dançar, tem que interpretar também.

Paulo Henrique, há 25 anos dançando como noivo, visto na figura 73, da quadrilha cearense Filhos do Sertão, é um dos mais longevos, com uma trajetória que se destaca entre as quadrilhas cearenses. Paulo usa trajes brancos, em modelo muito comum entre os noivos, composto por camisa de mangas compridas, calça, colete, gravata vermelha simbolizando o amor, chapéu e muitos bordados.



Figura 73: Noivo Paulo Henrique. Fonte: Reprodução/Instagram - @phsampaio

Um caso que vale a pena ser mencionado é o da quadrilha pernambucana Junina Tradição, que em 2013, apresentou dois homens *gays* no tradicional casamento (De França e de Souza, 2021, p. 75). O casal de noivos era formado por Rodrigo Motta e Augusto Neves e foi muito bem recebido pelo público pernambucano. Noivos também são figuras carismáticas. Quando se troca uma noiva numa quadrilha, troca-se seu par também.

Os trajes do marcador

Marcador é um personagem na quadrilha junina responsável por dirigir a quadrilha, comandar os brincantes e interagir com o público, ditando o ritmo da quadrilha, sendo também um difusor da cultura junina.

Após a representação do casamento, o marcador gritava os passos como apresentação da quadrilha, cumprimentava o público: balancê, passeio pela roça, túnel, anavantú, anarriê, jabaculê, serrote, grande roda, lancê, caminho da roça, passeio dos namorados, travessê de cavalheiros e de damas, caracol etc. Hoje, o marcador, ou marcadora, pois temos mulheres marcadoras, também, é uma figura que pode ter diversos papéis, tornando-se um dos grandes destaques das quadrilhas, como o marcador da quadrilha Junina Babaçu, Júlio César Costa, que também é o coreógrafo da quadrilha. Na figura 74, Júlio interpreta um personagem no tema “O Grande Encontro”. Seu traje traz características dos folguedos de reisado.



Figura 74: Marcador da quadrilha “Junina Babaçu”. Fonte: Reprodução/Instagram - @juninababacu

Sobre o trabalho do marcador, Da Silva *et al.*, (2020) contextualizam:

Os marcadores, em geral, têm a função de conduzir as coreografias da quadrilha. Em parceria com os coreógrafos, estudam as melhores propostas coreográficas e a relação delas com os quadrilheiros. Auxilia também na escolha do repertório musical junto com o trio pé de serra ou banda junina, pois cada música influencia em seu roteiro de animação. Em algumas quadrilhas eles representam personagens (são chamados de “marcador - personagem”), dançam junto com os quadrilheiros e interagem com o público. (Da Silva *et al.*, 2020, p. 41-42)

É preciso registrar que em muitas quadrilhas podemos ter a participação de dois marcadores que interagem entre si e com a quadrilha.

O coreógrafo de quadrilhas e os trajés

Quando o tema de uma quadrilha é definido, desencadeia um processo em todas as equipes que trabalham para compor o espetáculo de um ano, e o trabalho do coreógrafo nasce a partir daí, das pesquisas, dos ensaios, e esse trabalho pode ser desenvolvido

por um profissional, no caso, o coreógrafo ou uma equipe de coreografia. Durante os meses de preparação e ensaios, as coreografias vão sendo testadas e ensaiadas, repetidas e diversas vezes, pois muitos casais não são bailarinos ou dançarinos profissionais. Os melhores casais ficam nas pontas e na frente, pois ajudam a destacar as marcações. Em entrevista para o Portal Vida e Harmonia, Thiago José dos Santos ressalta:

A coreografia evolui conforme os ensaios. Os blocos são montados integrando a história à dança. “São meses de ensaios intensos, os casais com uma evolução melhor ficam na frente, conduzindo os demais. Temos essa primeira definição dos casais, fazemos a montagem do espetáculo; depois fazemos a limpeza, que são os passos que não estão dando certo ou movimentos que precisamos mudar; entramos com as marcações do grito do grupo, da sintonia; e aí introduzimos o teatro. Depois, é ensaiar tudo junto e aperfeiçoar”, detalha Thiago.⁵⁵

Paulo Régis Ferreira Oliveira foi jurado da FEQUAJUCE e hoje é um dos jurados e diretores da MOJUNI. Ele é mais conhecido como Jack, coreógrafo de quadrilhas cearenses.

55 Disponível em: <https://vidaeharmonia.com.br/noticia/1114/no-arraia-da-capital-quadrilhas-juninas-contam-historias-atraves-da-danca>. Acesso em: 04 jan. 2023.

Não tem formação superior e como relatou ao autor, desde cedo se dedicou à dança e às artes, em geral, mas que ainda pensa em fazer uma faculdade na área. Ele relata como foi sua evolução no meio junino coreografando:

Comecei a dançar quadrilha no ano de 1997, e em 2000 me iniciei como coreógrafo. Procurei formação na área da dança e passei por todas as vertentes da dança, me especializando em dança contemporânea e dança folclórica. Coreografei a quadrilha Fulô do Sertão, a única 4 vezes campeã cearense. Ganhamos em Brasília como melhor do Nordeste e 4 vezes fomos escolhidas a melhor quadrilha do Brasil.
(em depoimento ao autor)

Sobre a importância dos figurinos na coreografia, Jack explica que da mesma forma que ele deve ser feito para emoldurar o tema, ele pode atrapalhar se não tiver de acordo com a temática. Ele ressalta, mais uma vez, que o figurino é a moldura da temática, tem que fazer parte do conjunto que conta a história relatada, e tem que haver sempre uma coerência entre figurino, repertório, cenários, adereços e coreografia. Tudo é parte de um todo para que a história seja bem contada. O figurino é a moldura da temática e deve contar a história proposta, para que tanto o público quanto o jurado, ao ver o figurino, já perceba o tema da forma mais clara possível.

A equipe de criação de figurinos

As equipes de figurinos surgiram da própria necessidade das quadrilhas de se organizarem. Os trajes já não passam despercebidos e os concursos despertaram uma concorrência grande entre as quadrilhas. O figurino na representação conquista um lugar muito mais ambicioso, multiplicando suas funções, integrando-se ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos. (Pavis, 1999)

O surgimento de equipes que trabalham juntas a um ou mais figurinistas é uma realidade. Buscando inovação, as equipes pesquisam a partir do tema escolhido para a quadrilha, em determinado ano, mantendo todos os detalhes desenvolvidos na etapa de criação e desenvolvimento dos trajes de quadrilhas em absoluto segredo sobre qualquer detalhe do que será apresentado na apresentação oficial dos trajes dos brincantes e destaques, em data que, normalmente, é um grande evento festivo para as quadrilhas.

As equipes, ao desenvolver os croquis a serem trabalhados e confeccionados, pesquisam não só sobre o tema, realizando um embasamento teórico para justificar cada detalhe de um traje que possa ser questionado, mas todos os materiais e aviamentos necessários à confecção dos trajes. Nessa pesquisa é levada em conta os valores dos materiais, qualidade, inovação, criatividade e luxo.

O trabalho das equipes pode começar quando acaba um ciclo junino e outro se inicia. Normalmente, em janeiro, começam as primeiras reuniões, mas a data de início depende de cada quadrilha e também do tema que será trabalhado.

As equipes são formadas por assistentes e figurinistas. O trabalho de desenhar os trajes pode ser de um único profissional, ou ainda, dividido, podendo um figurinista criar somente os trajes dos casais e outro, os figurinos dos destaques.

A equipe acompanha a confecção da peça-piloto, que será apresentada à diretoria da quadrilha, e que poderá ser aprovada ou não. Se for aprovada, partirá para a confecção em massa, no caso dos trajes dos casais. A confecção dos trajes dos destaques pode tanto ser feita por costureiras habilidosas, quanto por *ateliers* especializados em destaques juninos.

Desenho de figurinos

Desenho é a representação a lápis, a tinta etc, de objetos e figuras, de paisagens etc, podendo ser realizado à mão livre. Um desenho nasce da transposição de uma ideia, uma imagem, criando uma realidade imaginada.

Os trajes de uma quadrilha nascem a partir de um desenho ou um croqui, ou melhor, de várias tentativas até o consenso final de uma ideia que será representada num papel ou numa tela de computador. O croqui é um desenho com as ideias para determinado traje e que depois será enviado para a costureira. O desenho pode sofrer transformações a partir do momento em que o modelo é confeccionado e mesmo durante sua utilização numa *performance* ou apresentação teatral. Viana e Muniz (2007) complementam:

Os croquis são uma fonte inegável de informação, claro. Mas quem garante que, em primeiro lugar, os trajes foram executados da forma pensada? O que se passou entre a concepção e a execução? A investigação vai levar ao entendimento de como aquela peça subiu ao palco. Seu significado só passa a ter sentido quando analisamos como ela foi usada em cena. A história daquela peça nunca mais será a mesma depois de colocada no corpo de um ator. (Viana; Muniz, 2007, p. 03)

O desenho ilustra uma ideia ou o tema de uma quadrilha e nasce a partir das pesquisas feitas pela equipe de figurinos ou figurinista. Podemos observar através do esboço de Ronny Pinheiro, o início de uma criação, visto nas figuras 75 e 76, a preparação para um modelo a ser executado e um desenho completo para ser feito um modelo ou uma peça piloto.



Figuras 75 e 76: Desenvolvimento de croqui junino. Fonte: Reprodução/Instagram - @ronny_pinheiro

“A base para os desenhos nasce a partir dos desenhos de moda, que buscam a materialização, ou seja, tem a intenção da execução do referido desenho” (De Góis Duarte, 2010, p. 57), surgindo o desenho dos figurinos em que devem estar bem claros todos os elementos para sua execução. Santa Clara (2009) contextualiza:

O desenho do figurino tem características próprias, e deve ser encarado como uma forma de expressão artística em si mesmo. Para além da sua função utilitária (no fundo, é um projeto), é uma forma de criação em que as técnicas do desenho e a formação técnica (modelagem, corte, costura, tingimentos, entre outros) têm de estar presentes, e em que a expressão plástica se autonomiza da sua finalidade prática. (Santa Clara, 2009, p. 08)

A cada ciclo junino, as quadrilhas seguem estéticas diferentes e essas estéticas já podem ser visualizadas a partir dos croquis. No figurino junino, concretizado no desenho ou ilustração, devem constar todos os elementos que o grupo tem que passar na sua apresentação. Os desenhos precisam ser criativos. Cada quadrilha tem um estilo e este deve estar contido desde que se apresenta a sinopse e o enredo do que vai ser desenvolvido em determinado ano. É da sinopse que o figurinista retira a funcionalidade do figurino dentro do espetáculo, o qual precisa

estar em sintonia com todas as áreas da quadrilha, projetista, coreógrafo e cenógrafo para criar um figurino que fortaleça o espetáculo e os movimentos coreográficos. Damasceno lembra que, geralmente, durante a fase de elaboração dos croquis, o figurinista precisa decidir quais os elementos representativos do tema que poderão ser abordados e inseridos, incluindo cores, modelos, formas e tudo mais que seja necessário para contribuir na contação da história do enredo (Damasceno, 2017, p. 32). Os desenhos aprovados seguem para confecção da peça-piloto. Na figura 77, vemos o croqui/desenho que Irê Rocha realizou para a quadrilha Junina Babaçu, em 2019, cujo tema foi “O Grande Encontro”. Na figura 78, o traje feminino confeccionado.



Figuras 77 e 78: Desenho de Irê Rocha para a quadrilha “Junina Babaçu” e o desenho confeccionado. Fonte: Reprodução/Instagram - @ire_rochas

Nas figuras 79 e 80, observamos o croqui de Ronny Pinheiro para a quadrilha Paixão Nordestina, em 2019, e peça confeccionada. A rainha da quadrilha interpretava Elke Maravilha. O tema daquele ano foi: “Oh, Terezinha! Uuuuhhh”, inspirado em Abelardo Barbosa, o Chacrinha.



Figuras 79 e 80: Criação de Ronny Pinheiro e traje confeccionado para a rainha da quadrilha “Paixão Nordestina”. Fonte: Reprodução/Instagram - @paixaojunina_oficial

Em 2021, a quadrilha Paixão Nordestina realizou o I Concurso Talento Brasil de Moda Junina, em que os candidatos foram escolhidos através de croquis. Ressalta-se que em um concurso como esse, a qualidade do desenho é importante para que a execução das peças seja mais fiel ao tema possível.

Edinaldo Oliveira, o campeão do concurso (em depoimento ao autor), detalhou como foi o concurso:

Foram 3 etapas: batalha *on-line* de croquis, com votação popular (fase 1); Pontuação dos jurados convidados; Batalha *on-line* de croquis (semifinalistas selecionados na fase 1). Para a final, tivemos que confeccionar o figurino e apresentar ao público. Os jurados que estavam presentes decidiram o ganhador. (em depoimento ao autor)

No processo de trabalho numa quadrilha, muitos desenhos foram iniciados manualmente. Vários figurinistas começaram desenhando à mão livre, autodidatas, sem nenhuma formação técnica ou acadêmica. Hoje, encontramos muitos figurinistas graduados em *Design* de Moda, como Felipe D’Tasso e Ronny Pinheiro. Formação em moda traz um diferencial na planificação de desenhos.

Croquis podem ser escaneados e coloridos em programas de computador, como *corel draw, illustrator e sketchbook*. Dominar *softwares* é um diferencial na apresentação de desenho de moda, e, conseqüentemente, de croquis de quadrilhas juninas. Facilita a leitura do tema, a visualização do modelo e o que é proposto pelo figurinista.

Nos desenhos de Rui Maia para a quadrilha Junina Babaçu, vemos a complexidade da representação do tema. Nas figuras 81 e 82, temos um croqui feito, especialmente, nos anos 2020-2021, quando não aconteceram os festejos devido à pandemia. Seria o figurino das damas trazendo o “Movimento Armorial”, de Ariano Suassuna, como tema. O modelo foi confeccionado pelo *atelier* Mãos de Fada.



Figuras 81 e 82: Croqui criado por Rui Maia para a quadrilha “Junina Babaçu” e o traje confeccionado. Fonte: Reprodução/Instagram - @rui.maia.rm

O desenho de figurino carrega uma série de detalhes e particularidades, devendo ser esboçado frente e costas, para que a peça seja perfeitamente modelada e costurada. Quanto mais realista o desenho, melhor para sua confecção. Uma interpretação errada pode causar prejuízo financeiro à quadrilha e perda de tempo na elaboração de outro traje. A interpretação do desenho pode não ser fiel ao traje pronto, pois muitas vezes o modelo é adaptado ou algum detalhe retrabalhado durante o processo de confecção. Ainda vemos desenhos com técnicas múltiplas que unem desenho estilizado com desenho técnico, visto na figura 83, um trabalho de Irê Rocha para a quadrilha cearense Junina Girassol.



Figura 83: Desenho estilizado com desenho técnico de Irê Rocha.
 Fonte: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/14422/>

Quanto mais especificado for o desenho, mais fiel será o modelo confeccionado. Costureiras destacaram que, muitas vezes, só são feitos os desenhos das frentes dos modelos e os desenhos das costas não. Os desenhos podem representar o desejo da maioria das quadrilhas, com figurinos elaborados e cheios de bordados e brilhos.

A estética das quadrilhas estilizadas está contida nos desenhos. Não se desenhavam mais vestidos de retalhos. O croqui de um traje de quadrilha deve antecipar o que se espera dela nas competições: luxo, brilho e criatividade. Uma preocupação ao desenhar os trajes de quadrilhas é que deve-se pensar os

diferentes tipos de corpos. Um desenho pode criar uma falsa impressão, pois em sua maioria, segue os padrões de desenho de moda, sempre esguios e magros.

Gervânio Ferreira (em depoimento ao autor), presidente, marcador e figurinista da quadrilha Império Nordestino, de Milagres, Ceará, relatou que os desenhos não são o seu forte, mas que são bons nas ideias transmitidas às costureiras.

Confecção de trajes

A confecção dos trajes de quadrilhas começa quando eles são criados por elas após intensas pesquisas e reuniões entre as várias equipes, principalmente, a de figurinos. Vemos na figura 84, o marcador Jhone Barros, da quadrilha Nação Nordestina, em 2018, usando um traje que remete ao personagem Arlequim, da *Commedia Dell'arte*⁵⁶.

56 Também chamada comédia histriônica, de máscaras ou italiana, é uma comédia popular que floresceu na Itália de meados do século XVI ao início do século XIX, tendo-se alargado a outros países da Europa. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$commedia-dell'arte](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$commedia-dell'arte). Acesso em: 19 mar. 2023.



Figura 84: Traje do marcador Jhone Barros. Fonte: Reprodução/Instagram - @marcadorjhobarros

Nas quadrilhas tradicionais, vemos vestidos estampados, muitas vezes, de chita com babados, simples, tradicional, ao contrário dos trajes femininos das quadrilhas estilizadas, que nem sempre é um vestido, e sim, um corpete com saia e anáguas, grande quantidade de bordados, além dos sapatos feitos sob medidas, meias, luvas e adereços.

Nos trajes masculinos, nas quadrilhas tradicionais, vemos a simplicidade de calças com remendos, ou mesmo, lisas, camisa xadrez, chapéu de palha e sandálias ou calçados simples. Já os trajes masculinos estilizados são ricos em bordados também ou em detalhes.

Normalmente, os trajes masculinos são compostos de camisas de mangas compridas, calças compridas, coletes, chapéus e sapatos feitos sob medida. Algumas vezes, vemos ternos e estilizações deles. Cabe às costureiras, que em sua maioria são mulheres, mas encontramos costureiros também, a responsabilidade de execução dos trajes a partir do desenho.

É fato que as festas juninas movimentam a economia, no caso, aqui, a confecção dos vestidos das damas e trajes de cavalheiros geram muitos empregos. Não podemos esquecer também da confecção dos figurinos dos destaques e dos músicos que acompanham as quadrilhas. Há muitas costureiras especializadas em trajes de quadrilhas que competem e dançam em festivais. Muitas delas são autodidatas, como Marta Maria Sousa Martins, do bairro Cristo Redentor, em Fortaleza, que explica a importância da costura em sua vida:

Aprendi a costurar só olhando minha mãe, que me ensinou a costurar! É com a costura que criei meus 3 filhos, alimento, vestuário e escola particular, tudo isso, com costura. A pandemia nos fez passar por várias necessidades, principalmente, nessa área festiva. Hoje, não sobrevivo da costura, e sim, de aluguel de trajes, mas trabalhei para várias quadrilhas: Terra da Luz,

Santa Terezinha, Almeidão, Junina Babaçu, Ceará Junino, Luar do Sertão, Puxando Fogo e outras infantis que não lembro o nome. (em depoimento ao autor)

Uma costureira de trajes de quadrilhas tem que ter noção de medidas, conhecer bem tecidos e aviamentos, saber modelar e cortar corretamente a peça para depois montá-la e fazer com que o traje tenha um bom caimento no corpo do brincante.

O trabalho de costurar figurinos de quadrilhas é grande e requer, de fato, experiência. Os trajes deixaram de ser simples com as transformações que foram ocorrendo. Já não são mais vestidos simples de chita ou camisas xadrez. São, de fato, figurinos criados seguindo uma temática, com tecidos caros e muitos bordados. A costureira Patrícia Ferreira explica:

O meu conhecimento com roupa de quadrilha vem mesmo da experiência de costureira raiz. Trabalhei com roupas para quadrilha quando era mais simples, mas depois que ficou muito estilizada eu parei, pois eram muito trabalhosas e hoje só costuro roupa de quadrilha infantil e para adultos em geral. (em depoimento ao autor)

Os trajes dos casais, assim como dos destaques, começam a ser costurados quando se inicia um ano, após a compra dos tecidos e confecção da peça-piloto, no caso, dos casais brincantes.

Um detalhe que chama atenção é a mão de obra. As quadrilhas quando não conseguem costureiras disponíveis, podem procurar em redes sociais e *sites*. Há muitos anúncios de profissionais que oferecem seus serviços. Mostramos um desses anúncios na figura 85, achado na rede social *Facebook*.

The image shows a Facebook advertisement for a seamstress. At the top, the text 'PROCURANDO costureira PROFICIONAL' is displayed in a mix of bold, black, sans-serif and handwritten-style fonts. Below this is a green rounded rectangle containing the business information. On the left is a circular logo with 'CM' and 'Costume Designer'. To the right, the text 'Costumedesigner' is followed by Instagram and WhatsApp icons with the handles '@Clesiamaria' and '85 986288801'. The main body of the ad contains a paragraph in all caps: 'ATELIÊ CLESIA MARIA Maracanaú, Fortaleza CE Vasta experiência em em projetos artísticos. Criação e execução de figurinos culturais, dentre eles se destacam indumentárias juninas No momento busco por novos desafios, visando o desenvolvimento de um trabalho que gere bons resultados. Admiradora e Ex brincante das quadras juninas, tenho acompanhado a luta do setor cultural dificultado nesses últimos tempos. Quero contribuir com minha experiencia e trabalho'. At the bottom of the green box, it says 'Entre em contato e faça seu orçamento'. In the bottom right corner of the overall image, there is a logo with a green leaf and the text 'Adulto e infantil'.

Figura 85: Anúncio de uma costureira. Fonte: https://www.facebook.com/commerce/listing/2830994200540177/?media_id=1&ref=share_attachment

É preciso ressaltar que uma campanha enorme se faz todos os anos para arrecadar dinheiro para a compra de tecidos, aviamentos e pagamento das costureiras. Além da contribuição individual de cada brincante (carnê), ainda se realizam muitos eventos para arrecadação de dinheiro, que poderá vir também de editais e doações.

No interior, as quadrilhas possuem uma realidade mais carente, com menos recursos do que as da capital. Muitos brincantes são também costureiros e costuram seus próprios trajés. Vemos o interessante caso de Edjaniea Araújo, publicado no portal g1.globo.com (21/05/2014): *Noiva de quadrilha do Ceará fez o próprio vestido, mas nunca usou*. Edjaniea contou ao portal que a direção da quadrilha Paixão Junina Cariri teve que alugar os figurinos de 2012 para conseguir pagar pelo vestuário que seria usado em 2013. Chegou a reunir amigas e pedir dinheiro em semáforos no Centro de Juazeiro do Norte⁵⁷ para custear seus trajés que seriam usados por ela posteriormente.

Os trajés são costurados, em alguns casos, por especialistas em determinadas partes, como as anáguas, que não são mais tecidos postos na goma para armar, ou costuradas com arames ou bambolês. Os vestidos podem ser determinantes para o sucesso de uma quadrilha, mas o que vemos nem sempre é um vestido, e sim, um corpete usado com saias e anágua. O vestido inteiro foi muito comum nas festas juninas, principalmente, antes do advento das quadrilhas estilizadas.

⁵⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/05/noiva-de-quadrilha-do-ceara-fez-o-proprio-vestido-mas-nunca-usou.html> Acesso em: 27 nov. 2024.

Os tecidos dos trajes

Nos salões nobres onde se dançavam as quadrilhas no século XIX, quando a quadrilha chega ao Brasil, os tecidos eram sedas, veludos e musselines nos vestidos de estilo império da corte francesa, que era a moda da época. Enquanto roupas de baile, as quadrilhas foram dançadas com trajes dos melhores tecidos da época.

A musseline (ou mousseline) é um tecido leve, fluido e transparente, como podemos observar na figura 86.



Figura 86: Tecido musseline. Fonte: <https://www.maximustecidos.com.br/tecido-musseline-toque-de-seda-azul-royal-824/p>

A seda, tecido de origem animal, é um tecido muito popular nos vestidos juninos nas quadrilhas estilizadas, visto na figura 87. Quando falamos de seda nos referimos à seda sintética ou tecidos com toque e brilho de seda, que são mais baratos e possibilitam um custo menor na confecção dos trajes. Por terem uma característica brilhosa são muito apreciados.



Figura 87: Tecido seda. Fonte: <https://www.amazon.com.br/Amoreira-Tecidos-Charmeuse-costura-Comprimento/dp/B0B2R28YPZ>

O tecido veludo pode ser confeccionado com fios naturais ou sintéticos, visto na figura 88. É um tecido nobre, brilhoso e felpudo de um lado. Mesmo extremamente quente, representa sofisticação e luxo, sendo adotado por quadrilhas, muitas vezes.



Figura 88: Tecido veludo. Fonte: <https://www.tecidosmodelo.com.br/tecidos/veludo-camurca/veludo/1-metro-tecido-veludo-cristal-azul-royal-liso-com-elastano>

Quando a República é proclamada em 1889, e a quadrilha passa a ser uma dança evitada, pois era popular nos bailes imperiais, a dança vai para o interior, onde sofre sua primeira transformação, deixando de ser uma dança da corte e passando a ser um folguedo do interior, sendo reconhecida pelos trajés simplórios, baratos, e, conseqüentemente, trajés feitos de tecidos simples, como algodão, chita⁵⁸ estampada e xadrez, além da aplicação de fitas e rendas nas roupas femininas e remendo nas masculinas. Na composição de chitas, vista no painel de chitas, na figura 89, encontramos um dos maiores símbolos ligados às tradições juninas. As chitas das quadrilhas transformaram-se num símbolo nacional.



Figura 89: Painel de chitas estampadas. Fonte: www.catextecidos.com.br/chita

58 Tecido originário da Índia, em algodão, geralmente, estampado, com acabamento lustroso obtido através da goma. (Terminologia do Vestuário, 1996, p. 196)

A chita passou a ser chamada também de chitão quando começou sua fabricação com estampas grandes e largura maior, ligada às festas populares, como afirma Rocha (2010):

A associação da chita às festas populares foi inevitável. Além do valor de compra acessível para as camadas da população de menor poder aquisitivo, a alegria evocada pelos florais e seu intenso colorido fez da chita a representação da própria alegria festiva, se espalhando nos figurinos dos festejos do nosso imenso território. (Rocha, 2010, p. 05)

As camisas de estampa xadrez, vistas no painel de xadrezes na figura 90, são as que mais identificam o traje masculino do caipira/sertanejo/matuto e são feitas de um tecido 100% algodão, muitas vezes, flanelado. São uma marca registrada dos trajes masculinos das quadrilhas não estilizadas.



Figura 90: Painele estampas xadrez. Fonte: www.sagroltecidos.com.br/

Nas quadrilhas estilizadas são abandonadas as tradições com relação aos tecidos simplórios, substituídos por tecidos brilhantes, como seda, cetim, veludo, e mais baratos, como *oxford*, visto na figura 91. Esses tecidos mais finos são considerados muito quentes e causam bastante desconforto nos brincantes.



Figura 91: Tecido oxford. Fonte: <https://www.legitimtextil.com.br/100-poliester/tecido-oxford-melange-1-50m-largura>

Ricos ou não, os tecidos são sempre um diferencial na confecção dos trajes juninos, mesmo que sejam quentes e desconfortáveis.

Manutenção dos trajés

No período junino, uma quadrilha pode fazer até três apresentações diárias e os trajés carecem de manutenção e limpeza. Os cuidados com sua conservação variam de uma quadrilha para outra. Cada brincante tem seu jeito de lavar seu figurino, segundo Hallyson Melo, que complementa:

Há quem coloque o figurino no sol estando pelo avesso. (Geralmente, é esse o método). Mas, eu coloco uma solução de bicarbonato de sódio com amaciante diluído em água morna. Mergulho o figurino e deixo uns 5 minutos de molho e depois repito esse molho mais duas vezes. Após esse processo, diluo essência de erva-doce (essência a gosto) com água morna, mergulho o figurino nessa solução e depois ponho na sombra para secar. (em depoimento ao autor)

O suor é um elemento incolor, mas que deixa resíduos nos tecidos, podendo prejudicar a conservação de um traje, e nem sempre os figurinos juninos são conservados corretamente. Homens e mulheres suam diferentemente, uns podem suar mais que os outros. O portal vivabem.uol explica:

As responsáveis pelas manchas amareladas nas roupas são as glândulas apócrinas, uma vez que o suor produzido por elas é rico em ureia. Os

compostos expelidos são incolores e inodoros, mas ao entrarem em contato com o ar, com os agentes químicos dos desodorantes e com a microbiota da pele são degradados pelas bactérias, produzindo odor e cor.⁵⁹

No *site* Ana Botafogo, Shaina Nur, do *Atelier* Fazendo Arte, dá dicas de conservação de figurinos. Se as dicas forem seguidas, ajudam na maior conservação dos trajes, que muitas vezes são higienizados de maneira errada:

Para manter a roupa sem cheiro de suor, cigarro, perfume, incenso e etc, sem precisar lavar sempre, o ideal é toda vez que usar o figurino, tire ele da mala o quanto antes e deixe aberto em um lugar arejado por um dia todo, depois espirre *Lysoform spray* (encontrado em qualquer farmácia) e deixe em lugar ventilado por mais algumas horas, dessa forma já eliminamos bactérias e mais de 90% de qualquer cheiro desagradável. Dê preferência por guardar seu figurino em caixa de papelão. As sacolas plásticas são pouco arejadas e podem ficar com cheiro de mofo.⁶⁰

59 Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/07/por-que-as-vezes-o-suor-endurece-e-mancha-as-roupas-de-amarelo.htm?cmpid=copiaiecola/> Acesso em: 03 mar. 2023.

60 Disponível em: <https://anabotafogomaison.com.br/como-cuidar-dos-seus-figurinos/#:~:text=D%C3%AA%20prefer%C3%AAncia%20por%20guardar%20seu,excesso%20de%20umidade%20do%20ar.> Acesso em: 20 fev. 2023.

A maioria dos trajes não possui uma capa de proteção, e quando a possui é apenas um quebra-galho para transporte. Durante a pesquisa, vimos, muitas vezes, os trajes serem transportados em sacos ou sacolas.

Comercialização de trajes usados

Nos períodos que antecedem as festas juninas, há uma intensa venda e aluguel de trajes juninos usados em redes sociais e *sites*. Muitas quadrilhas que não podem arcar com a criação e confecção de figurinos novos, optam por alugar ou comprar trajes seminovos disponibilizados por outras quadrilhas. Quadrilhas que vendem seus trajes de anos anteriores o fazem para arcar com os custos dos novos trajes. Anúncios, como o da figura 92, são facilmente encontrados no portal Facebook.com



Indumentária Junina - Venda, Compra e Aluguel

Público · 8 mil membros · 8 publicações por mês

O grupo é voltado para venda e compra de figurinos juninos, cenários, peças juninas e serviços.

Figura 92: Exemplo de comercialização de trajes em redes sociais. Fonte: https://www.facebook.com/groups/543788622385487/?locale=pt_BR

A partir do orçamento de uma quadrilha é que sabemos como serão seus trajes. Em conversas informais, ouvimos que os custos podem chegar a 8 mil reais (R\$ 8.000,00), valor dos trajes de um par de brincantes.

Os trajes dentro da coreografia

O traje de quadrilha é um coadjuvante dentro de uma apresentação. A importância do traje na coreografia começa nos ensaios, quando os brincantes, principalmente, as mulheres, usam trajes de ensaios, muitas vezes de quadrilhas de anos anteriores, sendo as anáguas os elementos mais vistos. A vida que o personagem tem dentro das quadrilhas nasce com o que ele veste, como ele se movimenta, como ele dança dentro de uma coreografia.

A interpretação do personagem de quadrilha, seja qual for seu papel na apresentação, vai brilhar mais ainda com a interação com seu traje, que vai ser manipulado e criará imagens através da coreografia. Um exemplo dessa interação se vê no momento, na apresentação das coreografias solos dos destaques, como casal de noivos, marcador e rainha. A apresentação de uma rainha é muito marcante, e aliada a um traje especialmente pensado e ensaiado numa coreografia única, sempre será destaque, como podemos ver nas figuras 93 e 94, com a *performance* coreografada de Gabrielly Lima, rainha da quadrilha cearense Cumpade Justino, em 2016.



Figuras 93 e 94: *Performance* de Gabrielly Lima (2016).
Fonte: <https://www.instagram.com/amantesdacumpade/>

Os trajes de Gabrielly seguem o padrão dos trajes de damas em que destacam-se os bordados, a anágua e a policromia. O vestido com mangas compridas pode representar um desconforto para a brincante, seja pelas condições climáticas nordestinas, seja pela *performance* que provoca muito calor com o aquecimento corporal nas coreografias.

Nas apresentações das quadrilhas infantis, segue-se o padrão das adultas quanto à composição delas com relação aos trajes e coreografias. Mas quando se alia a coreografia ao movimento dos trajes, criam-se cenas espetaculares, como na figura 95, numa apresentação da quadrilha cearense Amor

Junino, em 2019. Ainda que jovens, seus trajes seguem os padrões adultos das quadrilhas estilizadas, e que se repetem na maioria das quadrilhas infantis ou infantojuvenis.



Figura 95: Apresentação da quadrilha “Amor Junino” em Mossoró. Fonte: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/14087/>

Ressaltamos também a apresentação de Mara Alexandre, em 2018, como rainha da quadrilha Cumpade Justino, representando a personagem Iracema, criada pelo escritor cearense José de Alencar. Mara vestiu três trajes na apresentação da quadrilha: o primeiro, com cocar, sutiã feito com cocos, visto na figura 96, o segundo, o mesmo anterior com uma saia, e o último, saia e corpo segunda pele imitando uma pintura corporal indígena.



Figura 96: Rainha Mara Alexandre interpretando Iracema.
Fonte: Reprodução/Instagram - @maraalexandredanceoficial

A apresentação de quadrilhas juninas é um evento espetacularizado que acontece em espaços abertos, na maioria das vezes, como quadras em escolas e ginásios, ou numa cidade cenográfica como em Maracanaú, cidade da região metropolitana de Fortaleza, que construiu um quadrilhódromo para as apresentações. O Festival de Quadrilhas de Maracanaú é o maior festival do estado do Ceará.

A cenografia e os trajes nas quadrilhas

A cenografia engloba diversos elementos que fazem parte de uma encenação teatral e aqui no nosso objeto de estudo, observamos junto dos trajes, a iluminação e brincantes. Mas, o que é cenografia? Viana e Pereira (2021) concordam que figurino é cenografia. Eles explicam:

Cenografia, para ser literal, é grafia da cena, grafia do espaço da cena. Assim, expandindo o conceito de que cenografia é só cenário, vamos perceber que iluminação é cenografia. Ela interfere na cena, criando ambientes, sugerindo estados emocionais... muda as cores! Logo, é cenografia, como podem ser também a música, os adereços e os figurinos. (Viana; Pereira, 2021, p. 05)

Todo processo criativo numa quadrilha se inicia com a escolha do tema, que vai desencadear uma série de pesquisas a partir da sinopse, como Damasceno (2017) afirma:

É da sinopse que o figurinista retira a funcionalidade do figurino dentro do espetáculo, o qual precisa estar em sintonia com todas as áreas da quadrilha, projetista, coreógrafo e ce-

nógrafo para criar um figurino que fortaleça o espetáculo e os movimentos coreográficos. (Damasceno, 2017, p. 32)

Nas memórias que temos das quadrilhas, enquanto dança de salão, não tínhamos casamentos nas primeiras encenações, nem apresentação de destaques, onde vemos composições cenográficas nas apresentações. Havia apenas os salões de festas decorados para tais, e se tratarmos as decorações destes como cenografia, eram estas as primeiras. A espetacularização marca a mudança das quadrilhas, iniciando pela apresentação delas em que vemos, muitas vezes, um cenário como uma parede, seja de tecido ou madeira pintada, visto na figura 97, cenário do casamento junino da quadrilha Arriba Saia, em 2022.



Figura 97: Paineis de madeira pintada do cenário da quadrilha “Arriba Saia” (2022).
Fonte: Reprodução/Instagram - @aac.arribasaia

Temos, ainda, a técnica de sublimação em painéis, na qual é impressa uma imagem em um tecido sintético ou uma lona, sendo possível a fabricação de grandes quadros, como vemos na figura 98, no painel de abertura da quadrilha cearense Renascer, em 2022.



Figura 98: Painel de abertura da quadrilha “Renascer” (2022).
Fonte: Reprodução/Instagram - @quadrilharenascer_ceara

Com a introdução do casamento junino, começamos a observar cenas teatralizadas, como na apresentação do tema, do casal de noivos e rainhas, passando a ser visto o trabalho de cenografia nas quadrilhas, algumas vezes, discretamente, e outras vezes, com produções engenhosas na apresentação dos destaques, utilizando-se mecanismos como as gruas para elevar os destaques.

Harding Benício, brincante e um dos diretores da quadrilha Junina Babaçu, em depoimento ao autor, revela o trabalho de cenografia nas quadrilhas:

Nós dividimos a quadrilha em setores, onde cada um é responsável por alguma área. Dentro disso, temos, por exemplo: roteiro, criação, regional, figurino, cenário, financeiro e por aí vai. Cada uma delas possui um responsável, podendo uma pessoa ser responsável por mais de um. Todos os setores conversam entre si, mas tendo como ponto de partida a equipe de roteiro/criação. Esse ano (2023), por exemplo, contamos com arquitetos que participam do grupo nessa equipe de cenário. A gente da criação/roteiro passa o que pensamos para eles e a partir daí, em conjunto, construímos a cenografia. (em depoimento ao autor)

No teatro, o diálogo entre os cenógrafos e figurinistas faz parte do processo de construção de um espetáculo, essa interação entre figurinos e cenário pode ser vista na figura 99, na encenação do tema da quadrilha Ceará Junino, em 2022.



Figura 99: Apresentação da quadrilha “Ceará Junino” (2022).
Fonte: Reprodução/Instagram - @cearajunino

Nas quadrilhas, se há alguma ligação dos figurinos com o cenário eles dialogam, como explica o figurinista Felipe D’Tasso:

Eu já fiz um figurino que era totalmente ligado à cenografia. Foi do grupo Gente da Terra, de Fortaleza, em 2014, onde os babados das meninas saíam aplicados por pressão e no momento da rainha, o cenário do passo da rainha eram babados, os meninos montavam obstáculos com os babados que saíam para a rainha girar. Nesse caso, é bom conversar com a equipe de cenários. Caso não tenha nenhuma ligação, não. É muito relativo. (em depoimento ao autor)

O figurinista Irê Rocha afirmou, em depoimento ao autor, que idealiza e sugere alguns cenários quando cria um projeto de figurinos, e que os trajes conversam com a cenografia. “Em 2006, idealizei o leque da entrada da quadrilha Junina Babaçu e, em 2006, criei o túnel do coração da entrada da quadrilha” (Irê Rocha, em depoimento ao autor). Para Rui Maia, podem existir momentos em que a quadrilha interage com o cenário e tudo precisa estar claro quanto ao tamanho e movimento. Maia complementa: “Muitas vezes, a quadrilha usa adereços e para que aconteça o movimento desejado, o figurino não pode atrapalhar, seja para pular, rodar ou levantar” (Rui Maia, em depoimento ao autor).

Um detalhe chama atenção com relação à cenografia nos festivais de quadrilhas: a construção de cidades cenográficas em espaços gastronômicos e de diversão. Lá, são abrigadas barracas de comidas típicas e os parquinhos de diversão.

A história da indumentária e da moda e os trajes de quadrilhas

A história da indumentária e da moda nos traz subsídios para que possamos entender, em muitos casos, a dinâmica e efemeridade das variações do vestir das quadrilhas juninas de nosso tempo, que são um reflexo dos costumes. Autores como James Laver, Carl Kohler, François Boucher e João Braga, produziram um legado em seus livros que nos ajudam a enxergar os muitos reflexos dessa história nos tipos de trajes nas quadrilhas contemporâneas. As quadrilhas juninas mostram-se engajadas na moda ao apresentarem em seus trajes mudanças que refletem o tempo presente, além de resgatarem outros costumes.

A maioria das discussões que vemos a respeito dos trajes de quadrilhas estilizados e não estilizados versa sobre a descaracterização. Ao fazermos uma pesquisa sobre o tema, refletimos como a moda sempre influenciou os trajes de seu tempo em diferentes partes do mundo, no caso, a francesa na moda feminina e a inglesa na moda masculina. Chegamos a um questionamento: Mas quais são suas raízes e influências da moda desde que a dança de quadrilha chegou ao Brasil? Há sempre discussões sobre o estilo de determinadas quadrilhas e até como elas ditam moda em seus estados, influenciando outras regiões. Neste capítulo, fazemos um pequeno recorte histórico de como alguns trajes evoluíram e ainda continuam presentes nos figurinos das quadrilhas.

Analisando a história da moda e os estilos no século XIX, encontramos algumas características do que vemos hoje nos trajes de quadrilha e nas tradições populares no estilo das roupas juninas que se tornaram “moda” e desenvolveram um estilo próprio. Sobre estilo e moda, Braga (2014) contextualiza:

Entende-se, desta forma, que o conceito da palavra estilo está diretamente associado a questões subjetivas, pessoais, genuínas; então, pode-se compreender uma primeira forma do uso e aplicação da palavra estilo: o estilo pessoal ou do artista. Trata-se de uma visão de mundo própria e como isso será transformado em materialização de algo. Esta interpretação pessoal de mundo, ao ser conhecida e aceita por um número maior de pessoas, está fadada a se tornar o estilo de época, ou seja, algo que vai datar o tempo e tornar-se identidade material, identidade estética e, por extensão, identidade cultural de determinado intervalo de tempo, de um povo específico ou até mesmo de uma maneira mais ampla, tornando-se referência cultural específica. No momento em que houve a aceitação pública de algo pessoal, significa que este algo se tornou coletivo e, portanto, moda. (Braga, 2014, p. 36)

Historicamente, os trajes femininos foram os que sofreram mais alterações na história da moda desde que as danças de quadrilhas foram trazidas ao Brasil pela Família Real Portuguesa, em 1808. A moda naquele período era chamada moda-império, ou mesmo estilo-império, influenciada pela corte francesa napoleônica, sendo seu grande destaque, a imperatriz Josefina (1763-1814), vista na figura 100. Podemos concluir que os primeiros trajes usados nas danças de quadrilha no Brasil seguiam esse estilo e moda, e eram muito mais adequados ao clima tropical do que ao clima europeu, pois sabe-se que esses trajes deixavam os corpos femininos muito expostos pelo uso de tecidos diáfanos finos, como a musselina. Sobre o vestido Império, Stevenson (2012) explica:

Embora tenha ficado conhecido como vestido Império, o vestido de cintura alta e corte reto surgiu nos tempos pré-revolucionários: Maria Antonieta foi a primeira a apreciar o vestido de musselina branca em forma de T - como alternativa ao vestido de corte estruturado e limitador -, para relaxar com os filhos em seu refúgio, o *Petit Trianon*, nos jardins de Versalhes. (Stevenson, 2012, p. 14)

Os vestidos de Josefina caíam do busto de forma fluida, imitando a toga, sustentado por presilhas dos mais suntuosos materiais (Stevenson, 2012, p. 16). Na figura 100, vemos Josefina trajada com um vestido branco estilo-império.



Figura 100: Josefina Bonaparte. Fonte: <https://www.historyofroyalwomen.com/josephine-de-beauharnais/the-bonaparte-women-josephine-de-beauharnais-part-one/>

Josefina foi uma rainha da moda no seu tempo e influenciava toda a Europa. Seus vestidos, com inspiração greco-romana, acabaram sendo copiados em todas as outras cortes, incluindo a corte portuguesa, que fugiu para o Brasil. Nos trajes franceses, os veludos sobrepujaram as cambraias e musselinas depois de 1808. Segundo Boucher:

O traje feminino permanece fiel ao vestido de cintura alta, amplamente decotado em quadrado com mangas curtas chamadas alças (porque substituem as do vestido). Em 1808-1809, começa-se a usar tecidos pesados, cetim e veludo. (Boucher, 2010, p. 235)

Na figura 101, podemos observar casais ingleses dançando a quadrilha e mulheres vestidas à moda-império em 1818. Os vestidos eram muito diáfanos em seda e musseline, deixando os corpos femininos expostos ao frio, trazendo o uso de luvas compridas que protegiam os braços.



Figura 101: Casais ingleses dançando quadrilha (1818). Fonte: <https://world4.eu/first-quadrille/>

Não temos registros significativos que mostram os bailes na corte portuguesa no Rio, onde eram dançadas as quadrilhas, mas podemos concluir que as mulheres se vestiam como a imperatriz francesa, ou mesmo à moda da corte portuguesa. Enquanto a cor branca predominava na corte francesa, influência do Neoclassicismo⁶¹ e de Napoleão Bonaparte (1769-1821). No Brasil,

61 O Neoclassicismo (novo classicismo) representa um movimento artístico e cultural que envolveu a literatura, a pintura, a escultura e a arquitetura. Surgiu no século XVIII, na Europa, se espalhando pelo mundo, permanecendo até meados do século XIX. Recebe esse nome uma vez que esteve baseado nos ideais clássicos. Trata-se de um movimento de oposição aos exageros, rebuscamento e complexidades do Barroco. Ele surge após a Revolução Francesa (1789), o início da Revolução Industrial e no contexto do Iluminismo, chamado de “Era da Razão”.

supõe-se que essa moda não foi seguida à risca ao observarmos o retrato dos reis Dom João VI (1767-1826) e Dona Carlota Joaquina (1775-1830). A rainha está vestida à moda-império, vista na figura 102. Os retratos dos nobres registraram a moda da época, em que vemos a rainha Carlota Joaquina vestida à moda-império e Dom João VI em traje militar com bordados dourados e faixa real. Retratos ajudam a contar a história da moda. No Brasil, esses registros se acentuaram com a vinda da Família Real Portuguesa e, posteriormente, com a missão francesa⁶².

62 Ficou conhecida como Missão Artística Francesa e a vinda de artistas franceses para o território antes da independência, no início do século XIX, com o objetivo de iniciar uma formação acadêmica em belas artes. O contexto foi marcado pela chegada da Família Real ao Rio de Janeiro e, com isso, um rol de transformações passaram a ocorrer para adequar a cidade à chegada da corte. Então, dentre estes incentivos civilizatórios, tem-se a chegada da missão artística francesa.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/missao-artistica-francesa/>
Acesso em: 11 mar. 2023.



Figura 102: Dom João VI e Dona Carlota Joaquina. Fonte: <https://mhn.museus.gov.br/index.php/o-retrato-do-rei-dom-joao-vi-e-a-nova-exposicao-do-mhn/>

Outro fator importante desse período foi a abertura dos portos em 28 de janeiro de 1808 aos povos, que possibilitou a importação de muitos produtos, entre eles, tecidos e artigos de moda⁶³.

Quando o estilo império saiu de moda, os vestidos com cintura marcada voltaram, sendo essencial o uso novamente de espartilhos e anáguas que perduraram por todo o século XIX e que depois se tornaram uma referência nas quadrilhas estilizadas.

No retrato do casamento de Dom Pedro I (1798-1834) e Dona Amélia de Leuchtenberg (1812-1873), visto na figura 103, observamos que a noiva usa um vestido de estilo romântico, com a cintura marcada. Stevenson (2012, p. 21) pondera que na volta do espartilho se acentuava seu efeito com a saia mais ampla e os ombros mais largos. As mangas deixaram de ser ajustadas para dar impressão de um físico diminuto e o corpete passou a ser acolchoado.

63 O dia 28 de janeiro de 1808 viu essa realidade ser alterada por meio de um decreto real que realizou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas de Portugal. O decreto de D. João VI dizia que poderiam ser importadas mercadorias trazidas por embarcações de países que mantivessem a paz e a harmonia com Portugal. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/abertura-dos-portos.htm> Acesso em: 11 mar. 2023.



Figura 103: Casamento de Dom Pedro I e Dona Amélia. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1188/casamento-de-d-pedro-e-d-amelia>

Vestidos brancos no período império foram muito comuns. Mas uma moda vai se estabelecer na primeira metade do século XIX: casar-se de branco. Nem sempre foi moda. É uma tradição que surgiu na Inglaterra e foi marcante a partir do casamento da rainha Vitória (1819-1901), em 1837, visto na figura 104, onde Vitória foi pintada por George Hayter trajando seu famoso vestido branco.



Figura 104: Rainha Vitória trajando branco em seu casamento. Fonte: <https://www.historytoday.com/archive/months-past/queen-victoria%E2%80%99s-wedding>

Há relatos anteriores, registros históricos, que falam das tradições das cores dos vestidos e suas controvérsias. Do Prado e Da Luz Leal esclarecem:

Nesse hiato, eventualmente, há controvérsias entre os historiadores sobre quando as noivas começaram a usar branco. Algumas leituras atribuem à rainha da Escócia, Mary Stuart, no século XVI, o título de pioneira, outros, à rainha Maria de Médici, da França, no século XVII. O fato é que o vestido branco realmente se popularizou após a rainha Vitória, da Inglaterra, no século XIX, desfilando um modelo de renda feito à mão. Em resumo, ela foi a primeira nobre a se casar por amor, o que deixa a história ainda mais interessante, e também lançou a moda do véu e do buquê de flores brancas miúdas. (Do Prado, S. M. M., & Leal, M. da L., 2022, p. 18)

Mas, há relatos históricos mais antigos, como afirma Gonçalves (2017):

Os relatos históricos mais antigos sobre a origem do vestido de noiva têm origem na Grécia Clássica onde a noiva usava um véu que lhe cobria a cara para a proteger da inveja e do mau olhado. Contudo, foram os romanos civi-

lizados que começaram a criar trajes novos e diferenciados para a cerimônia do casamento. As noivas vestiam-se com luxuosos vestidos coloridos, de forma a mostrar à sociedade que as suas famílias tinham um alto poder aquisitivo. Já na Idade Média, o vestido de noiva era bastante bordado, também com a finalidade de exibir a riqueza da família. O vermelho era a cor predominante, uma vez que representava a capacidade de gerar sangue novo. Posteriormente, também na Idade Média, o verde passou a predominar, simbolizando fertilidade. (Gonçalves, 2017, p. 38)

Com o passar de quase dois séculos, o branco estabeleceu-se como cor dominante nos vestidos de noivas, mas não nas últimas décadas nas quadrilhas juninas, quando surgiram noivas que fugiram desse padrão, pois os temas de suas quadrilhas permitiram.

No Brasil, temos um hiato de imagens no século XIX, de bailes e festas que mostrassem as danças da época, pois sabemos que a quadrilha foi dança presente na corte até a Proclamação da República. Registros, como o segundo casamento de Dom Pedro I, servem para termos ideia de como a moda já tinha mudado em 1829, ano do casamento. Vemos os trajes femininos já com cintura marcada, bem diferente da época do primeiro casamento, e isso nos relaciona com os vestidos das quadrilhas atuais em que a cintura é bem marcada e os corpos são espartilhados.

Os vestidos no século XIX seguiram o padrão cintura marcada, uso de espartilho e anáguas, elementos bem marcantes nas roupas das brincantes de quadrilhas no século XXI.

No fim do século XVIII, jovens adotaram o estilo extravagante chamado de *macaroni*. Barbara Cox *et al.*, (2013) explicam:

As marcas de um verdadeiro *macaroni* eram os modos teatrais, voz esganiçada, calça curta branca, casaco ajustado, colete decorado com rendas ou botões extravagantes, monóculo e cabelo muito, muito grande. (Barbara Cox *et al.*, 2013, p. 135)

Nos trajés dos *macaronis*, encontramos algumas semelhanças nos trajés das quadrilhas estilizadas contemporâneas, como colete bordado, calças justas e calções-bermudas com uso de meias e ternos que se assemelham às sobrecasacas, que podemos observar na figura 105.



Figura 105: Estilo *macaroni*. Fonte: <https://nationalviews.com/macaronis-to-mohawks-mens-fashion-history-politics>

No fim do século XVIII, a moda tornou-se política na França e todos os exageros, até então, passaram a ser malvistas, incluindo o uso de perucas. Com Napoleão no poder, a moda francesa volta a ter seu *status* influenciado pelo Neoclassicismo. Os bordados nos uniformes de Bonaparte tornaram-se moda. Com o surgimento do terno e o abandono da sobrecasaca, veremos que no século XIX, os ternos não combinavam com as calças. Podemos fazer uma comparação dos trajes dos *macaronis* com os trajes do brincante Silvio Fillipi, par da rainha da quadrilha Junina Babaçu, em 2019, visto na figura 106.



Figura 106: Brincante Silvio Fillipi e seu traje. Fonte: Reprodução/Instagram - @silvio_fillipi

Nos trajes masculinos do século XIX, não se observam grandes alterações. Influenciados pelo estilo dândi⁶⁴ inglês, os homens europeus adotaram a moda inglesa. Por volta de 1850, notamos que o estilo dos cavalheiros iria ser bem marcante e com poucas modificações, visto na figura 107.



Figura 107: Cavalheiros na década de 1850. Fonte: <https://libmma.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15324coll12/id/6926>

Os cavalheiros abonados trajavam-se com camisa de linho, casaco escuro, colete e calções justos ou calças justas até o tornozelo (Stevenson, 2012, p. 26), considerado simples, se comparado ao estilo

64 Aquele que se veste elegante e requintadamente. Janota; quem se veste ou tem um comportamento afetado e excessivamente delicado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dandi/> Acesso em: 22 fev. 2023.

macaroni, popular no século XVIII. O uso de cartola era obrigatório e remete ao uso de chapéu dentro da quadrilha junina no século XXI.

No século XIX, o vestuário de um baile na corte francesa de Napoleão III em que dançava-se a quadrilha, era símbolo da época e influenciou todo um modo de vestir das outras cortes, ainda que na brasileira reinasse Dom Pedro II e sua esposa Dona Teresa Cristina, adeptos de uma certa simplicidade no vestir, mas não deselegantes.

O volume das saias com anáguas em voga nos bailes na segunda metade do século XIX, chamava atenção, visto na figura 108. Eram os chamados vestidos “*bouffant*” (bufantes) com saias largas. Mais uma vez, pudemos ver semelhanças com os trajes das quadrilhas atuais, com cintura bem marcada, ombros de fora, mangas bufantes e anáguas fartas com as crinolinas. No vestuário masculino, a descrição e falta de ostentação primava, pois os exageros ficaram no passado e a ordem era vestirem-se à moda britânica, menos exagerada.



Figura 108: Dança de quadrilha na corte francesa de Napoleão III.
Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Gustave-Janet.html>

A moda pode gerar um equívoco em pensar que todas as mudanças ou as mais importantes recaiam somente sobre o vestuário feminino. As mudanças nos trajes masculinos não eram tão grandes como nos femininos até a segunda metade do século XX.

Pesquisando imagens do fim do século XIX, encontramos uma relação surpreendente da dança *cancan* com as quadrilhas juninas. O *cancan*⁶⁵ popularizou-se no bairro de *Montmartre*, em Paris, ficando famoso no Cabaré do *Moulin Rouge*.

Analisando a figura 109, na qual vemos bailarinas trajadas para dançar o *cancan*, chamam atenção os corpetes, as anáguas e as ceroulas (peças íntimas femininas/calcinhas) que ainda são usadas pelas quadrilhas de hoje. As ceroulas tornaram-se um elemento muito comum nos trajes femininos de quadrilha, sendo ainda bastante usadas para não expor as partes íntimas das brincantes.



Figura 109: Bailarinas dançando o *cancan*. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/gonzalez-alba/6491194641>

65 O *cancan* é uma mistura da polca e da quadrilha e foi dançado pela primeira vez em 1822. Durante alguns anos, foi declarado ilegal, por ser considerado imoral e indecente, sendo então proibido pela polícia. O *cancan* é caracterizado principalmente por passos firmes e saltitantes, chutando alto e fortemente a perna. Disponível em: http://escrita.com.br/escrita/leitura.asp?Texto_ID=10889. Acesso em: 29 nov. 2023.

As anáguas volumosas começam a desaparecer com a chegada da *Belle Époque*, assim como Paul Poiret⁶⁶ vai libertar a mulher do espartilho. Quase meio século depois, após o fim da Segunda Grande Guerra, em 1947, vemos na França, o surgimento de uma nova moda marcada pela estética de Christian Dior, em que observamos saias rodadas, anáguas e uso de muitos tecidos em sua confecção, cintura marcada e fina com uso de espartilho, chamada cintura vespa, o que mais uma vez nos faz comparar aos tempos atuais com relação à estética dos trajes femininos de quadrilhas. Dior vai popularizar os vestidos florais, mais uma semelhança com a estética junina. Na figura 110, podemos verificar algumas características dos vestidos criados por Dior.



Figura 110: Vestidos criados por Christian Dior. Fonte: <https://www.portalin.com.br/notas/exposicao-historica-da-dior-ganha-documentario-online-disponivel-gratuitamente/>

66 Paul Poiret, (nascido em 20 de abril de 1879, Paris, França - falecido em 30 de abril de 1944, Paris), costureiro francês, o estilista mais elegante da Paris pré-Primeira Guerra Mundial. Poiret foi particularmente conhecido por seus estilos neoclássico e orientalista, por defender a substituição do espartilho pelo sutiã, e para a introdução da saia justa nas pernas, um estilo vertical de fundo apertado que confinava as mulheres a passos minuciosos. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Paul-Poiret>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Após a Segunda Guerra, a fabricação de roupas em série chamada de *prêt-à-porter* pelos franceses e *ready-to-wear* pelos americanos, prontos para vestir em ambas as línguas, vai modificar o sistema de moda no qual as roupas eram ainda confeccionadas em costureiros e costureiras, que as faziam sob medida, seja nas casas de alta-costura, seja nas modistas pequenas. Foi adequando, portanto, que a silhueta desenvolvida por Dior para sua coleção de 1947, que se tornou conhecida como *New Look* (Novo Visual), tenha encontrado eco numa das modas mais características dos anos 1950: o vestido floral (Stevenson, 2012, p. 152). Os vestidos com aplicações de flores, laços e fitas, tão populares nos anos chamados dourados, vão ser revisados hoje pelas quadrilhas estilizadas.

A presença de flores aplicadas e bordadas é praxe na construção dos vestidos de quadrilha. Laços são também bem comuns. A cintura sempre é marcada. A estética criada por Dior, que ditou um padrão, pode ser vista nos trajes femininos de quadrilhas, além das características já citadas pelo uso de tecidos nobres, que são adequados aos climas europeus e não aos brasileiros, como o veludo, mas que nem por isso deixaram de ser utilizados.

A alta-costura⁶⁷ em que Dior está inserido dita até hoje as regras da moda. Encontramos nas coleções de alta-costura muitos modelos que servem de inspiração para trajes de quadrilha. Na

67 O que caracteriza a alta-costura é a moda exclusiva, feita à mão, com materiais de altíssima qualidade. Quem define o que é e o que não é *couture* é a Federação da Alta-Costura e da Moda (antiga *Chambre Syndicale de la Haute Couture*), que revê o grupo de marcas, anualmente. O termo é legalmente protegido e controlado e só pode ser usado pelas casas que receberam essa designação pelo ministro da Indústria na França. Há regras rígidas, como ter um ateliê em Paris, empregar ao menos um *staff* em tempo integral de 15 pessoas, fazer as peças sob encomenda com ao menos uma prova de roupa e apresentar suas coleções publicamente duas vezes por ano, com ao menos 35 *looks* para dia e noite. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/alta-costura-o-que-e-quanto-custa-quem-faz-e-quem-compra-2/> Acesso em: 15 mar. 2023.

figura 111, observamos modelos de alta-costura em 2022, da marca italiana *Dolce & Gabbana*, em que vemos também elementos comuns nos trajes juninos, como flores, cintura marcada e aplicação de flores.



Figura 111: Modelos de alta-costura de Dolce & Gabbana. Fonte: <https://voguemagazine.com.br/desfiles-moda/noticia/2022/07/dolce-gabbana-alta-costura-inverno-2023.html>

Podemos concluir que muitos figurinistas de quadrilhas pesquisam em coleções de alta-costura e *prêt-à-porter* inspirações que podem fazer a diferença nos trajes. Há uma facilidade para pesquisas em *sites* e páginas virtuais. O trabalho de um figurinista de quadrilhas assemelha-se ao exercício de um costureiro de alta-costura, como ressalta Boucher (2010):

Na elaboração de um modelo, o costureiro concebe linhas e proporções, e as realiza com a modelista e o desenhista, a primeira traduzindo as ideias do costureiro e transpondo o desenho num esboço vivo, o segundo executando, de acordo com este último, os respectivos croquis. Os modelos são, em seguida, apresentados por ocasião das coleções atuais. (Boucher, 2010, p. 406)

Nem todos os costureiros sabem desenhar e, por isso, precisam de desenhistas, encontramos alguns casos assim em quadrilhas. É sempre necessário alguém que concretize as ideias em desenhos.

Com a facilidade de acesso aos meios virtuais, a pesquisa, hoje, tornou-se acessível para todos. Um estilo que chamou atenção nas pesquisas virtuais deste trabalho foram as quadrilhas, categoria salão, no Rio de Janeiro, observamos representações que misturam influências históricas na silhueta com anáguas e influências contemporâneas com técnicas de acabamentos e bordados, além do espírito carnavalesco, como vemos na figura 112, em que se destaca o volume da saia com anágua crinolina.



Figura 112: Trajes de quadrilhas, categoria salão, no Rio de Janeiro. Fonte: <https://www.facebook.com/juninasculturaldobrasil/photos/a.406441959849702/449686445525253/?type=3>

A moda atual é uma grande fonte de pesquisa para figurinistas, e ao compararmos os trajes de quadrilhas com as coleções de alta-costura desfiladas nas semanas de moda pelo mundo, vemos que ambas são fruto de uma pesquisa e buscam referências também em períodos históricos determinados, de acordo com o tema trabalhado, assim como fazem as quadrilhas.

Se quisermos confeccionar uma anágua e não temos ideia de como executá-la, há muitos meios para fazê-la procurando em canais ou em plataformas como *YouTube* e páginas virtuais de confecção de anáguas.

As anáguas são elementos quase obrigatórios nos trajes femininos na atualidade, feitas agora mais leves, sua importância surge em diversos momentos na história da moda. As anáguas são um dos itens importantes não só nos trajes das quadrilhas estilizadas, mas ajudam a compor os movimentos e coreografias

das damas. Vemos na figura 113, diversos modelos e tamanhos de anáguas encontradas no *site* popular de pesquisa, o *Pinterest*⁶⁸.



Figura 113: Modelos de anáguas. Fonte: <https://cz.pinterest.com/pin/681802831068588922/>

68 O *Pinterest* é uma rede social que funciona como um quadro de inspirações no qual os usuários podem publicar, pesquisar e salvar imagens de referência sobre temas de interesse, organizando-as em pastas. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/o-que-e-pinterest/> Acesso em: 14 mar. 2023.

Desde o século XVI, as roupas ganharam camadas e volumes e a moda tem sido usada para impressionar, adquirindo grande importância, criando regras e modismos, como vemos nos trajes das quadrilhas juninas e não muito diferente das passarelas.

Ao longo da história, surgiram diversos tipos de anáguas que serviram de modelo para muitas quadrilhas estilizadas séculos depois. Segundo Fogg (2013, p. 55), a *farthingale* foi o primeiro aparato feito para ampliar a largura da saia feminina, usado pela primeira vez na Espanha pela princesa Joana de Portugal, mas ficou muito famoso com a rainha inglesa Elizabeth I. Na Espanha eram chamadas de verdugadas, na França, *vertugadin*, e na Inglaterra, *farthingales*⁶⁹. Segundo Boucher (2010), o verdugado é uma saia enrijecida pelas armações feitas com galhos flexíveis de um arbusto chamado verdugo, e não foi usado pelo povo (Boucher, 2010, p. 187). Os *farthingales* ingleses, segundo Fogg (2013), consistiam em uma saia interna distendida por arcos de arame, madeira ou caules de salgueiro torcidos, que podiam ser substituídos por barbatana de baleias (Fogg, 2013, p. 55), conforme observa-se na *farthingale* datada de cerca de 1500, na indumentária de Elizabeth I, figura 114.

69 A tradução livre de *farthingale* é gaiola de peidos.



Figura 114: A armação *farthingale* na saia da rainha Elizabeth I. Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Elizabeth-I>

No fim do século XVIII, as anáguas vão novamente se destacar, exageradamente, com o uso dos *panniers*. Segundo Barbara Cox *et al.*, (2013, p. 22):

Duzentos anos após a verdugada sair de cena, os aros retornaram à moda, mas dessa vez, a característica mais importante foi a largura. Os *panniers*, palavra francesa para “cesta”, originaram-se na Espanha, mas encontraram sua versão mais extravagante na corte francesa de Versalhes, nos últimos anos do reinado de Luís XVI.

Os *panniers* eram feitos com anáguas em camadas de tecido enrijecido, estruturadas com duas fileiras de barbatanas de baleia ou varas de vime e amarradas com fitas (Barbara Cox *et al.*, 2013, p. 22). Os *panniers* provocaram muitas críticas aos volumes das saias, e são marcantes os usados pela rainha francesa Maria Antonieta, como podemos observar na figura 115. Nota-se pelo seu tamanho e largura que deveria ocasionar muito desconforto, algo bastante comum nos trajes femininos de quadrilhas estilizadas.



Figura 115: Maria Antonieta usando uma saia com *pannier*. Fonte: <https://histoire-image.org/etudes/marie-antoinette-mal-aimee>

Com a morte da rainha francesa, a indumentária francesa tornou-se simples com a negação das extravagâncias anteriores, até a rainha inglesa, Vitória, subir ao trono e popularizar a moda novamente de saias armadas com a chamada crinolina, que sucedeu as primeiras anáguas estruturadas após as primeiras décadas do século XIX, marcadas pela simplicidade e ausência de anáguas. Essa mudança nos faz refletir como os trajes de quadrilha também mudaram após o desprezo pelas quadrilhas no fim do século XIX, quando se tornaram simplórios. Barbara Cox *et al.*, (2013, p. 26) esclarecem:

Originalmente, a crinolina é um saioite rígido feito de crina de cavalo e linho (*crin e lin*, em francês). Conforme o tempo passava, mais e mais anáguas eram usadas para preencher a saia, até que seis foram consideradas imprescindíveis.

A crinolina ficou famosa como uma estrutura em forma de gaiola, mais leve e livre dos estofamentos de crina, após 1850. Embora ainda se chamasse crinolina, essa versão em forma de gaiola era na verdade uma saia esticada sobre uma série de arcos de aço flexível, ligados com rendas e fitas (Barbara Cox *et al.*, 2013, p. 26). A crinolina recebeu muitas críticas e foi satirizada pelas publicações francesas em 1850, como vemos na figura 116.



Figura 116: Ilustração humorística da moda das crinolinas. Fonte: <https://blog.bibliotheque.inha.fr/fr/posts/couple-labrouste.html>

A crinolina saiu de moda quando o volume das anáguas se deslocou dos lados para a parte de trás. A meia crinolina, também chamada de *crinolinette*, era uma anágua reta na frente e ainda arqueada atrás, por vezes, com uma série de almofadas de crina logo abaixo da cintura para sustentar a saia (Stevenson, 2012, p. 66).

As *crinolinettes* transformaram-se em anquinhas a partir de 1870. As mulheres passaram a ser espremidas em saias estreitas com um volume enorme na parte posterior (Barbara Cox *et al.*, 2013, p. 32).

As formas e volumes no vestuário feminino variaram bastante de acordo com as modas que foram sendo inseridas e modificadas. Com a chegada do século XX, o uso de anáguas foi declinando, só ressurgindo após a Segunda Guerra quando Christian Dior, costureiro francês, propõe uma nova moda em que um vestido de dia podia ter 15 metros e um de noite 25 metros (Stevenson, 2012, p. 148), com uma anágua bem relevante. Ele traz uma moda com uma influência marcante do estilo vitoriano, na qual o enchimento das saias e uso de corpetes influenciarão toda uma época e novamente vão reverberar nos trajes femininos de quadrilhas do século XXI, como podemos observar no traje da noiva da quadrilha Império Nordestino, na figura 117.



Figura 117: Noivos da quadrilha “Império Nordestino”.
Fonte: Reprodução/Instagram - @qimperio_nordestino

Se na moda o uso da anágua declinou, na composição das quadrilhas brasileiras ela tornou-se tendência nas últimas três décadas. As anáguas, hoje, fazem parte da moda, que não se resume a uma só tendência, mas a várias. Podemos ver as anáguas em danças de salão, em tribos urbanas como lolitas, e em quadrilhas juninas, conforme observamos nos trajes dos noivos da quadrilha cearense Império Nordestino, em 2019.

Nos sapatos das quadrilhas juninas estilizadas, tanto femininos quanto masculinos, vemos reflexos dos calçados luxuosos das cortes no século XVIII, encontrando eco na afirmação de Cox (2013):

A última moda em sapatos no século XVIII, para homens e mulheres, ditava que fossem requintados, coloridos e chamativos. Os mais chiques eram feitos de tecido brocado, cetim e adamascado em vez de couro e confeccionados para acompanhar uma roupa em especial, provavelmente de tecido igual, em cores do mesmo tom ou contrastantes. (Cox, 2013, p. 72)

Na figura 118, vemos a imagem de um requintado sapato feminino do século XVIII, confeccionado em seda brocada.



Figura 118: Sapato feminino do século XVIII. Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/168373>

Em algumas épocas, os sapatos eram tidos como um fetiche e mostrá-los nem sempre era possível, mas quando vistos eram utilizados para seduzir. Diferente dos séculos passados, nas quadrilhas eles devem ser requintados e vistos, precisando estar em harmonia com a caracterização tanto da dama quanto do cavalheiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa nasceu do desejo de investigar um tema nordestino que fizesse parte do meu universo de artista-figurinista e professor de cursos de *design* de moda no Ceará. O Ceará possui o maior círculo de políticas públicas ligadas ao patrimônio público e imaterial no Nordeste.

O advento da pandemia de covid-19 no Brasil, em 2020, que poderia levar uma limitação ao trabalho de pesquisa de campo, trouxe uma nova perspectiva: ele tornou-se, em parte, virtual. As quadrilhas e entidades representativas (federações) tiveram suas atividades suspensas e se reinventaram, criando uma série de eventos em redes sociais, como bate-papos, cursos e encontros, onde foram coletadas informações preciosas para concretizar os objetivos desta pesquisa. As entrevistas iniciaram-se em abril de 2020, através do programa *Google Meet*. Nessa mesma plataforma, participei de quatro cursos de formação de jurados juninos, em que pude coletar um universo de informações.

Através da pesquisa bibliográfica, iniciada antes da pesquisa de campo, busquei trabalhos de conclusão, dissertações, teses e artigos que dialogassem com os objetivos desta pesquisa. Nos estudos de Luciana Chianca, encontramos importantes direcionamentos sobre tradição e transformações que as quadrilhas sofreram nos últimos 200 anos.

Entrevistando dezenas de profissionais, muitas vezes, informalmente, devido aos períodos em que não podíamos sair de nossas casas, e participando de cursos e eventos *on-line*, fui me

familiarizando com o universo junino, que de fato, é grandioso no número e atividades envolvidas, além das discussões sobre tradicionalidade, modernidade e descaracterização.

Ao documentar o processo de desenvolvimento de trajes das quadrilhas juninas tradicionais e estilizadas no Ceará, foi possível entender como o universo criativo dos trajes de quadrilhas é uma realidade construída com muita pesquisa e busca de diferenciação em festivais competitivos. A pesquisa mostrou que o universo junino é uma cadeia criativa e produtiva econômica, de proporções espetaculares e carnavalescas.

Foi traçado um breve roteiro histórico das primeiras festas que deram origens às quadrilhas e seus significados. Por mais que se discuta a descaracterização da festa, acredito que ela evolui e mantém as raízes vinculadas aos bailes da corte portuguesa que trouxe a dança para o Brasil.

Muita coisa mudou, é verdade, e talvez um dos maiores exemplos disso seja a participação de componentes do movimento LGBTQI+ formando casais de brincantes e também nas equipes de trabalho, em detrimento aos casais heteronormativos nas quadrilhas. Pude presenciar, no entanto, diversas manifestações transfóbicas contra brincantes que não eram heteronormativos.

A festa não é mais uma celebração campesina ou apenas uma festa de casamento, ou mesmo um baile na corte. Transformou-se em uma competição na qual temos uma grande questão econômica: é preciso pagar para participar dessa festa. Os trajes representam o gasto principal e seu

elevado custo faz com que muitos brincantes não tenham condições de participar da atividade, o que pode mesmo causar seu desligamento dos grupos juninos.

Nos cursos de formação de jurados juninos, acontecem não só discussões sobre o movimento junino, mas também se analisam as falhas que acontecem nestes cursos. O processo todo revela, como pude constatar, que ainda são necessárias algumas mudanças nas avaliações e comprometimento dos jurados com a lisura. Faltam conhecimentos sobre os trajes e não constatei muito interesse em discutir as transformações do vestuário junino, visto que um jurado julga vários pontos das quadrilhas. Receber um descritivo, um roteiro sobre o que vai ser julgado deveria ser uma obrigatoriedade, mas mesmo quando a informação é fornecida, os jurados não leem, porque são muitas quadrilhas em uma noite.

A criação dos trajes é uma das atividades mais importantes nos períodos que antecedem o início do junino. Os modelos que serão usados são mantidos sob o máximo sigilo até sua revelação em eventos que procuram promover o engajamento dos brincantes e funcionam para arrecadar recursos para arcar com os custos da quadrilha – e que vão muito além dos trajes. O evento deve gerar visibilidade na mídia, na imprensa especializada e nas redes sociais.

Os figurinistas de quadrilhas, hoje, são grandes pesquisadores de tendências. Dos brincantes aos destaques, todos participam de festivais competitivos – nestes detalhes como criatividade, qualidade e luxo de materiais e confecção criteriosa dos trajes fazem a diferença e podem garantir a vitória. Os trajes são

pensados para interagir com a coreografia: o movimento das saias cria cenas que marcam a gestualidade dos brincantes e destaques.

Ainda que os brincantes reconheçam a importância dos trajes em suas *performances*, reclamam do sacrifício que fazem, além do financeiro, de dançar com corpetes apertados em que mal respiram, sapatos apertados, uso de tecidos sintéticos ou inadequados. As reclamações partem tanto de damas e cavalheiros como de destaques.

Os trajes de quadrilha são usados em *performances* dançadas: são coreografias em que os trajes não são pensados, tendo em mente o conforto do artista que o veste. Presenciei desmaios de uma noiva que reclamou do corpete apertado em demasia e ouvi reclamações de brincantes sobre corpetes em veludos que provocavam muito calor. Outras reclamações constantes foram por causa dos arranjos de cabeça e dos sapatos apertados. Nas apresentações, nenhum brincante manifestou desconforto: são artistas e interpretam um personagem. A plateia nada percebe e aplaude. Findas as apresentações, vi, algumas vezes, brincantes se despindo e retirando os calçados com rapidez em busca de conforto.

Um detalhe que destoa do caráter espetacular são os trajes coadjuvantes nas apresentações. Uso esse termo para caracterizar os figurinos que são utilizados por cima dos trajes principais e que não funcionam esteticamente, quando não há tempo de se fazer troca de trajes entre uma transição de cena e outra. Entretanto, em 2022, vi uma apresentação da quadrilha Zé Testinha, que desenvolveu uma sobreposição criativa e que acrescentava à apresentação uma troca de trajes.

A facilidade de acesso aos meios digitais possibilita um campo maior de pesquisas para o desenvolvimento de trajes, compra de materiais, encomenda de acessórios ou até mesmo comercialização de trajes já utilizados, tendo em vista que muitas quadrilhas não possuem recursos para confeccionar os trajes e compram figurinos usados que são adaptados aos seus temas, uma alternativa bem comum em todo o Nordeste. A pandemia de covid-19 encerrou muitas quadrilhas pela escassez de recursos. No caso de quadrilhas grandes, chamadas ricas, a quadrilha banca os trajes dos noivos e rainhas como forma de mantê-los nos grupos. É importante pontuar que brincantes, rainhas e noivos trocam de quadrilhas pelas que lhes podem oferecer maior destaque e benefícios.

Observou-se que algumas tradições são mantidas e geram discussões, como a cor branca dos trajes dos noivos. A falta de conhecimento, em muitos casos, de história da indumentária e da moda, mesmo que os figurinistas cometam ousadias e defendam suas criações, faz com que os jurados penalizem as quadrilhas. Ressalto que é preciso mais informações sobre história, modelagem, ergonomia e tecnologia têxtil nas formações de jurados e figurinistas.

Cabe aos figurinistas o papel de grandes tradutores do tema na quadrilha. Pesquisando o tema, desenvolvendo os croquis e confeccionando a peça-piloto, em trabalho solo ou em equipes, são eles que vão seduzir o público nas apresentações, tendo em vista a importância dos trajes. A maioria já possuía experiência com quadrilhas, pois começaram como brincantes. Muitos conhecem a complexidade do processo de criação e procuraram

estudar *design* de moda em cursos superiores. Aqueles que não passaram pela Academia buscaram cursos técnicos e todo esforço se reflete no resultado das quadrilhas cearenses, que hoje em dia exportam talentos dessa área para todo o Brasil. O ponto negativo que detectei no trabalho dos figurinistas foi que são pouco remunerados, e muitas vezes, trabalham por amor e comprometimento com as quadrilhas. São nos festivais que eles divulgam seu trabalho e onde podem receber convites para outros trabalhos. Também fazem intensa divulgação dos trajés e processos de criação em redes sociais.

A hipótese do trabalho foi comprovada: parece claro que o trabalho da mídia é determinante na criação dos trajés das quadrilhas. A moda e toda a estrutura que a sustenta tem se mostrado presente nos mais distintos processos criativos – partindo mesmo da formação do figurinista de quadrilhas, que sai, hoje, de cursos universitários em que a história da moda é uma das disciplinas.

Mas... Estas interferências de mídia e da moda (e dos modismos!) de fato alteram a tradição das quadrilhas juninas?

A comparação dos trajés tradicionais com os estilizados é muito comum entre defensores tradicionalistas e aqueles que entendem as mudanças como uma evolução ou uma trajetória necessária para a manutenção da atividade. As quadrilhas estilizadas são as que mais chamam atenção nos festivais, pois trajam figurinos carregados de bordados, anáguas volumosas e as apresentações são espetaculares, carregadas de efeitos especiais, como gelo seco e o uso de gruas que suspendem os destaques. Enquanto espetaculares, os trajés são muito

importantes, pois são os elementos mais apreciados numa apresentação. É importante destacar o trabalho de costureiras e bordadeiras que trabalham em ritmo acelerado na construção dos trajes nos períodos que antecedem as festas juninas, executando trajes que exigem técnicas e conhecimentos específicos desenvolvidos na experiência de trabalhar costurando trajes juninos.

Os trajes de quadrilha são um registro do nosso tempo: transmitem uma série de significados nas *performances* das quadrilhas. Dentro do espetáculo é possível identificar as mudanças sociais das últimas décadas que geraram estéticas que foram se transformando – o que não significa descaracterização – e produzindo memórias, marcando registros que se transformam na própria identidade dos trajes de quadrilha. É curioso pensar que há elementos tradicionais da história da moda, como o uso das anáguas volumosas, que fazem parte dos trajes estilizados, mas não das vestimentas das quadrilhas ditas tradicionais!

Por fim, ressalto que participar de uma quadrilha pode ter um alto custo financeiro. Os brincantes, além de adquirirem seus trajes, pagam taxas, através de um carnê, que vai ajudar a custear as bandas regionais e adereços. O luxo dos trajes de quadrilhas atuais tem preço e é pago com muito esforço –, para alguns brincantes, significa ter que abrir mão de muitas coisas, economizando para poderem custear um sonho, que é dançar e ter um traje que se destaca: luxuoso e carregado de bordados e cristais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. G. M.; FREITAS, A. C.; SILVA, M. F. da R.; PAULA, G. C. R.; SILVA, S. M. P., & Sousa, L. M. S. As quadrilhas juninas e o São João em Sergipe. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 14, p. 16-26, 2020. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1149/897>. Acesso em: 12 out. 2022.

ALMEIDA, R. P. **As Festas de Lisboa: indução da Tradição**. Lisboa: CLEPUL, 2017.

ALVES, E. P. M. O consumo da tradição e a fruição do inautêntico: cultura e mercado nas festas-espetáculo do ciclo junino no Nordeste. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 48, n. 1, p. 208-244, jan./jul., 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27508/1/2017_art_epmalves.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

ARAGÃO, P. M. Entre polcas, quadrilhas e sambas: processos de mudança musical no choro a partir de análises comparativas entre gravações fonográficas no século XX. **Claves**, [S. l.], n. 10, mar., 2014.

ARAÚJO, S. S. M. de; SANTOS, M. R.; MOURA, C. A. S. de. “Acorda povo que o galo cantou”: uma expressão cultural na periferia do Recife. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 58, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/117939/pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

BARBOSA, G. F. **Dança de salão como prática educativa na aula de educação física: o ensino médio no contexto**. 2010. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais-BH, 2010. Disponível em: <http://150.164.124.4/eeffto/DATA/defesas/20150713175446.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

BARROSO, H. C. A produção do gênero na/da cultura popular: problematizando um *habitus* de gênero junino: The production of gender in/of popular culture: problematizing a habitus of the June genus. **Caminhos da História**, [S. l.], v. 24, n. 1, 9-27, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2593>. Acesso em: 14 out. 2023.

BARROSO, H. C. “Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com Sinhá”: a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos. 2019. 169f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42336>. Acesso em: 16 out. 2022.

BARROSO, H. C. “O São João é gay”!: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. **Revista Periódica**, [S. l.], v. 1, n. 6, p. 179-197, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34146>. Acesso em: 16 out. 2022.

BARROSO, H. C. Mercadores da Tradição: os usos da tradição nas quadrilhas juninas do Ceará. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 42-63, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52262>. Acesso em: 14 out. 2023.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. **Dialética da colonização**, [S. l.], v. 3, p. 308-345, 1992. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/bosi/bosi.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BOUCHER, F. **História do vestuário no Ocidente**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRAGA, J. Histórias: estilo e moda. **Dobra [s]**, Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 7, n. 16, p. 36-38, 2014.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1989.

CARVALHO, B. F. C. B.; COSTA, C. S. Festas de São João: Das Origens à Atualidade. In: RIBEIRO, Rita; ARAÚJO, E.; SILVA, M.; FERNANDES, A. (Eds.). **Festividades, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade**, 2022. p. 73-83. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/68857>. Acesso em: 22 dez. 2022.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Ediouro S.A, 1954.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: INL, 1972.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

CASTAGNA, P. **A música urbana de salão no século XIX**. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2003.

CASTRO, T. S. **Política das relações quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar**, em Sobral/CE. Dissertação (Mestrado) - Brasil, 2018.

CHIANCA, L. **A festa do interior** - São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EDUFRN, 2006.

CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 2, 2007.

CHIANCA, L. O auxílio luxuoso da sanfona: tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. **Revista Observatório Itaú Cultural**, [S. l.], n. 14, mai. 2013.

CHIANCA, L. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e cultura**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 45-59, 2007.

CHIANCA, L. O vídeo como instrumento de pesquisa: festa junina em Campina Grande (PB). **Sociologia da Imagem**, [S. l.], p. 47, 2004.

CLARA, G. M. S. R. S.; PEDRO, A.; LAGARTO, A. **O desenho de figurino e a formação acadêmica**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Lisboa, 2010.

COX, B. *et al.* **Última moda**: uma história ilustrada do belo e do bizarro. São Paulo: Publifolha, 2013.

DAMASCENO, M. D. F. **Do artesanato ao paetê - A espetacularização dos figurinos de quadrilha junina**: o caso da Junina Babaçu. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

D'AMORIM, E. **Do lundu ao samba**: pelos caminhos do coco. João Pessoa: Ideia, 2003.

DELFINI, L. **Festas populares do Brasil**. São Paulo: Editora Europa, 2011.

DUARTE, C. S. G. A Ilustração de moda e o Desenho de moda. **Moda palavra e-periódico**, [S. l.], n. 6, p. 50-58, 2010.

ESTEVAM, R. S. **Marcadores de quadrilhas juninas em Belém do Pará**: uma rasgação de afetos, trajetos e espetacularidades. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12321/1/Dissertacao_MarcadoresQuadrilhas-Juninas.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

FRANÇA, M. F. N.; DE SOUZA, R. M. N. Festa Junina, tradição representativa da cultura popular no Brasil. **Cultura, arte y sociedad**, p. 75.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GIFFONI, M. A. C. **Danças Folclóricas da Europa**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1974.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, M. A. **Perspectiva millennial sobre a compra online de vestidos de noiva**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2017.

LÉLIS, C. **São João**: manifestação de fé, celebração da alegria. Desenvolvimento de material didático ou instrucional - folder informativo. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 2004.

LIGIÉRO, Z. A performance da memória e a leitura do mundo. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 22, n. 35, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/14132>. Acesso em: 09 jul. 2023.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Editora Companhia das Letras, 2009.

LOEB, A. L. Symmetry in court and country dance. **Computers & Mathematics with Applications**, [S. l.], v. 12, n. 3-4, p. 629-639, 1986.

LUCENA FILHO, S. A. **Festas Juninas em Portugal**: marcas culturais no contexto do folkmarketing. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

MACHADO, R. C. **Dicionário musical**. Nova edição aumentada pelo autor e por Raphael Machado Filho. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro Editor, 1909. p. 183.

MARCHINNI, J. A. **Terminologia do vestuário**. São Paulo: SENAI, 1996.

MELO, D. Festa popular e identidade nacional nos dois lados do Atlântico durante o século XX. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 181-200, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/25357>. Acesso em: 14 out. 2023.

MELO, J. E. Quadrilha estilizada, hibridização, resistência, ou uma invenção da tradição? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 19, 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UFPB, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19747>. Acesso em: 26 out. 2021.

MENEZES N. Hugo. Música e festa na perspectiva das quadrilhas juninas de Recife. **Revista Antropológicas**, v. 19, n. 26, p. 103-133, 2015.

MESQUITA, M. L. No Ceará é assim: gênero, dissidência e tradição na (re)invenção da feminilidade em concursos de beleza gay. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 47, n. 1, 2021. e38152. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2021.1.38152>. Acesso em: 14 out. 2023.

MOORE, L. **Dance**. Chicago: The Electronic Encyclopedia of Chicago, 2004. Disponível em: [https://www.libraryofdance.org/manuals/1900-Moore-The_Dance_Ancient_and_Modern_\(LOC\).pdf](https://www.libraryofdance.org/manuals/1900-Moore-The_Dance_Ancient_and_Modern_(LOC).pdf) Acesso em: 14 out. 2023.

MORAES, G.; CORRÊA, C. Danças brasileiras: conhecendo as regiões do Brasil através da dança. *In*: COLÓQUIO DE HISTÓRIA, 5, 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: Unicap, 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Colp.487-494.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

NOLETO, R. S. **Brilham estrelas de São João: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém-PA**. 2016. 351 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NOVAES, M. S. S.; OLIVEIRA, J. C. A. Foi numa noite igual a essa: cultura popular e tropeirismo na festa junina. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 15, 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Uplod-484/112427.pdf>. Acesso: em 12 fev. 2023.

O'HARA, G. **Enciclopédia da Moda**. São Paulo: Cosac y Naify, 1992.

OLIVEIRA, C. D. M. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator**, Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 23-32. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273620627004>. Acesso em: 14 out. 2023.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARFITT, C. The contredanse, the quadrille, and the cancan: dancing around democracy in post-revolutionary Paris. *In: CONFERÊNCIA DE ACADÊMICOS ESTABELECIDOS, SOCIEDADE PARA PESQUISA EM DANÇA*, 2008, Londres. **Anais [...]**. Londres: Roehampton University, 2008. Disponível em: <https://eprints.chi.ac.uk/id/eprint/1046>. Acesso em: 14 out. 2023.

PAULINO, T. Palco de disputas e disputas pelo palco no “país do forró”. 2017. 212 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7235>. Acesso em: 14 mar. 2023.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. Trad. Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

PENA, J.; ANGLÈS, H.; GAVALDÁ, M. Q. **Diccionario de la mú-**

sica Labor. Madrid: Editorial Labor, 1954.

PRADO, S. M. M.; LEAL, M. L. Vestido de noiva: um dia de “cinderela”. Análise da indumentária como artefato cultural em fotografias de casamentos Wedding dress: a “cinderela” day. Analysis of clothing as a cultural artifact in wedding photographs. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 32655-32675, 2022.

PREZIA, B. As raízes indígenas das festas juninas. **Vida pastoral**, [S. l.], a. 61, n. 333, p. 30. Disponível em: https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2020/04/VP-333_site_final.pdf#page=32. Acesso em: 05 jan. 2023.

RAPOSO, A. A. **Balancê Anavantur no Coração, o Ritmo do Quadrilheiro na Festa de São João**. Editora Appris, 2020.

ROCHA, H. **Tradição e modernidade nas quadrilhas juninas em Fortaleza**. Monografia de Graduação (Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, 1995.

ROCHA, M. D.; QUEIROZ, M. O significado da cor na estampa do tecido popular: a chita como estudo de caso. **Colóquio de Moda**, [S. l.], v. 6, p. 5, 2010. Disponível em: https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20%202010/68848_O_significado_da_cor_na_estampa_do_tecido_popular_-_a_.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

RODRIGUES, P. A. P. Datas e Práticas Festivas no(s) Espaço(s) Público(s) Lisboaeta(s) (1974-2005). In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., Lisboa, 2008. **Anais [...]**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008.

SANTOS, L. F. **As quadrilhas juninas do Ceará nas narrativas dos mestres brincantes: das raízes ao espetáculo turístico**. 2019.

Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2019) - Universidade Estadual do Ceará, 2019. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=86272>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SANTOS, M. R. **Acorda Povo e Bandeiras dos Santos Juninos**: Pesquisa sobre o patrimônio cultural imaterial de Pernambuco/ Mário Ribeiro dos Santos. Recife: Edupe, 2020.

SANTOS, M. R. **Cartilha Ciclo Junino 2008**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

SILVA, A. S. M. **Um estudo sobre as transformações da quadrilha junina**. Explosão Nordestina (Santa Rita, PB). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19747>. Acesso em: 14 out. 2023.

SILVA, E. G. F. *et al.* A Voz Nordestina em Cena: vivências na preparação vocal com Marcadores de Quadrilha Junina em João Pessoa (PB). **Voz e Cena**, [S. l.], v. 1, n. 02, p. 40-68, 2020.

SILVA, F. N. **Cartoquadrilha em Cena**: a Quadrilha Junina como locus de afirmação do Artista-quadrilheiro na Pós-Modernidade. 2016. Monografia (Licenciatura em Dança) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, J. F. As principais personagens da quadrilha junina em Maceió: características e elementos estéticos. **Cadernos Cênicos**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 14-14, 2020.

SILVA, L. M. A Influência portuguesa nas tradições e festas. APDR CONGRESS, 24, 2017, Covilhã, Portugal. **Anais [...]**. Co-

vilhã, Portugal: Universidade de Lisboa, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Campina2/publication/320908907_Abandono_Demografico_um_desastre_anunciado/links/5a01e139aca272e53ebe90cf/Abandono-Demografico-um-desastre-anunciado.pdf#page=154. Acesso em: 02 mar. 2023.

SILVA, M. L. B.; LUCENA FILHO, S. A. A festa junina de roupa nova: uma análise dos figurinos das quadrilhas estilizadas sob o olhar da folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 30-43, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/>. Acesso em: 14 out. 2023.

STEVENSON, N. J. **Cronologia da Moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Editora Zahar, 2012.

TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TOLSTÓI, L. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.

TRABUCO, Á. P. L. O sauté da dança em descompasso com a tutela autoral. 2021.

TRIGUEIRO, O. M. A espetacularização das culturas populares ou produtos folkmediáticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 11, 2004, Goiânia - GO. **Anais** [...]. Goiânia-GO: Kepls, 2004.

VASCONCELOS, L. P. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Editora L&PM Pocket, 2009.

VIANA, F. O traje de cena como documento. **Sala Preta**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 130-150, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v17i2p130-150>. Acesso em: 14 out. 2023.

VIANA, F.; BASSI, C. **Traje de cena, traje de folgado**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

VIANA, F.; MUNIZ, R. Figurino: muito além de teatro e moda. **Obra [s]**: Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 29-31, 2007.

VIANA, F.; PEREIRA, D. R. **Figurino e cenografia para iniciantes**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2021.

VILELA, N. Festas de junho: rituais pagãos. **CADUS - Revista de Estudos em Política, História e Cultura**, v. 1, n. 1, 2015.

ZAMITH, R. M. A dança da quadrilha na cidade do Rio de Janeiro: sua importância na sociedade oitocentista. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 113-132, maio, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12611/9791>. Acesso em: 14 out. 2023.

ZARATIM, S. R. Interação e performatividade nas festas juninas. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 372-384, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/frag.v28i3.6675>. Acesso em: 14 out. 2023.

ZUCON, O.; BRAGA, G. **Introdução às Culturas Populares no Brasil**. Curitiba: Editora InterSaberes, 2012.

SITES CONSULTADOS

ALMEIDA, Dryelle. Como cuidar dos seus figurinos. **Ana Botafogo Maison**, 2016. Disponível em: <https://anabotafogomaison.com.br/como-cuidar-dos-seus-figurinos/#:~:text=D%C3%AA%20prefer%C3%AAncia%20por%20guardar%20seu,excesso%20de%20umidade%20do%20ar>. Acesso em: 3 nov. 2022.

CEARÁ. Secult CE abre inscrições para o XXII Edital Ceará Junino para os festivais regionais e XVII Campeonato Estadual Festejo Ceará Junino 2022. **SECULT**, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2022/05/09/secult-ce-abre-inscricoes-para-o-xxii-edital-ceara-junino-para-os-festivais-regionais-e-xvii-campeonato-estadual-festejo-ceara-junino-2022/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CULTURA MIX. Os maiores comediantes brasileiros de todos os tempos. **R7.com**, 2013. Disponível em: <https://famosos.culturamix.com/noticias/os-maiores-comediantes-brasileiros-de-todos-os-tempos>. Acesso em: 25 out. 2021.

DUTRA, Giselle. 'Noiva' faz lipo e gasta R\$ 2,5 mil em vestido para dançar quadrilha no CE. **G1**, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/sao-joao-no-ceara/2012/noticia/2012/06/noiva-faz-lipo-e-gasta-r-25-mil-em-vestido-para-dancar-quadrilha-no-ce.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GRAPHIC ARTS COLLECTION. **Marie Antoinette, girl next door**. 2019. Disponível em: <https://graphicarts.princeton.edu/2019/04/02/marie-antoinette-girl-next-door/>. Acesso em: 7 set. 2022.

GURGEL, Jeritza. “O meu ouvir é através do olhar e da vibração”: conheça Mara Alexandre, rainha surda do São João. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/sisi-por-jeritza-gurgel/o-meu-ouvir-e-atraves-do-olhar-e-da-vibracao-conheca-mara-alexandre-rainha-surda-do-sao-joao-1.3242233>. Acesso em: 10 fev. 2022.

KAMOTO, Fábio. Luto: morre aos 68 anos Álvaro Almeida, proprietário da maior empresa de calçados da cultura junina do Nordeste. **Blog do Fábio Kamoto**, 2021. Disponível em: <https://fabiokamoto.com.br/luto-morre-aos-68-anos-vitima-do-novo-coronavirus-alvaro-almeida-proprietario-da-maior-empresa-de-calcados-da-cultura-junina-do-nordeste-esposa-faleceu-ha-dois-dias/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

MARKMAN, Luna. No Recife, quadrilha junina ousa com beijo gay em casamento matuto. **G1**, Pernambuco, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/sao-joao/2013/noticia/2013/06/no-recife-quadrilha-junina-ousa-com-beijo-gay-em-casamento-matuto.html>. Acesso em: 2 out. 2022.

MORENA, Carlla. No Arraiá da Capital, quadrilhas juninas contam histórias através da dança. **Vida e Harmonia**, 2022. Disponível em: <https://vidaeharmonia.com.br/noticia/1114/no-arraia-da-capital-quadrilhas-juninas-contam-historias-atraves-da-danca>. Acesso em: 29 jul. 2022.

RODEO WEST. **Universo chapéus country**: diferentes modelos e usos. 2015. Disponível em: <https://blog.rodeowest.com.br/moda/universo-chapeus-country-diferentes-modelos-usos/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

ROYAL COLLECTION TRUST. Are you going to a New Year's Eve party this evening? Why not try dancing the Quadrille as Queen Victoria did to welcome in 1847? **Facebook**, 31 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=678362372323317&id=262662820559943&set=a.309459825880242&loc>. Acesso em: 15 out. 2022.

ROYAL COLLECTION TRUST. **Queen Victoria, Prince Albert, Victoria Princess Royal and Crown Prince Friedrich of Prussia**. [s. d]. Disponível em: https://www.rct.uk/collection/605964/queen-victoria-prince-albert-victoria-princess-royal-and-crown-prince-friedrich-of?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_content=&utm_campaign=311216&fbclid=IwAR1cn-F96OGMBv-Wdh2bspXevk2JvBFg8F_LEHIXH8hMeiRF6BKcGo-qnmBQk. Acesso em: 29 out. 2022.

SEQUEIRA, Domingos António de. **Retrato de D. Carlota Joaquina, rainha de Portugal**. MASP, [s. d.]. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retrato-de-d-carlota-joaquina-rainha-de-portugal>. Acesso em: 2 out. 2022.

TESTONI, Marcelo. Por que às vezes o suor endurece e mancha as roupas de amarelo? **Uol**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/07/por-que-as-vezes-o-suor-endurece-e-mancha-as-roupas-de-amarelo.htm>. Acesso em: 15 nov. 2022.

THE GUARDIAN. **Christian Dior and fashion**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.theguardian.com/fashion/2019/jan/20/christian-d>. Acesso em: 9 nov. 2022.

THE UNDERPINNINGS MUSEUM. **Red cage crinolette**. 2018. Disponível em: <https://underpinningsmuseum.com/museum-collections/red-cage-crinolette/5>. Acesso em: 11 nov. 2022.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível graças à colaboração de diversas pessoas que contribuíram para sua construção e finalização.

Aos deuses, que me deram saúde para sobreviver à pandemia e sabedoria, para passar duas vezes no programa de doutorado.

À Maria Madalena Bonfim Ferreira, pelo suporte em São Paulo e pela amizade.

Aos colegas do meio junino, que colaboraram com informações preciosas, em especial, ao professor Aterlane Martins, à Rede Nacional de Pesquisa em Quadrilhas Juninas, e também a Marcos Evangelista, Ticiania Zacarias, Rui Maia, Hallysson Melo, Joaquim Sotero, Ronny Pinheiro, Felipe D’Tasso, Irê Rocha, Tácio Monteiro, Victor Chacon, Joilene Coelho e Vando Rodrigues.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo, responsável pela minha formação. Agradeço, especialmente, aos professores e professoras do PPGAC, com os quais cursei disciplinas.

Às professoras Luciana Chianca e Renata Cardoso, pelas contribuições preciosas na banca de qualificação.

Aos colegas de doutorado, pelas trocas preciosas em classe e extraclasse.

À minha família, que nem sempre me apoiou nas minhas decisões, mas que nunca atrapalhou minhas escolhas.

Aos amigos próximos que posso contar sempre.

À Maria de Nazaré Fontenelle Lima, que me ensinou a amar o teatro.

Aos membros da banca de defesa final.

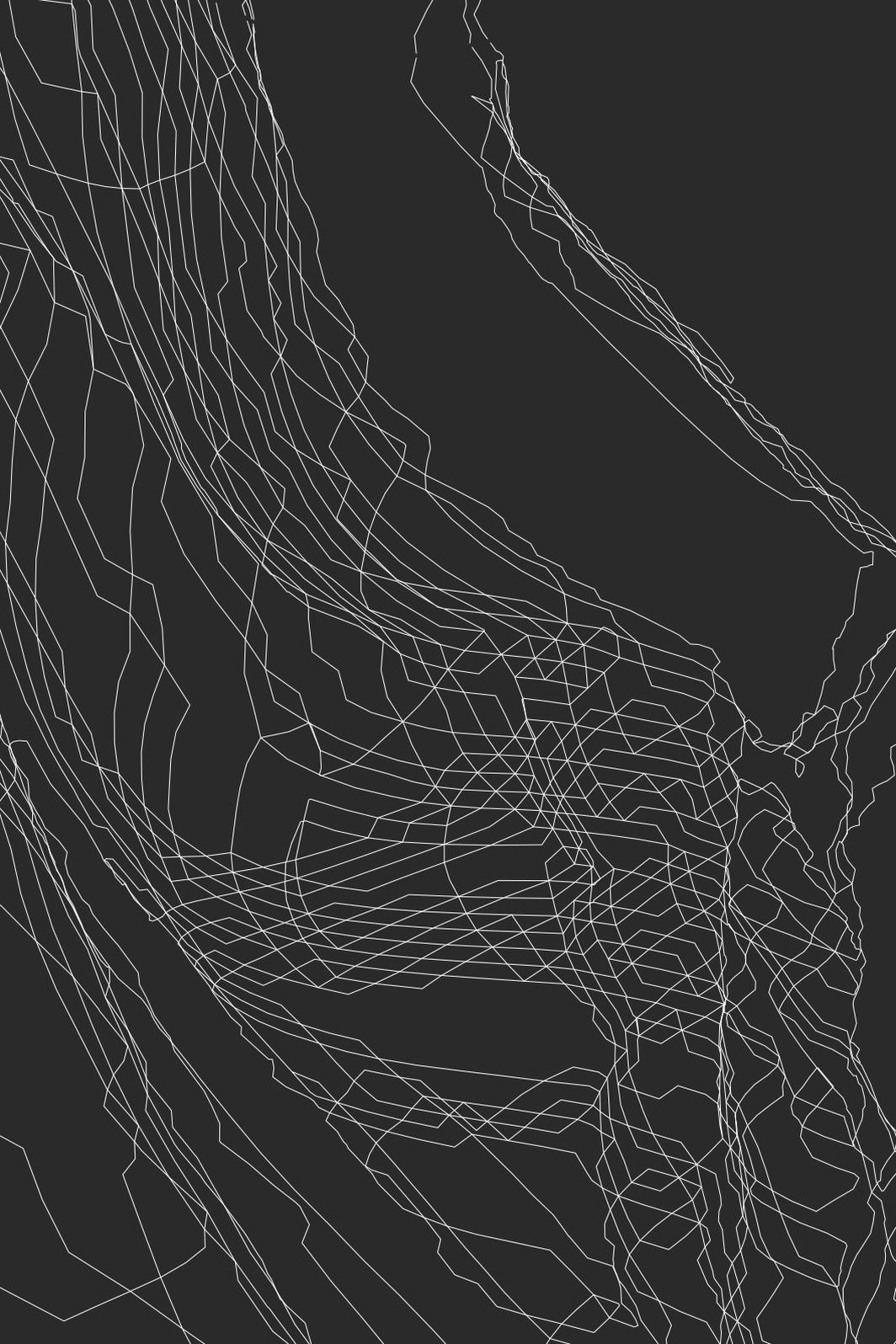
Ao meu orientador, professor doutor, Fausto Roberto Poço Viana, pela paciência infinita e orientação, e por acreditar que eu seria capaz de fazer este trabalho, nas duas vezes em que fui aprovado no programa de doutorado.

Ao Governo do Estado do Ceará através do Edital Territórios.

Este livro foi composto nas tipografias Book Antiqua e Source Sans/Code.
Miolo impresso em papel Pólen Soft 80 g/m2, capa em
Cartão Triplex 250 g/m2. Impresso pela Gráfica LCR.



Ricardo André Santana Bessa é amazonense e radicou-se no Ceará em 1982. Bacharel em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Escrita Literária pelo Centro Universitário Farias Brito. Mestre em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário Senac São Paulo. Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo. Fez estágio em métodos de *prêt-à-porter* e alta-costura, em Lyon, França, e curso de trajes do século XIX na Universidade de Bournemourth, Inglaterra. Tem registro como ator, produtor, diretor e figurinista no Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos do Estado do Ceará. Ministrou diversos cursos nas áreas de arpillharia, criação, costura, modelagem e figurinos para o Ministério da Cultura, Secretaria da Cultura do Ceará, Escola livre de Teatro Boca Rica, Instituto Prosperar e Escola de Design de Moda. Foi professor de cursos superiores em Santa Catarina, São Paulo e Fortaleza. Autor de “Dramaturgia de Ricardo Andrés Bessa”. Possui diversos artigos publicados em livros e anais de eventos no Brasil e no exterior. É pesquisador da área de Trajes de Cena e Moda.



Territórios de Criação

Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

A Editora da Uece acredita no poder da arte e da cultura como direitos básicos do ser humano. Por isso, tem investido na publicação de obras que disseminam as riquezas do pensamento e da criação artística do Ceará e, para permitir cada vez mais o acesso e a difusão desses temas, criou, em parceria com a Secretaria da Cultura do Ceará, o selo Arte, Cultura e Conhecimento. Agora celebramos a publicação da coleção Territórios de Criação, com vinte estudos sobre arte e cultura, selecionados por meio de edital, para que essas vozes do sonho, da diversidade, das identidades, dos encantos, do hoje e das tradições sejam preservadas e difundidas.

Cleudene Aragão
Diretora da Editora da UECE



EDITORA

PARCEIRO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 135/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
CULTURA É CONSTITUCIONAL